LAURA GUTMAN

O PODER DO DISCURSO MATERNO

Introdução à metodologia de construção da biografia humana

EDITORA ÁGORA

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G992p

Gutman, Laura
O poder do discurso materno : introdução à metodologia de construção da biografia humana / Laura Gutman ; tradução Lizandra Magon de Almeida – 1. ed. – São Paulo : Ágora, 2013.

Tradução de: El poder del discurso materno
ISBN 978-85-7183-126-1

1. Maternidade – Psicologia. 2. Mulheres – Aspectos psicológicos I. Título.

13-01401 CDD: 155.333

CDU: 159.922.1-055.3

Compre em lugar de fotocopiar.
Cada real que você dá por um livro recompensa seus autores
e os convida a produzir mais sobre o tema;
incentiva seus editores a encomendar, traduzir e publicar
outras obras sobre o assunto;
e paga aos livreiros por estocar e levar até você livros
para a sua informação e o seu entretenimento.
Cada real que você dá pela fotocópia não autorizada de um livro financia o crime
e ajuda a matar a produção intelectual de seu país.

Laura Gutman

O poder do discurso materno

Introdução à metodologia de construção da biografia humana

EDITORA
ÁGORA

Do original em língua espanhola

EL PODER DEL DISCURSO MATERNO

Introducción a la metodología de construcción de la biografia humana

Copyright © 2011 by Laura Gutman

Direitos desta tradução reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Editora assistente: **Salete Del Guerra**

Tradução: **Lizandra Magon de Almeida**

Capa: **Buono Disegno**

Imagem da capa: **Markovka/Shutterstock**

Projeto gráfico, diagramação e produção de ePub: **Crayon Editorial**

Editora Ágora

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7° andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

http://www.editoraagora.com.br

e-mail: agora@agora.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3873-7085

e-mail: vendas@summus.com.br

A meus filhos, Micaël, Maïara e Gaia

Sumário

Capa
Ficha catalográfica
Folha de rosto
Créditos
Dedicatória
Algumas explicações pertinentes
1. Alguém dá nome ao que acontece
    A consciência se lembra do que é nomeado
    A constituição do personagem
    Ser amado a partir do personagem
    Quanto maior o desamparo emocional, mais refúgio no personagem que confere identidade
2. O discurso materno
    Detectar o discurso materno
    Por que é importante descobrir pela boca de quem o indivíduo fala?
    Como conseguir não impor um discurso iludido a nossos filhos
3. O discurso do “eu iludido”
    Quando nosso discurso se apropria da voz oficial
    Reforçar o personagem que nos deu amparo
    O fascínio gerado pelos personagens
4. Histórias comuns
    Defendendo o discurso materno
    Miranda: a invisibilidade como refúgio
    Ricardo: um franguinho molhado e furioso
5. Os estragos da repressão sexual
    Patriarcado e repressão sexual
    Daniela: moral, mentiras e sexo
6. Fora do nicho
    A repressão das pulsões básicas
    Tudo que pensamos no nicho
    Amparo: a distância entre o correto e a verdade interior
7. O abuso sexual como sistema vincular
    Reflexões gerais sobre o abuso sexual
    Isabela, em busca de seu feminino interno

8. As palavras que curam
    O que o discurso materno não diz
    As biografias humanas realizadas pela internet
    João e sua falta de palavras
    A função das palavras que descrevem realidades internas
    Ana e sua filha adolescente
9. A busca de si mesmo
    Cada biografia humana é um universo em si mesmo
    A busca de si mesmo

Algumas explicações pertinentes

QUANDO DOU PALESTRAS E SEMINÁRIOS, há pessoas que estão mais interessadas em mim do que em ouvir o que tenho a dizer. Querem receber um sorriso, um abraço, um olhar. Na verdade, quando essas pessoas se inscrevem, pagando às vezes um bom dinheiro, perguntam se vão poder se aproximar para falar comigo a sós. Aguardam esse momento como uma criança espera olhar o Papai Noel de perto. É frequente projetarmos poderes mágicos sobre os outros. E também é comum que alguns nos disfarcemos de magos, um pouco para agradar e também porque acabamos acreditando que somos isso mesmo. Na verdade, cada um de nós é mago apenas em relação a si mesmo. A questão é que preferimos depositar no exterior coisas que cabem a nós assumir.

Se eu jogasse esse jogo, ficaria no tinteiro tudo que quero transmitir, que é o que vou tentar descrever neste livro. Até hoje, não consegui colocar em palavras escritas o trabalho minucioso da **construção da biografia humana**. Sei ensiná-la muito bem de forma pessoal, sei preparar profissionais extraordinários que trabalham com uma lucidez impecável, apoiando os processos individuais de centenas e centenas de homens e mulheres que procuram nossa instituição em busca de assistência. Mas até agora não soube passar isso à linguagem escrita, e esse é o meu objetivo.

Acredito que o grande obstáculo que nós, seres humanos, temos na atualidade – e é a chave para compreender globalmente a conduta humana – é a submissão infantil na qual permanecemos, em consequência do **poder do discurso materno**. Palavras ditas, repetidas várias vezes a partir de determinada lente – a de nossa mãe – que, em nosso caráter de crianças pequenas, adotamos como a única lente possível a partir da qual viver a vida. O modo como então perpetuamos esse "olhar", carregando uma longa herança de ordens, preconceitos, medos, moral, conceitos filosóficos, religiões e segredos, nos deixa devastados. Sem saber quem somos. **Perguntando a torto e a direito o que é bom e o que é ruim**.

O trabalho retrospectivo que cada indivíduo – estimulado por uma dificuldade vital – tem a oportunidade de empreender merece um percurso longo e penoso. É tão árduo e tão diferente em cada caso que eu mesma estou dando voltas há anos para encontrar uma maneira ordenada e sensível de explicar. A diversidade de experiências, processos pessoais, aberturas, perguntas e confrontações com o próprio material sombrio é muitíssimo mais rica do que a linearidade de uma teoria que pretenda recolher tais vivências. Por isso talvez seja pertinente que eu explique aos meus leitores como fui chegando, depois de quase 30 anos de trabalho, às reflexões que organizei neste livro, e para isso quero compartilhar algo de minha história profissional.

Talvez vocês saibam que comecei o trabalho de indagação sobre a conduta humana com base nas problemáticas atualizadas desse momento tão invisível e pouco valorizado socialmente que é o **fato materno**. Era tal a limitação das mães jovens, e de fato eu tinha tanta empatia por elas (sempre tive, inclusive antes de ser mãe), que me parecia natural, totalmente sensível e espontâneo, ajudar, apoiar, conter e traduzir todas as sensações ambivalentes que inundavam as

mães com bebês ou com crianças de colo. Assim começou meu trabalho. Ainda na época em que vivia em Paris, com meus dois primeiros filhos já nascidos, sendo testemunha da distância emocional de que padeciam muitos franceses (mais do que nós, latinos), sendo também testemunha dos maus-tratos nos partos, da difícil tarefa de amamentar, ainda quando a lactância não estava na moda e poucos pediatras a toleravam. Nesse momento – em meio aos meus ideais de juventude, ao exílio, à descoberta do feminismo, ao pós-Maio de 68, à macrobiótica e às correntes orientais progressistas que chegavam com suas lufadas de pensamentos livres – eu erguia todas as bandeiras sempre que houvesse uma boa causa a defender. Quem poderia ser contra? Incentivar as mães a amamentar só podia ser algo positivo. Era isso o que eu pensava, amparada por minha juventude.

Voltei a Buenos Aires e continuei o trabalho de "apoiar as mães". Claro, apoiar sempre é algo bom. E enquanto nós, mulheres, atravessávamos com maior ou menor desespero os períodos puerperais, sentindo-nos estranhas, loucas ou desequilibradas, uma palavra de apoio era bem-vinda. Os anos foram passando e, ao trabalhar com as mulheres, e aos poucos também com os homens – sentindo igualmente empatia, compaixão, carinho e todas essas coisas que nos aproximam dos seres humanos quando abrimos o coração –, comecei a me dar conta de que, na verdade, havia outros obstáculos muito mais profundos, internos e escondidos, que não tinham muito que ver com a dificuldade de ser mãe na sociedade atual, mas com a maneira como hoje cada um de nós examina a vida e a vive.

Timidamente, fui organizando um sistema de indagação, baseando-me no princípio nas lembranças da infância. Até que logo me dei conta de que as lembranças não eram assim, e de pouco serviam para chegar à verdade pessoal. As lembranças eram quase sempre **desbotadas**. Tergiversadas. Fui constatando que abordar as lembranças era uma tarefa muito difícil, assim como tentar limpar um quarto desorganizado e abandonado por 40 anos, cheio de panos sujos e sem utensílios para começar a arrumação. A vida das pessoas se apresentava da mesma forma: com urgência, para que, com um passe de mágica, esses quartos se tornassem um luxo para donzelas, mas sem indicações confiáveis para descartar o que não servia e deixar de lado o que lhes pudesse ser útil.

Algo também me chamava atenção: as urgências. Quanto maior a disponibilidade de minha parte, mais urgências apareciam. Rapidamente aprendi algo que logo confirmei: **as urgências só pertencem ao âmbito das equipes de hospitais e bombeiros**. Tudo mais precisamos de 30, 40 ou 50 anos para organizar, portanto necessitaremos de período semelhante para desmontar. Não podemos resolver tudo "isso" com urgência, mas com tempo.

Nessa época, também me chamava a atenção que as pessoas que tinham mais urgência eram as que menos estavam dispostas a olhar em seu interior e as que mais clamavam por soluções mágicas. Aprendi, pouco a pouco, que os tempos eram muito pessoais e as supostas soluções também. Portanto, não valia a pena se desesperar.

Vários anos depois, comecei a publicar livros. O mais bem-sucedido foi e continua sendo A maternidade e o encontro com a própria sombra, porque é um texto com o qual as mulheres se identificam. Elas leem e afirmam: "Isso acontece comigo, é igualzinho". Então, logo depois de ler e sentindo-se "compreendidas por alguém", projetam na autora um suposto saber,

acreditando que contarão com uma solução exata para resolver qualquer outro problema que possam ter. A reflexão mais frequente é a seguinte: “Se alguém sente ou pensa como eu, as conclusões a que chegar serão perfeitas para mim”. E apesar de ser um livro que traz alívio para muitas mulheres com crianças pequenas, encarado por muitas como uma “salvação” (simplesmente porque dá nome a estados alterados de consciência nos quais entramos após o puerpério, coisa que não é pouco, já sei), somos tentadas por um mecanismo conhecido: queremos nos sentir bem com a opinião alheia. E, se conseguimos obtê-la, já não estamos interessados em nos compreender mais.

Pois bem, mesmo que seja prazeroso encontrar pessoas que pensem como nós, **isso não serve para nada**. Simplesmente nos sentimos um pouco mais adequados, talvez. Mas nada além. Em meu modo de ver, o trabalho profundamente revelador é aquele voltado para **integrar nossa sombra**. Todos os mecanismos, sistemas, filosofias, linguagens ou metodologias que acompanhem os processos de encontro com a própria sombra são os que serão úteis para compreendermos nossas escolhas e a responsabilidade que acompanha cada decisão, seja ela consciente ou não. Somos nós, e apenas nós, que construímos nossa vida. Nada alheio a nós pode nos acontecer. E, se algo que construímos nos traz sofrimento, então cabe a nós compreender como foi organizado, se pretendemos desmontar isso com o que contribuímos para fazer funcionar. Espero que fique claro que **não há conselho que sirva**. Nenhum conselho serve para absolutamente nada.

Apesar dos pedidos constantes para que eu assuma o papel de mago que traz alívio às mães, não o fiz, pois é algo que desacredito totalmente. Bem ao contrário, ao longo dos anos fui afinando uma metodologia para abordar a realidade emocional de nós como indivíduos, despojando-nos de tudo que opinamos sobre nós mesmos. Tarefa muito difícil. Porque todos temos opiniões sobre tudo, e mais ainda sobre nós mesmos. E um dos obstáculos é deixar bem claro que o profissional que acompanha esses processos só trabalha como um **detetive**: organiza a informação, coloca-a sobre a mesa, descarta tudo que não se encaixa, descobre as peças faltantes, procura-as, ordena-as novamente, observa de todos os ângulos e até com zoom: se aproxima e se afasta, se aproxima e se afasta. Então, com toda essa informação reunida e organizada, deverá cotejá-la conosco, pois afinal se trata de nossa vida. Definitivamente, somos os únicos que podemos dizer “sim” ou “não” ao olhar o “mapa” de nossa história, a constelação, a estrutura familiar, ou como quisermos chamar.

Nesse sentido, o profissional não é alguém que necessariamente sabe muito. Nem é a pessoa a quem se pergunta o que devemos fazer sobre cada coisa que nos acontece. É apenas alguém treinado em certa **metodologia** de trabalho, que vai nos ajudar a organizar as lembranças, os sentimentos, o que foi nomeado durante nossa infância, o que não foi manifestado ou foi silenciado. É alguém que vai nos acompanhar para observar as cenas completas de nossa vida. Mas cada um é que vai constatar se as peças se encaixam internamente ou não.

Minha intenção neste livro é explicar como estamos realizando o trabalho de **organização da biografia humana**, como detectamos os personagens para então jogar as cenas na vida cotidiana, quem dá nome às coisas, e como apoiamos os processos de indagação pessoal, para compreender mais e melhor nossas escolhas cotidianas. Seguramente dentro de cinco anos

estaremos trabalhando de outra maneira, porque esse trabalho é dinâmico: muda em função de cada pessoa que nos procura, muda com cada profissional que submerge nessas descobertas, muda a cada instante. Sinto muito, mas isso acontece nesses tempos de internet e velocidades siderais: quando este livro estiver publicado talvez já tenhamos incluído umas tantas variantes em nossa forma de trabalhar.

Então, não importa o que é correto ou o que é incorreto. Não sou a favor nem contra nada. A única coisa que importa é compreendermo-nos mais e entendermos a lógica de nossas ações, de nossos rancores, de nosso medo ou de nossa rigidez. Se estamos procurando o equilíbrio fora de nós, não o encontraremos nunca; no máximo encontraremos aliados, mas isso é outra coisa.

Até mesmo explicando isso em cada circunstância, me encontro, várias vezes, com centenas e centenas de pessoas que, depois de me escutar um dia inteiro, ou dois dias, ou três... em jornadas longas e intensivas, me perguntam: "Diga-me, Laura, o que você opina sobre o leito compartilhado?" Ou sobre qualquer outra coisa: perguntam-me sobre as vacinas, a alimentação, a economia, a psicanálise tradicional, a política... e acontece que tenho minhas opiniões, como todo mundo, claro. Só que não tem nenhuma importância que eu opine, nem importa como gosto de viver minha vida. É assunto meu, e tem que ver... com minha sombra!, sem dúvida. Mas por isso mesmo, possivelmente, não encaixe na luz nem na sombra dos demais. Entretanto, temos a sensação de que, se alguém a quem delegamos o suposto saber nos diz algo que faz sentido, temos razão! E nos sentiremos mais fortes para discutir com alguém que pensa o contrário. Tudo isso, porém, não serve para nada. Só serve para perpetuar o personagem de alguém que necessita ganhar uma guerra para sentir que tem o direito de continuar vivendo. Mas se esse fosse nosso personagem... nossa tarefa seria desmascará-lo, em vez de alimentá-lo para que continue fazendo estragos pelo mundo.

É verdade que já ensino essa metodologia que proponho há muitos anos, e sempre surgem novos profissionais dispostos a me acompanhar nessa tarefa. O ensino muda, porque a prática cotidiana e a experiência abrem novos modos de encarar com amor e inteligência os acompanhamentos terapêuticos.

Para acalmar as fantasias dos leitores, gostaria também de explicar como funciona a escola de formação profissional que dirijo na cidade de Buenos Aires, à qual todos querem vir mas poucos suportam cursar até o final. Sinto-me na obrigação de explicar isso, não para vender um produto, mas porque muitos leitores sabem que os profissionais que trabalham ao meu lado foram todos formados em minha escola, que se baseia principalmente no estudo e na prática da metodologia da **construção da biografia humana**. Essa metodologia não é única, nem a melhor. Mas é boa e ajuda muita gente.

Diariamente recebemos pedidos pela internet para "abrir uma filial" de nossa escola em diferentes locais, em todas as partes do mundo. Entretanto, aprender a acompanhar processos individuais ou grupais do material sombrio não se resolve abrindo uma filial para apoiar as mães. Por isso meu objetivo é explicar da maneira mais explícita possível do que se trata.

Quanto à formação profissional, o primeiro ano é simples. Falo em todas as aulas. Mas, ao mesmo tempo, os alunos têm de participar de um grupo no qual dois profissionais de minha equipe de trabalho vão ajudá-los ao longo do ano a construir a **própria biografia humana**. E,

dentro do grupo, os demais colegas são testemunhas desse processo. Como a maioria dos alunos é composta por profissionais experientes de outras áreas, esse sistema de se "submeter" mais uma vez a rever a própria história causa rejeição e certa preguiça. Mas considero que não há "formação profissional" possível se não passamos pela peneira de nossos próprios personagens e ideias preconcebidas. Extraordinariamente, pretendemos abordar uma teoria apenas a partir do intelecto. Porém, em questões da alma humana, acredito que a maneira mais autêntica é colocar a mente a serviço do raciocínio ordenado e o coração a serviço da vibração intuitiva, ou seja, ambas as ferramentas humanas em uníssono.

Eu dizia a vocês então que todo o primeiro ano transcorre na descoberta de nossos personagens e, sobretudo, na aproximação com a realidade emocional de nossa infância, que quase sempre foi mais carente, solitária e maltratada do que imaginávamos. Por quê? Porque ninguém tinha nomeado algo assim. Este é o primeiro impacto: tomar consciência de que viemos de uma história emocionalmente bem mais árida do que tínhamos registrado, e com feridas abertas, sem sequer ter a consciência delas.

Para muitas pessoas essa passagem já é dolorosa demais, ou necessitam de mais tempo para continuar processando tudo que redescobriram (pois, honestamente, não há nada totalmente novo, só há uma maneira atualizada de observar e dar nome àquilo que sabemos de nós mesmos).

Aqueles que ainda têm vontade e entusiasmo empreendem o segundo ano da escola. No transcurso desse ano, já não vale a pena continuar nos escondendo. Dedicamo-nos a aprender a trazer os "mapas familiares" pessoais. Ou seja, desenhamos as cenas familiares completas, tanto as da infância como as da atualidade, e olhamos "de fora" todos os movimentos. O grupo inteiro de alunos é testemunha de cada mapa. Podemos dizer que cada aluno "empresta" sua história, sua organização de luz e sombra, para o estudo. No final do ano, atravessamos as dificuldades, as cegueiras e os preconceitos, que são os obstáculos mais frequentes para a abordagem de cada biografia humana. O maior susto dos alunos antes de começar é a fantasia de "ficar exposto". Mas, ao término do ano, damo-nos conta de que compartilhamos mais ou menos os mesmos sofrimentos, as mesmas couraças, o mesmo desamparo e os mesmos discursos enganosos. Não temos por que ter vergonha se estamos dispostos a ver o que é verdade e o que é discurso. Depois dessa experiência grupal – que costuma ser muito reveladora e complicada –, todos apreciamos uma sensação poderosa de irmandade e solidariedade, porque nos compreendemos mais. Em paralelo, os alunos continuam em seus respectivos grupos de indagação pessoal, dando ainda mais voltas em espiral sobre a própria biografia, e também sobre as dificuldades de abordar as problemáticas atualizadas.

Algumas pessoas conseguem concluir esses dois anos. Muito menos do que as que começaram com entusiasmo e vontade de trabalhar para ajudar os outros. Damo-nos conta de que temos muito para observar em nosso interior antes de querer que os outros mudem. Quase sempre acontece algo que não posso prever com antecedência. Muitas pessoas que começaram essa formação com o propósito de trabalhar com essa nova metodologia tomam consciência de que necessitam ou desejam continuar trabalhando sobre si mesmas. E concentram aí seu interesse. Paradoxalmente, outros que empreenderam essa viagem por curiosidade pessoal ou para se

sentir bem, ou porque acreditavam que aprenderiam a criar melhor os filhos, descobrem uma vocação, uma maneira de organizar o pensamento, um desejo potente de continuar se formando para trabalhar com outros indivíduos.

Nesse ponto, quase todos tiveram a experiência pessoal e grupal de quão **ingrato** e **doloroso** esse trabalho pode ser. Estamos procurando **sombra**. Se procuramos sombra, em geral não vamos encontrar nada bonito. As fantasias de ajudar as mães no puerpério com seus bebês continuam válidas, mas já temos uma aproximação maior de realidades emocionais tristes, violentas, hostis, áridas e quase nunca reconhecidas.

Nesse momento, depois de dois anos compartilhando o exercício de tirarmos as máscaras, e fazendo que esse "olhar para o outro lado trazendo a voz dos demais" se transforme em uma maneira de viver, faço uma escolha subjetiva. Sim. Simplesmente escolho entre meus alunos aqueles que parecem estar em condições de trabalhar no futuro em minha instituição, sob essa modalidade. Para isso, valorizo o processo que fizeram ao longo desses dois anos. **Não me importa a formação profissional anterior** (quero dizer exatamente isso: não me importa se são médicos, psicólogos, psiquiatras, sociólogos, advogados, arquitetos, professoras, professores de ioga, enfermeiros, buscadores sem rumo, donas de casa, jovens ou velhos, homens ou mulheres, com ou sem filhos, hétero ou homossexuais. Não me importa. Na verdade, não exijo nenhum requisito para ingressar em minha escola, exceto a intenção de abrir o coração e comprometer-se emocionalmente). De qualquer maneira, valorizo o processo pessoal que cada indivíduo percorreu com base em uma avaliação pessoal e subjetiva, portanto crivada de inexatidões e erros. E seguramente inundada de minha própria sombra projetada. Entretanto, até agora não encontrei outra forma de fazê-lo, então continuarei me equivocando.

Pois bem, essas pessoas escolhidas cursam um terceiro ano de aprendizagem. Tornam-se "praticantes". O sistema funciona assim: muitos indivíduos se comunicam com nossa instituição pedindo ajuda. Alguns não podem pagar os honorários. Então temos um serviço, para quem o solicita, de assistência com "honorários institucionais": um eufemismo estranho utilizado na Argentina que significa "barato". Essas pessoas que pagam pouco serão atendidas por alguns desses "praticantes" egressos de minha escola, a quem oferecemos pessoas reais para começar a trabalhar sempre sob a metodologia aprendida, ou seja, a **organização da biografia humana**. Sempre, sempre, sempre, não importa qual seja o motivo de consulta aparente do indivíduo que pede assistência. Durante esse terceiro ano de aprendizado, minha supervisão é permanente, caso por caso, entrevista por entrevista. Ao longo desse processo, os praticantes se encontram habitualmente com realidades ainda mais difíceis e dolorosas: indivíduos cegos, resistentes, sofredores, esquecidos, confusos, negadores, depreciativos – enfim, que usam os mecanismos de resgate emocional aprendidos durante a infância, e que ajudaremos a reconhecer como tais.

Durante esse ano de práticas aprendemos algo mais, também importante para o sistema de trabalho que implementamos: cada praticante aprende a escrever informes, depois de cada encontro, com uma ordem e um modo que vamos aceitando à medida que o ano passa. De minha parte, também vou ensinando a eles minha maneira de supervisionar, de organizar, de detectar o personagem, o discurso do eu iludido, traçamos os mapas, fazemos um acompanhamento bastante detalhado de cada atendimento. É muito trabalho e dedicação.

Esse terceiro ano costuma ser extremamente árduo. É um encontro brutal com a realidade. Ou, mais especificamente, com o buraco emocional abismal da maioria das pessoas que atendemos. Meu compromisso continua sendo muito dedicado e pessoal. Cada praticante enfrenta suas limitações, medos, dificuldades, sua própria ingenuidade e sua sombra. Definitivamente, também cada um se encontra com os indivíduos que lhe correspondem.

Quando o terceiro ano termina, encontro-me em uma nova situação antipática de escolha. Elejo as pessoas que considero em condições de trabalhar em minha equipe propriamente dita. Às vezes algumas delas solicitam retomar outro ano letivo no sistema de praticantes, porque reconhecem ainda sua sombra colando-se às histórias dos demais, sua dificuldade de organizar o pensamento ou a necessidade de continuar em treinamento. Cada ano é diferente. Alguns continuam seu caminho profissional, e levam tudo que aprenderam para exercer em suas diversas profissões. Outros têm o sonho de trabalhar na equipe que atende crianças.

Suponhamos que uma pessoa ingresse, em seu quarto ano, na equipe. Vai compartilhar as coordenações dos grupos. Ou seja, vai continuar aprendendo com um colega mais experiente e há mais anos trabalhando comigo. Desse modo, todo ano os mais "velhos" vão se entrelaçando com os "mais novos".

Essa equipe de profissionais que está em movimento contínuo tem algo muito particular que a torna especialmente rica. Todos conhecem as biografias humanas de todos e os processos que fizemos para chegar ao lugar em que estamos hoje. Portanto, quando nos defrontamos com uma dificuldade qualquer em relação a um indivíduo, um casal ou grupo, temos a capacidade de trabalhar não só a dificuldade de quem se consulta, mas a do profissional incluído nessa relação. Penso que é algo muito valioso, porque o lugar da consulta não deixa de ser um local simbólico para todos.

Quero contar a vocês algo mais: os profissionais que trabalham em minha equipe não deixam de se surpreender com quão **ingrato** pode ser esse trabalho. Há poucos momentos gratificantes e muitos, muitíssimos, nos quais ficamos submetidos a maus-tratos, manipulações, falta de pagamento, falta de compromisso, pretensões desmedidas, exigência de resultados e zangas projetadas. Sabendo que viemos das histórias que viemos, é lógico que seja assim. Porque somos uma massa de criancinhas desamparadas querendo que alguém atenda a todas as nossas necessidades. Necessidades infantis impossíveis de satisfazer, façamos o que fizermos. Por isso, muito além dos ideais de querer um mundo melhor (não vamos abandonar esses ideais, porque ficaríamos sem entusiasmo) o trabalho de **busca da própria sombra é duro**. Ter um bebê nos braços pode ser doce. Mas enfrentar a aridez da própria infância é complicado.

Também gostaria de contar a vocês – de um ponto de vista estritamente pessoal, já que isso parece uma longa confissão – que venho dedicando longos anos e muitíssimo esforço para formar profissionais. E que muitos deles, de quem gosto, a quem defendo, conheço e apoio, depois de alguns anos, decidem deixar a instituição. Por cansaço. Porque se exige demais deles. Porque é muito mais ingrato na experiência real do que imaginaram, mesmo tendo ouvido minhas advertências. No caso das mulheres, porque ficaram grávidas. Porque sentem que é excessivo e não conseguem responder à família de um lado e às demandas da instituição de outro. Ou por motivos que desconheço. A questão é que formar profissionais exige tempo e

dedicação demais, e então esse profissional não necessariamente "fica do meu lado". Não é uma reclamação, é simplesmente uma descrição da realidade, como a vivo há muitos anos.

Enquanto trabalhamos em meio à penúria das histórias cotidianas, entrando na realidade emocional de centenas de famílias e tentando gerar pensamentos novos, chegam de todas as partes do mundo os pedidos, as exigências e até certas ofensas, para que eu organize "a distância" uma escola como a que funciona em Buenos Aires. A ideia é que muitas outras pessoas possam ter acesso a esse tipo de formação pela internet. Para responder a todos esses pedidos, sinto-me na obrigação de explicar por que não poderia abrir filiais alegremente, como se fosse uma franquia de um produto vendável.

"A distância" é outro eufemismo que me parece curioso. Significa que algum "saber" vai chegar virtualmente pela internet, como nos chega tanta boa informação, e vai entrar em nossos poros pela arte da magia. Faz anos que penso em como implementar isso. Mas sempre dou de cara com a realidade: formar-se como profissional requer, acima de tudo, atravessar o **processo pessoal da construção da biografia humana**, desenhar nosso mapa, revisar nossos vínculos, ter clareza quanto a nossos próprios personagens, descobrir pela boca de quem falamos, revisar nossas guerras, confrontar-nos com nossas misérias, nossos medos e todos os nossos mecanismos de sobrevivência. E, levando em conta a experiência de tantos anos de escola, sei que esses processos duram anos, em um tête-à-tête muito difícil. E também sei que, ao enfrentar os próprios demônios, muita gente desiste de continuar essa "formação". Como fazer então? Como propor esse trabalho "a distância"? Lamentavelmente, não conto ainda com um número de profissionais experientes que possam se dedicar individualmente e "a distância" a seguir cada processo em particular. Portanto, ainda não implantei nada nesse sentido.

Toda essa explicação tem por finalidade que meus leitores saibam que **este livro não trata da criação de filhos**. Trata de cada um de nós, de nossa infância e, especialmente, de tudo aquilo de que nos lembramos sobre a nossa infância, mas que move os fios da totalidade de nossa vida. Este é um livro para nos compreendermos mais.

Todos nós – nascidos em uma sociedade patriarcal na qual o cuidado e o amor realmente não têm espaço – vivemos infâncias desprotegidas, submetidos a ordens repressivas burras, e dependentes de mães por sua vez submetidas a seus próprios medos e rigidezes afetivas. Assim crescemos: muito necessitados de cuidados. Então, quando viramos adultos e temos problemas, da ordem que sejam, pretendemos que alguém os resolva para nós (como esperam as crianças em relação aos adultos). Por isso somos tão viciados em soluções mágicas. Esperamos até que alguém nos diga exatamente o que devemos fazer, supondo que se fizermos "isso" solucionaremos o problema. Obviamente, é algo tão infantil que não merece maiores explicações. Entretanto, ainda hoje, com vários livros publicados, continuo recebendo em nosso site centenas de pedidos de soluções por dia.

Não é demais dizer que pessoalmente essas mensagens me frustram. Sobretudo quando alguém começa escrevendo: "Prezada Laura, sou uma admiradora fiel, li todos os seus livros, por isso sei que só você pode me ajudar", depois explica o problema, por exemplo: "Meu marido não é carinhoso com nosso filho" e pede uma solução, a saber: "Você não acha que meu marido deveria mudar de atitude, mesmo que não tenha recebido amor quando criança?"

Como vocês podem imaginar, eu deveria responder: “Como eu posso saber do que você precisa, do que seu marido precisa ou do que seu filho precisa? O ideal seria que você investigasse”. Porém, tentamos ser amáveis, respondendo de forma carinhosa, mas definitivamente sem a resposta que a pessoa esperava.

Em todos os meus livros escrevi sobre a necessidade de rever a própria história, em alguns deles desenvolvi um pouco mais a metodologia da construção da biografia humana... entretanto, **nossa sombra é mais forte**. Nossa necessidade de ser amados, levados em consideração, ninados, abraçados... é mais forte. Por isso preferimos, em todo caso, uma palavra de alento... que será mais quentinha do que **a fria proposta de rever o deserto emocional que nos constitui**.

Definitivamente, esta é uma advertência. Este livro pretende ser **uma aproximação** à **nossa árida realidade emocional. Não traz receitas para criar bebês sadios e felizes**. E se para alguém parece que sou muito dura, só tenho a dizer que dura é a nossa vida. Dura é a vida dos bebês. Dura é a vida das crianças. Áridas são as realidades emocionais e os vazios afetivos das pessoas. A mim coube apenas me aproximar dessas vozes.

1. Alguém dá nome ao que acontece

A CONSCIÊNCIA SE LEMBRA DO QUE É NOMEADO

ASSIM QUE NASCEMOS – às vezes até antes – nossa mãe determina "como somos". Isso é fácil de descobrir já na cena do parto. Nossa mãe diz: "Como a Catarina é tranquila, nada a ver com o Tiago, que era muito agitado". De alguma maneira misteriosa, já nos coube o personagem de "calma e boa". Ou vice-versa. Mas, de qualquer forma, já há palavras que nomeiam como somos, mesmo que ainda não tenhamos tido tempo de nos manifestar. Isso acontece porque os seres humanos podem chegar ao entendimento por meio de comparações. Algo é belo porque existe o feio; algo é grande porque existe o pequeno; o masculino é o que é em relação ao feminino; luz e sombra; dia e noite. Os polos opostos nos permitem organizar o conhecimento. Da mesma forma, quando nos tornamos mães, nomeamos alguma coisa em relação ao bebê, em relação a outra coisa conhecida, comparando-o com o semelhante, o parecido ou o totalmente oposto. Só então ficamos tranquilas, sabendo que "isso" se encaixou na estante correspondente.

O fato é que desde o início **alguém nomeia** como somos, o que nos acontece ou o que desejamos. Isso que o adulto nomeia (geralmente a mãe) costuma ser uma projeção de si mesmo sobre cada filho. Diremos que é caprichoso ou chorão, muito demandante, exigente, silencioso, tímido, cabeça dura, divertido, mal-humorado ou atrevido. É verdade? Para a mãe, sim, porque tudo depende do ponto de vista do qual observamos. Do ponto de vista da criança, ela simplesmente chora porque quer companhia, mas os adultos interpretam que chora mais do que nossa paciência aguenta. Então dizemos: "É chorão e manhoso". Possivelmente a criança precisa desesperadamente ser compreendida e atendida, carregada nos braços e ninada, mas nós, pais, tergiversamos "é isso o que está acontecendo", **opinando** que é uma criança insistente demais ou que não se contenta com o que tem.

É dessa forma que **acontece algo à criança, mas isso é nomeado com base na interpretação do que acontece a outra pessoa**. Simplesmente porque quando somos crianças **ainda não temos palavras para dar nome ao que nos acontece**. Assim, pouco a pouco, para cada experiência pessoal, escutamos e assumimos um "nome" emprestado. Por exemplo: "Sou terrível, e se sou terrível não entro em argumentações, sou passional, não penso e me engano com frequência, tudo por não pensar". É verdade? Em parte talvez sim, é possível que eu seja uma criança insistente e tenha tanta vitalidade que ninguém consiga deixar de me ouvir, mas também é provável que seja uma reação desesperada em busca de amor, ainda que "isso", essa necessidade impaciente de ser amado, **não tenha sido nomeada por ninguém**.

É importante saber que desde o princípio, quando parece que as cartas ainda não foram distribuídas, já estamos posicionando, por meio das palavras nomeadas pelos adultos, como se organizarão os papéis em um determinado esquema familiar. Porque, de um lado, vamos acumulando uma quantidade de experiências vitais agradáveis, difíceis, complexas, harmoniosas, hostis ou confortáveis. E, de outro, vão os "titulares", nomeados pelas pessoas mais velhas. Mas mais evidente ainda é que **algo que não aconteceu**, mas que mesmo assim

alguém se ocupou de nomear, pode ser organizado pela consciência em uma lembrança confiável. Parece estranho, mas funcionamos assim.

De fato, muitas experiências reais que nos aconteceram durante a infância **não foram nomeadas**, portanto **não existem para a consciência**. É mais fácil dizer que **não nos lembramos delas**. Por exemplo, suponhamos que nos dedicamos a cuidar de nossa mãe e de nossos irmãos menores, porque nossa mãe priorizava os cuidados de sua mãe enferma. Nesse caso, ninguém nunca nomeou a falta de cuidados e atenção em relação a nosso ser criança. Hoje em dia, podemos recordar com riqueza de detalhes todos os infortúnios de nossa mãe, já que ela se ocupou de relatá-los ao longo dos anos. Mas curiosamente nossa mãe não sabia nada de nós, nem de nossos sofrimentos secretos ocorridos em nossa infância. Nesses casos, nossa mãe dizia que fomos bons e responsáveis, **mas ninguém nomeou nossas carências ou necessidades não satisfeitas, nem a sensação de não sermos merecedores de cuidados, coisa que arrastamos desde então ao longo da vida**. Em nossas lembranças conscientes, éramos crianças boas, educadas, brilhantes na escola, sem conflitos e diligentes. Quero dizer que todos nós vamos incorporando uma **interpretação** sobre nossas atitudes ou ações concretas, que podem estar bem **afastadas da realidade emocional**. No caso desse exemplo, a consciência não reconhece nada relativo ao desamparo nem às necessidades de uma criança. Só "sistematiza" que éramos bons e mamãe tinha muitos problemas. É uma interpretação do que acontecia, mas **não reflete toda a verdade**. Em princípio, vamos continuar pensando, sentindo e interpretando a vida de um ponto de vista emprestado – habitualmente o ponto de vista de um adulto importantíssimo. Na maioria dos casos nos referimos à **mamãe**. Então continuaremos alinhando nossas ideias e nossos preconceitos em relação direta com o ponto de vista de nossa mãe. "Desse" discurso dependerá se vamos nos considerar bons ou muito ruins, se acreditamos que somos generosos, inteligentes ou bobos, se somos astutos, fracos ou preguiçosos. É importante notar que essas "definições" são semelhantes ao que disseram papai ou mamãe durante nossa infância, especialmente em relação a "como nos lembramos de nós mesmos".

Aqui temos um problema importante. Dissemos que **a consciência só recorda o que é nomeado. Isso significa que, se nos acontece algo que ninguém nomeia, não recordaremos**. Por exemplo, podemos ter padecido de abusos sexuais em nossa infância. Obviamente ninguém disse nada, em princípio porque todos os adultos que havia ao redor olhavam para o outro lado. Ninguém nunca disse: "Estão abusando de você e isso é um horror". Ao contrário, o que se disse é: "Mamãe tem muitos problemas e não se deve fazer nada para preocupá-la ainda mais". Ou então: "Isso é um segredo, você tem sorte porque te amo, você é a criança mais doce do universo e por isso foi escolhida". Portanto, até mesmo se nos aconteceu algo bem concreto, doloroso, sofrido, triste ou ofensivo, **a consciência não lembrará**. Porque não houve **palavras**. Então tampouco houve uma "organização" do pensamento. Não foi possível "acomodá-lo" em nenhuma estante mental nem emocional. Aconteceu algo conosco, mas é como se nunca tivesse acontecido. Podemos ter sensações enevoadas ou confusas, mas **não lembranças concretas**. Então crescemos e como ninguém nomeou "isso", e nós mesmos sendo crianças também não saberíamos "com que palavras explicar", "isso" deixou de existir.

Pode parecer inverossímil... mas é comum e frequente. **Podemos ter vivido algo e não**

lembrar. E, ao contrário, podemos não ter vivido algo e, no entanto, **se foi nomeado** por alguém importante durante nossa infância, **lembrar disso como se fosse uma verdade inquestionável**.

A CONSTITUIÇÃO DO PERSONAGEM

Dizíamos que, assim que nascemos, temos uma mãe que nos observa e **nos nomeia**. Essa mãe, projetando sua própria percepção, vai escolher palavras para nos descrever. Vai decretar uma série de atributos, que vão coincidir com algumas de nossas manifestações. Por exemplo, se choramos – coisa totalmente esperada de um bebê humano que reclama contato, atenção, olhar, presença ou o que for – podemos nos tornar um "chorão", se choramos mais do que nossa mãe tolera. Ou "tranquilo", se temos irmãos mais velhos que choraram mais energicamente do que nós. O choro pode ser uma realidade, mas a percepção que a mãe tem "disso" que fazemos vai lhe permitir "nos nomear" a partir de algo que nos identifique.

Outra maneira de encarar essa linha de pensamento é reconhecendo que em todo palco familiar peças de teatro serão encenadas. Cada vez que um novo integrante chega à família, os pais procuram dentro do baú de disfarces algum que acreditam servir bem, e o vestem. É como um jogo inconsciente que jogamos entre todos. Nesse baú há disfarces de todo tipo: a Cinderela, o cavalheiro, a bruxa, a má, o caçador, a Bela Adormecida, o lobo, os anõezinhos, a madrasta, o salvador, Deus, os anjos, as flores do bosque, o guerreiro, a virgem, a donzela, o pão-duro, o chefe etc. É interessante notar que em geral daremos à criança recém-chegada um disfarce que esteja disponível. Raramente oferecemos a ela um que já seja muito usado na família. Porém, podemos pensar que há "algo" especial que cada criança traz? Por acaso a personalidade da criança não tem importância? É possível imaginar que a criança "escolhe" seu disfarce? Sim, claro, isso **também** acontece. As mães percebem a força, a vitalidade, a temperança, o equilíbrio ou a sensibilidade que a criança traz consigo. Trata-se de uma trama familiar difícil de detectar, porque quase todas as percepções são inconscientes.

Seja como for, acontece. Decidimos que esta criança será a salvadora de agora para sempre. A quem ela tem de salvar? Logo veremos. Por ora, nos ocuparemos de dizer a torto e a direito que essa criança é especial, que traz um pão debaixo do braço, ou seja, prenuncia a fartura. Ou então diremos que é indomável e não parece alguém digno de nossa família. Ou que é uma menina tão boa, tão boa, tão boa... que não dá nenhum trabalho e dorme tanto que quase se poderia criar sozinha.

É assim que vestimos cada criança com seu disfarce. Portanto dificilmente teremos lembranças exatas em relação ao momento preciso em que o conferimos. Não bastasse isso, uma vez que se vestiu o disfarce de cavaleiro, de valente, de tímido, de sensível ou de travesso, só poderemos continuar olhando-o com seu personagem a reboque, porque nunca soubemos como era essa criança em essência. Então algo mais acontece: tudo que a criança escuta de si mesma, positivo ou negativo, tem relação com o personagem que encarna, e assim, em sua necessidade desesperada de ser amada, a criança tentará ser o mais valente dos valentes, a mais bela das belas ou o mais doente dos doentes. Por quê? Porque se os adultos, ao olhá-la, olham seu personagem, então para ser olhada ela terá de exibir seu disfarce a fim de ser o melhor de todos.

Assim passam os anos. Nós, crianças, cresceremos e teremos pouquíssimo registro interior de

algo que seja diferente do personagem que encarnamos. Acreditaremos que "somos" isso. E também acontece algo mais complexo: como pertencemos a uma trama familiar, nosso personagem tem vários papéis que devem ser cumpridos, porque fazem parte da cena. Isso permitirá que os demais também desempenhem seus respectivos personagens com facilidade. Podemos dizer que estamos "todos prisioneiros" do personagem que nos coube e que então nos dedicamos a aperfeiçoá-lo. Se me coube ser o salvador da mamãe é porque mamãe será a mais doente e necessitada de todos. Acreditando que "sou" o que sabe ajudar, crescerei ajudando e resolvendo os problemas de todo mundo, mas sem nenhum registro de minhas necessidades pessoais. Isso é ruim? Se tenho 6 ou 9 ou 12 anos, claro, porque sendo criança ninguém nomeará minhas necessidades infantis genuínas, mas todos os adultos se ocuparão de reforçar a roupa de salvador, para que meu papel se encaixe perfeitamente na cena familiar completa. A partir desse exato instante me perdi de mim mesmo. Porque não tive acesso ao apoio ou ao acompanhamento para transpor os obstáculos próprios de minha infância, dos quais não tive registro algum. E se não tenho registro do que acontece comigo interiormente, não sei quem sou.

Todos os personagens têm o mesmo defeito: escondem a capacidade de representar um papel, mas esse mesmo papel não é exatamente igual a ser essencial. Digamos que nosso "ser interior" é muito mais rico, mais vasto e, sobretudo, mais ambivalente. Ao contrário, cada personagem desempenha ao máximo seus atributos, porque os demais já são desempenhados por outros membros da família. Por exemplo, o lobo que come a avozinha no conto da Chapeuzinho Vermelho não pode ser bom, porque deixaria de ser lobo. Mas se não estivesse disfarçado, se fosse uma pessoa comum e corriqueira, poderia ser bom às vezes, às vezes ruim ou até indiferente em outras. Essa é a grande diferença entre viver alinhado com "isso que somos" e desempenhar um personagem determinado.

Seguindo essa lógica, se uma criança se torna o lobo mau da família, se acostumará a reagir como lobo, encontrando as vantagens que esse personagem oferece: por exemplo, conseguirá que todos tenham medo dela. Se essa criança vive em um entorno de relativo desamparo – como quase todos nós –, o medo será seu pior inimigo. Mas se os demais têm medo dela, já está mais bem posicionada, provando os benefícios que essa atitude lhe outorga. Uma vez que constata os bons resultados – ou seja, que alguém tem medo dela e portanto não a machuca – compreenderá que pode fazer uso de uma ferramenta eficaz contra seu próprio medo. Então continuará usando-a cada vez mais. A partir de agora, inconscientemente, a criança vai "exibir" seu disfarce, ou seja, tentará desempenhar seu papel cada vez melhor. Será o pior. Rugirá cada vez mais forte. Dominará territórios, e à medida que cresça, se tornará um jovem feroz. A partir dessa realidade relativamente invisível, continuará fortalecendo seu personagem, podendo alcançar um alto nível de crueldade. Pode ser um espancador ou um homem de negócios temerário que vive o trabalho como um campo de batalha infestado de inimigos. Possivelmente "ganhe" todas as suas batalhas. Porém, esqueceu-se de que, em seu interior, há uma criança assustada e ferida que só pretende se salvar de seu próprio medo infantil. E que por isso mesmo usa sua fantasia permanentemente, não a tirando nem para dormir.

É bom saber que o personagem ao qual nos acostumamos ao longo da vida sempre oferece um refúgio. E uns tantos benefícios. O "mau", por exemplo, garante que ninguém nos machucará,

porque atacaremos primeiro. Outros personagens funcionam da mesma forma: ao eterno doente ninguém pede nada. O depressivo crônico tem um harém a se ocupar dele. O que "não sabe de nada" vive em uma bolha sem contato com a realidade, obrigando os demais a se encarregar de tudo. O onipotente manipula os fios e assume o poder. O manipulador não só rouba o que pertence aos outros como também é amado por aqueles a quem enganou. Enfim, há milhares de personagens possíveis, só quero deixar claro que o personagem, habitualmente, **é tudo que temos para sobreviver**. São os atributos do personagem que nos permitiram suplantar o desamparo em nossa infância, a falta de compreensão por parte das pessoas mais velhas, a rigidez, o autoritarismo ou simplesmente a solidão que vivemos quando crianças. O personagem que adotamos não nos abandona. Cuida de nós. Permite-nos transitar pela vida com certos recursos.

Por que não viver tranquilos, então, com o personagem nas costas, para sempre? Seria fácil, mas o ser essencial que vive em nosso interior faz força para **aparecer**. Podemos afirmar que nosso "verdadeiro ser" ou nosso "eu autêntico" é muito mais amplo, rico e complexo que o personagem. De qualquer maneira, nenhum de nós quer deixar seu personagem de lado, a menos que atravessemos momentos vitais críticos, nos quais em princípio o personagem vai agir no automático. No entanto, ao mesmo tempo vai deixar em descoberto as limitações que tem. Por exemplo, no meio de um divórcio, o "mau" quer ser levado em conta e compreendido, coisa que raramente esse personagem obterá. O valente pretende não ser mais ferido, mas, se vive em meio a batalhas inglórias, isso não será possível. O enfermo crônico não quer ficar mais doente, mas se for esta a única maneira que ele conhece de receber carinho, não se arriscará. Há um momento na vida (ou muitos deles) nos quais o personagem não nos serve mais. A pessoa só procurará ajuda para se desprender do personagem se realmente necessitar. Mas enquanto o personagem continua sendo cômodo, e enquanto obtivermos mais benefícios do que o contrário, é pouco provável que façamos mudanças substanciais em nossa vida.

Isso é importante. Sobretudo para nós que trabalhamos acompanhando processos pessoais. Os terapeutas de todas as áreas, os médicos e curadores, temos a intenção genuína de ajudar outras pessoas a não sofrer. No entanto, do meu ponto de vista, necessitamos antes de tudo compreender – junto com quem nos consulta – a lógica e os benefícios do personagem que cada indivíduo assume em sua mais tenra infância, e saber se chegou o momento adequado de nos livrarmos dos benefícios que ele nos traz. Se não é o caso, é possível que a pessoa pretenda "não sofrer mais", mas sem deixar seu personagem de lado.

Nesse caso, a ajuda que podemos dar a ela será praticamente nula. Por quê? Porque se alguma situação, um vínculo, um acontecimento ou trama familiar nos traz sofrimento e já não nos serve, teremos de mudar nossas estratégias, porque fomos nós que contribuímos para organizá-las com nosso personagem nas costas. Isso será possível se compreendemos a lógica de nossas ações. Por exemplo, suponhamos que encarno o lobo mau e acontece algo na família que os demais escondem de mim, com medo que eu me zangue. Ao saber, sinto que sou excluído, que não cuidaram de mim, porque não me fizeram participante. Posso rugir muito forte ou castigar os demais por não terem me explicado o que acontecia. Mas é evidente que me esconderam os fatos justamente porque sou o grande lobo feroz que se zanga. E se agora quero participar mais

dos intercâmbios familiares, será necessário que todos deixem de ter medo de mim. Bem... mas se deixam de ter medo de mim, em parte vou saber o que acontece, mas em parte alguém poderá me machucar, pois terá acesso a mim. Então aparece uma grande contradição: estou disposto a abandonar os benefícios que o personagem me oferece? Estou pronto para ser reconhecido como vulnerável? Nesse ponto, trata-se de uma decisão pessoal. Possivelmente dependa da balança entre benefícios e desvantagens. Se chegamos a um momento na vida em que o personagem caiu em desuso, possivelmente estejamos mais bem posicionados para ir deixando-o pouco a pouco.

Para tomar essas decisões, talvez a vontade não seja suficiente. Quase nunca deixamos de lado o refúgio que nos resguardou emocionalmente durante tantos anos. Reconhecê-lo é o primeiro passo. Registrar como age em cada uma das cenas cotidianas, o segundo. Tomar a decisão de ser responsáveis pelo que geramos, positiva ou negativamente, é o terceiro passo. Então aparece um quarto passo, que pode durar pelo resto da vida, que tenta transformar nosso automático, buscando entrar em ação a partir de lugares mais conscientes, menos mentirosos ou menos "defendidos". Adiante retomaremos as opções de processos de desarme do personagem, mas, por ora, é importante ter claro que todos temos um, sendo seus cuidadores mais fiéis.

SER AMADO A PARTIR DO PERSONAGEM

Outra grande dificuldade que surge quando desejamos transmutar e deixar de lado nosso refúgio infantil é que fomos amados e somos hoje identificados e valorizados na medida em que desempenhamos nosso personagem à perfeição. Todos fazemos parte de cenas nas quais muitos personagens interagem, e necessitamos uns dos outros para cumprir nossos papéis.

Portanto, deixar de lado o personagem não é tão fácil, sobretudo porque não sabemos de que outro modo os demais podem nos reconhecer, muito menos gostar de nós. Por exemplo, se assumo o personagem que cuida dos necessitados, que se vira sozinho e nunca tem problemas... no dia em que me sentir cansado ou sozinho demais, e tiver vontade de que alguém se ocupe de mim, obviamente isso trará transtornos a todo mundo e não haverá quem aceite essa mudança repentina. Portanto, o entorno cerrará suas fileiras, obrigando-me a continuar cumprindo o papel que tinha antes.

Tendemos a reagir de maneira automática aos modelos conhecidos; por isso, diante do menor obstáculo ou incompreensão por parte de uma pessoa significativa para nós, voltamos a funcionar segundo nosso esquema habitual. Costumamos ser "funcionais" na trama completa, portanto é frequente que quando um personagem não cumpre seu papel todos os demais se desorganizem e exijam que as coisas voltem a seu fluxo "normal". Por exemplo, se historicamente assumi o personagem da irmã mais nova infantilizada e alheia aos conflitos familiares, e nunca trouxe nenhum problema para casa, no dia em que decidir começar a pensar por mim mesma, a trama tenderá a desprestigiar meus movimentos. Suponhamos que tenho dois filhos pequenos e visitamos todos os domingos a casa de meus pais, onde historicamente nos reunimos com meus irmãos, cunhados e sobrinhos. E que um de meus sobrinhos abusa de meu filho. Diante de uma crise dessas dimensões, peço ajuda. Começo a reconhecer meu personagem. Revejo todos os personagens familiares. Converso com meu cônjuge. Decido

amadurecer. Quero ver tudo que me empenhei em não ver ao longo da vida para me manter fiel ao meu personagem. Agora o personagem da ingênua eterna me machuca, machuca meu filho e tenho um cônjuge maduro que não me permite permanecer nesse papel infantil. Então decido ver não só a situação afetiva completa de meu sobrinho, mas a de toda a família à qual pertenço. Peço mais ajuda. Repasso a história de minha vida. Tenho pouquíssimas lembranças, justamente porque eu era a menina boa que não tomava conhecimento de nada. Mas, pouco a pouco, vejo minha responsabilidade ao me acomodar na negação sistemática. Vejo meus pais. Vejo a mim mesma tentando me mover na escuridão. E, ao começar a me ver, não posso deixar de ver. Dói. Avanço e retrocedo em minhas lembranças. Confundo-me. Em alguns momentos, tudo se torna cristalino. Vejo os enganos e os discursos duplos que marcaram minha infância. Vejo as mentiras. Vejo a doce ingenuidade na qual decidi me proteger. Vejo a comodidade de negar o que era óbvio. Vejo os maus-tratos e abusos emocionais históricos em minha família. Vejo minha mãe queixando-se de meu pai. Vejo meu irmão mais velho na reabilitação por consumo de drogas. Vejo a mim mesma fechada em um conto de fadas. Recordo da casinha de madeira cor-de-rosa onde passava as tardes com minhas bonecas. Vejo minha irmã mais velha brigando com meus pais e saindo de casa. Vejo a mim mesma brincando, ainda com 15 anos. Vejo cenas de meus pais acusando-se mutuamente, e eu sem querer saber o que acontecia. E agora vejo meu filho abusado. Com um milímetro de decisão pessoal, me disponho a tirar a venda dos olhos e confrontar o que acontece. Todos em minha família cerram fileiras e me chamam de louca. Em alguns momentos, penso que posso ter enlouquecido. Eu era tão boa e tão sorridente e agora vejo imagens distorcidas.

Como saber se isso que vejo é verdade? De fato, encaixa. E aparecem mais e mais lembranças de infância que nunca tinham surgido em minha consciência. E as peças do quebra-cabeça emocional se inserem com uma facilidade maravilhosa. Então aparecem mais e mais lembranças em cascata. E alguém coloca palavras e nomes em situações que nunca foram nomeadas. Decido que não quero mais ser a menina ingênua e tonta. Já não é por mim, é por meu filho. Quando vejo e nomeio o que vejo, meu filho dorme placidamente à noite. Quando minimizo, tergiverso ou justifico, meu filho tem terrores noturnos. Então, esses gritos na escuridão me lembram de que não se pode voltar atrás, de que o personagem de menininha boba foi um excelente refúgio em minha infância, mas agora me transforma em uma perigosa predadora dos demais. Se tenho filhos ou pessoas que dependem de mim, serei feroz, ainda que não tenha registro disso, com meu doce sorriso a reboque. O problema é que, se decido sair do refúgio da ingenuidade, talvez tenha de pagar o preço do **desamor**.

Assim chegamos a um ponto importante desse exemplo. Quando estamos em condições de abandonar o personagem – ao constatar que não nos serve mais –, o maior medo é o de não sermos mais amados, porque já não reagimos mais às expectativas dos outros. No entanto... é uma ilusão. Porque **antes** – quando desempenhávamos nosso papel – **também não fomos amados**. Éramos funcionais ou necessários, mas ser amado é outra coisa. O medo de perder algo que de qualquer forma não tivemos é um equívoco. No entanto, age em nossas crenças quando estamos a ponto de dar o temido **salto** entre o personagem conhecido e as infinitas possibilidades que **um estado de consciência mais amplo** pode oferecer.

No exemplo escolhido, a trama poderia exigir que não houvesse quem denunciasse os maus-tratos ou o desamparo. Ou talvez esses papéis já fossem ocupados por outros irmãos mais velhos, portanto os pais podem ter querido resguardar-se e vestir a filha caçula de boneca para satisfazer suas fantasias de família feliz. E funcionou... enquanto funcionou. Poderiam ter continuado cada um com seus respectivos papéis? Sim, é claro. Mas alguma coisa aconteceu para que o personagem da menina bonita tenha deixado de ser tão cômodo para a mulher que usava o disfarce. Todos esses movimentos – se acontecem – não dependem do amor, mas do medo de cada um dos envolvidos. Quando adquirimos maturidade suficiente para nos atrevermos a abandonar nosso personagem, ela nunca se perde no terreno do amor. Quando muito aparece a realidade nua e crua.

QUANTO MAIOR O DESAMPARO EMOCIONAL, MAIS REFÚGIO NO PERSONAGEM QUE CONFERE IDENTIDADE

Se falamos de refúgio, implicitamente estamos falando também de fragilidade. Ou de infância. Porque toda criança é dependente, em todas as áreas. Quando somos crianças dependemos física, afetiva e economicamente de nossos pais. Não há praticamente nada que possamos resolver por nossos próprios meios, sem a colaboração dos adultos. Por isso, as experiências que temos de amparo ou, ao contrário, de vários níveis de solidão, desamparo, falta de compreensão ou distância afetiva quando fomos crianças vai articular o tipo de refúgio que teremos de construir, da maneira que conseguirmos, para sobreviver. Esses refúgios geralmente são emocionais. E assumem uma forma específica por meio da qual nossos personagens se organizam na vida de relações.

Não há personagens mais importantes ou mais fortes do que outros. Por exemplo, se alguém encarna o papel do doente crônico, para além das aparências, pode ser o personagem mais poderoso de toda a família – se mantiver em suspenso, ao longo de várias gerações, um monte de indivíduos dependentes de sua enfermidade. No entanto, todos poderíamos acreditar que o valente ou o empresário de sucesso são mais poderosos do que o cardíaco para quem não se deve levar más notícias porque corre o risco de ter um infarto. Na verdade, o personagem é mais forte se temos uma necessidade imperiosa de nos aferrar a ele.

Poderíamos dizer que **quanto maior o desamparo durante nossa infância** (tenhamos consciência disso ou não), **mais forte será nosso personagem**, porque o terror infantil que ainda vibra em nosso interior terá pânico de se desfazer da única coisa que nos deu segurança. O personagem foi nosso cuidador mais fiel. Ele nos deu toda a proteção visível e invisível que pudemos esperar.

É importante levar isso em conta, já que, quando iniciamos um trabalho de amplitude de consciência, repassamos a solidão ou a distância emocional vividas na infância, detectamos o personagem e supomos que desejamos nos desfazer dele; teremos de saber que se o sofrimento na infância foi pungente, será melhor não ter pressa de nos despedir do personagem. Pelo menos até não ter clareza quanto à dimensão de nosso desenraizamento afetivo no passado. É bom saber que todos, todos, necessitamos ser amados. E se o reconhecimento – por menor que seja – vem junto com o que o nosso personagem "faz", ele será a única ferramenta para nos sentirmos

bem.

Suponhamos que vesti o personagem do resolutivo e eficiente. Em minha família, fui capaz de solucionar um problema complicado de herança com apenas 18 anos. Então sou quem resolve os trâmites intermináveis da aposentadoria de meus pais. Sou quem consegue inscrever meus sobrinhos na escola em que não havia vagas. Sou também a pessoa que trabalha em recursos humanos e dirime as diferenças entre empregador e empregados. Sou o "solucionador" de problemas alheios. Sem dúvida, a partir dessa posição é fácil perceber que serei admirado, querido e valorizado... **desde que continue resolvendo problemas**. Muito bem, continuemos supondo que me apaixono por uma mulher. Por quem serei capaz de me apaixonar? Por alguém que tenha muitos conflitos a resolver, é claro. Essa mulher ficará encantada comigo, pois a resgatei das garras de pais atrozes e a trouxe para viver em meu castelo harmônico. Talvez muitos momentos românticos estivessem relacionados com o estresse que minha mulher amada tinha em consequência de seus conflitos, e a proteção que eu oferecia, coisa que nos lançava em um mar de sensações amorosas. Possivelmente poderíamos viver assim por muitos anos.

Em princípio, será difícil que haja "algo" que eu não possa resolver... mas o destino vai se encarregar de me enviar o mago Merlin que, com um passe de mágica, fará chegar a minha vida um problema que não serei capaz de solucionar sozinho. Imaginemos que vizinhos importunos e agressivos se mudaram, com três cachorros que não param de latir à noite. Sem dúvida, tentei chegar a um acordo com eles, mas foi impossível. Fiz as denúncias correspondentes aos órgãos oficiais, mas também não funcionou. Não vai aparecer uma pessoa sequer que possa me ajudar, nem para pensar em como encontrar um resultado positivo para mim. Encontro meu personagem – o que resolve tudo – em estado lastimável. E não só não me ocorre a quem pedir ajuda, mas, além disso, à minha volta encontrarei desprezo e falta de consideração em relação à minha pessoa. Nos "contratos" interfamiliares não estava escrito que eu necessitaria de alguma coisa em algum momento. Se peço ajuda, estou desobedecendo às "regras" dos acordos implícitos. Portanto, entre meu automático de dar um jeito nas coisas e o automático do entorno que também apoia o gesto de que sou eu quem tem de resolver os assuntos pendentes... será difícil tirar o disfarce. Em especial se tenho a sensação de perder o "amor" de quem supostamente me ama. Na verdade, à medida que eu continue sendo funcional ao que foi comprometido em tempos remotos, acredito que todos me amarão. Mas no fundo ninguém me amará – nem antes nem agora –, porque o amor condicional não é amor.

Dei aqui alguns exemplos banais para descrever brevemente como nossos personagens agem, para que servem e quão aferrados a eles estamos.

2. O discurso materno

DETECTAR O DISCURSO MATERNO

QUANDO TENTAMOS ACOMPANHAR um processo de questionamento pessoal, e para isso fazemos perguntas pontuais sobre a infância do indivíduo que nos consulta, nos interessa – basicamente – saber **o nível de "maternagem" que recebeu**. Por quê? Porque a consciência se organiza segundo o amparo ou o desamparo recebidos. Ou seja, organiza maior ou menor refúgio. Se recebemos amparo suficiente (coisa difícil de encontrar), as lembranças fluirão com simplicidade. Mas muito provavelmente não foi essa a realidade da pessoa. Portanto, as lembranças estarão manchadas daquilo que foi nomeado durante a infância. E quase sempre aparece o **discurso da mãe**.

Por onde começar? Perguntando sobre a infância. A resposta mais frequente é: "Bem, foi normal". Na Espanha, a resposta costuma ser: "Fenomenal". Essa informação não tem muita serventia. Mas saibamos que, para todos nós, o que vivemos durante nossa infância é "o normal" porque o mundo familiar era "todo o mundo que conhecemos". Sendo assim, temos de inventar perguntas um pouco mais específicas, se possível relacionadas com os cuidados recebidos: quem te acompanhava na hora de dormir todas as noites? Quem lia uma história? Quem preparava a comida de que você mais gostava? Quem sabia do que você tinha medo? Quem te levava para a escola? Quem te ajudava quando você tinha algum problema? É possível que não haja nenhuma lembrança – o que em si é um dado – ou que apareçam imagens confusas ou contraditórias. Se não há lembrança alguma, é porque o que aconteceu foi doloroso demais para uma criança pequena, que então manda isso para "a sombra". Na sombra, o desamparo não deixa de existir, mas a consciência pode se enganar acreditando que exilamos esse sofrimento. Talvez surja alguma lembrança que contradiga outra lembrança. Nesse caso, teremos de afinar as perguntas, investigar mais profundamente até detectar as contradições e mostrá-las. Por exemplo, a pessoa não tem lembranças de ninguém que o acompanhasse à escola, recorda-se sempre de caminhar sozinha. E voltar sozinha. Ao mesmo tempo aparece a frase: "Mamãe parou de trabalhar quando nasci e cuidava de mim". Então temos de mostrar: "Se você era filho único e sua mãe não trabalhava, por que você ia para a escola sozinho aos 6 anos?" Algo não se encaixa. Isso é frequente, porque a realidade emocional de uma criança raramente é análoga **ao que a mãe disse**.

Por ora temos uma criança de 6 anos que vai sozinha para a escola. Podemos perguntar então sobre essa época na escola: "Você gostava de ir? Tinha amigos? Lembra-se de alguma professora em particular?" É possível que o indivíduo responda: "Eu era muito tímido e tinha medo de um grupo de meninos agressivos". Muito bem. A pergunta seguinte será: "Quem sabia que você tinha medo de outros meninos?" Aí temos a primeira surpresa. A pessoa se dá conta, com seus atuais 40 anos, de que **ninguém** conhecia seus sofrimentos. Ir à escola todos os dias com medo, com apenas 6 anos, é uma catástrofe. Isso **se chama desamparo**. Chama-se solidão. Começamos a nomear **a distância** entre **o discurso**: "Mamãe parou de trabalhar para cuidar de

mim" e as novas palavras: "Eu era um menino sozinho e solitário". Quero mostrar que já estamos suspeitando de que a mãe costumava repetir várias vezes: "Eu cuidei de você desde sempre", coisa que, do ponto de vista da mãe, devia ser verdade. Mas pela realidade e a necessidade de amparo desse menino, não.

Até agora temos um menino, sem irmãos e muito só, e uma mãe, que não sabemos muito bem o que fazia. Portanto, será necessário perguntar: "O que sua mãe fazia?" "Cuidava da casa." "E seu pai?" "Era ferreiro e trabalhava muito." "E como seus pais se davam?" "Mal, porque meu pai era violento." "Você se lembra?" "Não, mas sei que bebia e então batia na minha mãe." "Você se lembra de alguma cena?" "Sim, me lembro da minha mãe sempre chorando." "Lembra-se do seu pai bêbado?" "Não, porque meus pais se separaram quando eu tinha 3 anos." "Ah, 3 anos? Que confusão. Porque você não tem lembranças próprias tão distantes." "Bem, é verdade, não tenho, quero dizer, sim, eu me lembro, na verdade, quando eu tinha 18 anos meu pai quis ir à minha formatura e estava cheirando a vinho." "Certo, mas isso aconteceu muito tempo depois, estamos tentando ordenar a informação e as vivências da sua primeira infância, e é difícil." "Sim, é difícil."

O que aconteceu até aqui? Por ora, as lembranças **estão manchadas do que mamãe nomeou** ao longo de sua infância. Se o pai se separou da mãe quando ele tinha 3 anos, porém, é pouco provável que o ponto de vista do pai tenha tido espaço nessas cenas. O que está claro é que mamãe chorava ou sofria, não sabemos ainda ao certo. O que sabemos com certeza é que mamãe **nomeava a própria dor** e que nosso menino estava sozinho. Portanto, temos de continuar perguntando, sem deixar de lado **a cronologia**.

Por que é importante seguir a cronologia? Porque a consciência vai pular para as lembranças conscientes, o que vale é a redundância, e mandou para a sombra as lembranças que não conseguiu abordar. O que o indivíduo **não lembra é o que mais nos interessa**. E para saber de que é que não se lembra, frequentemente vamos nos valer da cronologia que não nos deixa mentir: em tal data, com tal idade, acontecia isso ou aquilo.

Continuemos com nosso exemplo. Faremos perguntas mais fechadas: "Se seus pais se separaram quando você tinha 3 anos e sua mãe não trabalhava, quem mantinha a casa economicamente?" "Acho que meu pai." "Sua mãe se casou novamente?" "Não. Nunca conseguiu perdoar meu pai e tinha muita desconfiança dos homens."

Quem disse essas frases? Mamãe, é claro. Na mente desse menino, o papai é mau e imperdoável, e a mamãe é boa e sofre. No entanto, **ninguém está nomeando o que acontece com o menino, ainda que ele saiba tudo que acontece com a mãe**. Isso é importante, porque a mãe não nomeava a solidão desse menino, nem as dificuldades infantis, nem os desejos reprimidos, nem os medos ou o que quer que esse menino vivesse. Ao contrário, nomeava os próprios estados emocionais. Isso já nos dá um panorama. Poderíamos desenhar um mapinha da infância mostrando **esse menino olhando a mãe** e sabendo tudo sobre seus sofrimentos. E diremos exatamente isso ao homem à nossa frente.

Então ele se comove e diz: "É exatamente isso. Nunca tinha visto dessa forma". Podemos assim avançar, porque confirmamos uma suspeita. Se temos um menino que olha a mãe mas não é suficientemente olhado, podemos fazer uma "futurologia". É bem fácil, com um pouco de

treino. O que pode acontecer com uma criança que não é olhada? Em princípio, pode estar **em perigo**, porque não há ninguém em volta que tenha disponibilidade emocional suficiente para cuidar dela. E o que acontece com uma criança em perigo? De pequenos sofrimentos a grandes abusos. Como estamos inventando um caso qualquer, não o farei muito dramático, mas relativamente convencional. Mas teremos de perguntar o que aconteceu a ele quando criança, situações que o fizeram sofrer e de que sua mãe não tomou conhecimento. Então, perguntando pacientemente, aparecerá um bando de meninos mais velhos, da escola ou da vizinhança, que o teriam encurralado. Roubavam a comida que levava para o recreio. Também lhe roubavam o material escolar. Então perguntaremos se mamãe sabia. "Não, nunca me ocorreu contar isso para a minha mãe." Continuamos confirmando. É terrível que uma criança pequena seja submetida a maus-tratos de um grupo de meninos maiores, mas **muito pior é que mamãe não tenha tomado conhecimento** e que tenhamos sentido que não tínhamos o direito de preocupá-la com nossas pequenezas. Falaremos sobretudo disso com a pessoa. Assim, pouco a pouco, começarão a aparecer lembranças em cascata, agora que **nomeamos a solidão e a pouca atenção recebida**. As cenas vividas **encaixam** com a palavra **solidão** e com a palavra **medo**. E, como encaixam, a consciência pode traí-las, porque há um lugar onde ordená-las. Como antes não tinham sido ditas, a consciência não conseguia "recordá-las".

Para não aborrecê-los demais, digo que repassaremos com o indivíduo diferentes vivências infantis, da escola, da solidão, da mamãe, das palavras da mamãe, do entorno... vendo quantas outras peças continuam se encaixando no quebra-cabeças das vivências infantis, a partir da solidão e do desamparo experimentados.

Há uma pergunta que a essas alturas é fundamental: "O que mamãe dizia sobre você?" "Que eu era muito bonzinho e muito inteligente, que ia ser médico." Nesse instante, mamãe **vestiu a fantasia nele**. Para responder ao desejo de mamãe, ele tinha de ser bom. E inteligente. Ou pelo menos estudioso. Podemos formular essa pergunta: "Você ia bem na escola?" "Sim, nunca dei trabalho, minha mãe nunca teve de me explicar nada nem me ajudar com as tarefas." Falta saber o que esse menino fazia em relação aos abusos dos demais garotos, e também poderíamos perguntar se houve abusos de algum adulto. Talvez ele responda que não. E tenhamos uma infância solitária, com leituras que acompanhavam a solidão e nutriam o coração desse menino.

Bem, chegou o momento de falar sobre a adolescência. Nessa fase, em geral o "personagem" acaba de tomar forma. Ou seja, nós, pessoas, "saímos para o mundo" com nossa roupa, e desempenhamos nosso papel da melhor maneira possível. As perguntas que formularemos precisarão ter relação com o discurso materno, ou seja, com a roupa que a mãe colocou na criança. Há dois aspectos que temos de levar em conta: a escolha profissional e o início das trocas com o sexo oposto. O que podemos supor desse jovem? Possivelmente a escolha profissional já estivesse resolvida – já que mamãe dizia que ele era inteligente e seria um excelente médico. É possível que não tenha escolhido a carreira de Medicina, mas que soubesse muito cedo que ia querer estudar. Vamos dizer que tenha estudado Física, e que fez uma carreira brilhante. Mas na área afetiva... e no contato com as mulheres... a coisa não deve ter sido fácil. No entanto, mesmo que partamos de certa hipótese, sempre temos de verificá-la. E tentar olhar as cenas da maneira mais completa possível. Até agora sabemos que mamãe se preocupava

consigo mesma, que seu filho era um menino solitário, que não tinha irmãos nem papai presentes, que havia leituras... e não muito mais. Abordaremos a escolha profissional, constataremos que não houve fissuras. Então abordaremos relações de amizade ou amorosas, sabendo que ele vem pouco treinado, circulando em um mundo de pouco intercâmbio e, pior ainda, preocupado com a mãe.

Se as respostas são vagas quando queremos nos informar sobre as relações com mulheres, vale a pena perguntar o que mais o preocupava quanto à mãe durante os anos de estudo. Então talvez diga que "nessa época" sua mãe adoeceu. Temos de entrar em detalhes. Talvez explique: "Minha mãe começou a ter ataques de pânico, foi necessário medicá-la, foi complicado porque trocaram várias vezes a medicação, passaram-se muitos anos até que foi diagnosticada como bipolar" etc. – já confirmamos completamente o panorama. Mamãe que já tem um filho jovem adulto continua fagocitando-o. O jovem é emocionalmente abusado pela mãe, tendo a libido canalizada para os estudos e então para o trabalho. Até aqui, uma história comum e corrente. Um bom rapaz, com ótimas intenções, inteligente, cavalheiro e solitário.

Em algum momento, mesmo que tardiamente, vai começar a ter experiências com mulheres. Vamos abordar cada uma dessas experiências, para ajudar a localizá-las em seu lugar correspondente na trama geral. Se propusermos uma hipótese, que mulheres serão atraentes para ele? Talvez mulheres exigentes, necessitadas, com grandes conflitos pessoais, que fiquem fascinadas com a paciência e a escuta de um homem carinhoso, amável e dócil. Mas, definitivamente, que mulher não se apaixonaria por um homem que escuta? No universo feminino, sabemos que não é fácil encontrar homens que se dediquem a escutar. Portanto, temos aí nosso herói, começando a ter relações amorosas com mulheres, e à medida que vai acumulando experiências, vai se sentindo mais seguro. Porque descobre que é amado.

Mas temos então que mostrar algo importante: **é amado na medida em que escute e esteja a serviço** das dificuldades da mulher em questão. De quem nos lembramos? Da mãe dele, é claro, que também o ama, mas o mantém submetido a seus desejos.

Suponhamos que nosso rapaz se case com uma colega de trabalho. Depois de histórias desgastantes com mulheres que exigiam demais dele, encontrou em sua parceira atual justo o que procurava: alguém relativamente autossuficiente, que não necessita sugar a energia dos outros para viver uma vida equilibrada. Eles se dão bem, têm interesses em comum e vivem uma vida tranquila. Os dois gostam de trabalhar, estudar e são fanáticos por cinema. A mulher não gosta de sustentar conflitos, prefere a simplicidade e não faz drama por qualquer coisa. Muito bem. Até aí não temos nenhum problema. Chegamos aos dias de hoje. Por que a consulta? Porque há três anos decidiram ter filhos, mas a mulher não engravidou. Fizeram todos os exames correspondentes, e só aparece a pouca mobilidade de seus espermatozoides, mas nada alarmante demais. Em princípio não há motivos aparentes para a infertilidade. Sua mulher insiste em começar o tratamento para uma fertilização assistida, ele resiste um pouco, já que terão de destinar muito dinheiro para isso. Dinheiro que não está sobrando.

O que fazemos? Vamos olhar o mapa completo. Perguntemos como a mãe está atualmente. Então ele nos contará que está pior do que nunca, que pressiona para que ele a leve para morar com eles, que só briga com a esposa por causa da mãe. Em seguida vamos acabar sabendo que

ele passa para visitar a mãe todos os dias antes de voltar para casa. Que reserva um dinheiro para que uma pessoa cuide dela durante o dia, outra pessoa à noite e outra aos fins de semana.

Por acaso está errado um filho único se encarregar de sua mãe doente? Vai abandoná-la? Não. Além disso, não é nossa função julgar o que cada indivíduo decide. Cada um faz com sua vida o que melhor lhe convém. Entretanto, para além de todo conflito moral, compreendamos que a mãe, depressiva desde tempos remotos, abusiva e "sugadora" de toda a energia vital de seu filho (de seu único filho, porque sequer tira energia de vários indivíduos), hoje o deixou desprovido de libido para gerar um filho.

Temos certeza? Não, é apenas uma ideia. Temos um homem de 40 anos, que em sua consciência sempre fez o que é certo: é trabalhador, honesto, inteligente. Hoje deseja um filho com sua mulher e não consegue engravidá-la. Toda a sua energia vital – de uma maneira cega, pouco consciente, pouco visível – está desviada para a mãe, que continuará tomando e acumulando recursos econômicos, afetivos, emocionais... até deixá-lo vazio e exausto.

Nesse ponto, ele pergunta o que tem de fazer. Não sabemos. Mas pelo menos colocamos todas as cartas na mesa. Ele as olha e segura a cabeça com as mãos, enquanto repete: "É assim, é assim, é assim".

Talvez tenhamos terminado nosso trabalho. Ou talvez perguntemos a ele se deseja que o continuemos acompanhando. O que fizemos foi **comparar o discurso materno**, que o mantinha totalmente preso ao desejo dessa mãe, **à vivência de seu ser essencial**, de seu ser interior, sua pessoa, ou como quisermos chamar. Feito isso, cada indivíduo está em melhores condições para tomar decisões na vida. Olhando o panorama completo. Talvez embarcar nos tratamentos de fertilização assistida não seja a melhor garantia para conseguir engravidar, pelo menos não como primeira medida. Talvez seja o momento adequado para conversar muito mais honestamente com a esposa sobre essas realidades complexas que agora a envolvem muito mais do que poderia imaginar. Possivelmente possa olhar para si mesmo e reconhecer a perda de energia que sofre desde tempos remotos. Faça o que fizer, se resolver conhecendo o cenário completo, é provável que tenha mais chances de mudar o jogo em favor de todos. Inclusive em favor de sua mãe, ainda que em princípio isso não esteja tão claro.

Esse exemplo inventado – que utilizei para explicar como detectar o discurso materno – é um entre milhares possíveis. A arte está em ser capaz de descobrir a "trama interna" em vez de se fascinar e elaborar interpretações dentro das histórias aprendidas que todo indivíduo carrega na mochila da "história oficial".

POR QUE É IMPORTANTE DESCOBRIR PELA BOCA DE QUEM O INDIVÍDUO FALA?

Toda vez que enfrentamos um problema e pretendemos que alguém nos ajude a solucioná-lo, temos duas fantasias recorrentes. A primeira é que alguém nos dê a solução adequada. E a segunda é que para isso teremos de explicar ao profissional em questão as coisas como são. Mas acontece que "as coisas como são" significa na verdade "como eu as entendo". Todos observamos a realidade segundo um prisma determinado e subjetivo. De fato, não há "olhares objetivos". Mas nos compete compreender através de que lente olhamos, porque disso depende "o que vemos".

Antes de tentar solucionar o problema, é necessário rever nossa lente. E isso é possível desde que abordemos o modo como esse "olhar" foi se organizando. Quando crianças, as palavras ditas por alguém organizaram nossa psique. Ou a enlouqueceram, se "isso" que foi nomeado estava afastado demais de nossas vivências concretas. Mas até nesses casos será um alívio, pois podemos compreender, finalmente, os motivos de nosso mal-estar histórico, nossa falta de entrosamento ou nossa confusão permanente.

Todos os indivíduos carregam consigo uma história de **distância entre o nomeado e o vivido**? Lamentavelmente, é raro encontrar casos em que isso não aconteça. A meu ver, não vale a pena abordar outras questões antes de saber com clareza através de que lente cada indivíduo observa a si mesmo e ao próximo.

A totalidade de crenças, pensamentos, julgamentos, preferências e modos de vida também se organiza a partir de uma quantidade de suposições, ditas por alguém na primeira infância. Inclusive se temos a sensação de ter estado historicamente na vereda oposta à de nossos pais, de que nossos pontos de vista jamais coincidiram, nem a maneira retrógada que eles têm de viver. Se esse for o caso, nossos pais nomearam de alguma maneira nossa oposição, nossa rebeldia ou nosso equívoco. Portanto, também teremos um **nome**. É frequente que nossos pais nos impinjam o personagem de rebelde sem causa, e então acreditamos, ao longo de nossa vida adulta, que passamos a vida lutando por grandes causas. E nos apresentamos assim à sociedade: como revolucionários, às vezes ostentando certo orgulho por nossa valentia ou arrojo. Mas pode acontecer... que procurando detalhadamente em nossa vida concreta não apareça nenhum laivo de coragem nem de heroísmo. E que simplesmente continuemos repetindo o discurso iludido de nossa mãe ou pai, acreditando que somos "isso" que eles nomearam.

De qualquer forma, é fundamental descobrir se isso que nomeamos hoje sobre nós, em princípio, coincide verdadeiramente com a realidade, ou se continuamos repetindo o que escutamos até cansar durante a infância. Se o reconhecemos, teremos de começar de novo. Pegar as lembranças concretas. E tratar de armar o quebra-cabeças de nossa vida, sobre a base de uma trajetória honesta e pessoal.

O discurso instalado sempre pertence à mãe? Na maioria de nossas histórias, sim. Mas em alguns casos, age principalmente o **discurso paterno**. Ou o da **avó**, se foi uma figura muito importante que conduziu as idas e vindas familiares. Também é possível que, em algumas famílias, tenhamos irmãos divididos, uns alinhados ao discurso da mãe e outros ao do pai. Nesses casos, certamente batalhas afetivas foram deflagradas ao longo de muitos anos, e cada um dos progenitores tinha aliados entre os filhos. Por isso é compreensível que uns tenham ficado em uma trincheira, e outros na outra, com o consequente ódio e rancor entre irmãos. Em seguida daremos exemplos concretos para maior compreensão.

Saber pela boca de quem fala cada um é indispensável para desenhar as cenas completas e os fios pelos quais passarão os temas importantes de cada família. Em quase todas as famílias surgem guerras, algumas mais visíveis do que outras. É preciso, portanto, saber de que lado joga cada personagem, porque, com esse dado fundamental, compreenderemos porque ele pensa o que pensa da avó, do irmão, da mãe ou do professor, assim como todas as suas opiniões políticas, econômicas ou filosóficas. Sim, nossas "opiniões pessoais" são muito pouco

pessoais. Em geral encaixam no discurso de nosso "eu iludido", mesmo que acreditemos que refletimos profundamente sobre elas. Cada personagem não só tem um papel a cumprir, mas, além disso, ocupa um lugar determinado no cenário e tem um roteiro escrito para falar.

COMO CONSEGUIR NÃO IMPOR UM DISCURSO ILUDIDO A NOSSOS FILHOS

A esta altura, estamos desconcertados. Parece difícil demais ver com clareza que personagem adotamos, detectar o motor de nossas ações, compreender que papel obrigamos os entes queridos a representar. Pior ainda, nos parece inalcançável o anseio de impor, com nossa lente, os disfarces preestabelecidos sobre nossos filhos pequenos. Temos muita responsabilidade, porque não se trata apenas de criar os filhos com amor (o que é esperado, a princípio), mas de uma tarefa muito mais complexa. Se queremos criá-los livres, temos de fazer algo para que fiquem **livres de nossas projeções**. Isso não se resolve permitindo que escolham brinquedos ou roupas, isso não é liberdade. Liberdade é ter o apoio e o olhar suficientemente **limpo** de seus pais.

Em um mundo ideal, nós, pais, saberíamos questionar nossa história emocional, confrontando afetivamente, sem medo, nossas origens – é uma obrigação – se queremos transmitir a nossos filhos uma vida menos condicionada. O que significa perguntar sobre nossa história pessoal? **Reconhecer a sombra**, com ajuda. Estar dispostos a ingressar nos territórios dolorosos e esquecidos da consciência. Confrontar os fatos ocorridos durante nossa infância, sabendo que agora – sendo adultos – temos os recursos suficientes e que nada de muito ruim pode acontecer conosco. Pelo menos nada pior do que o que já nos aconteceu. O maior temor costuma ser o de "voltar a sofrer". No entanto, é preciso saber que sofremos constantemente por conta da sombra. Levar as vivências pessoais para a luz não nos garante deixar de sentir dor, mas pelo menos sabemos de que se trata essa dor. Por exemplo, se nossa mãe esteve mais preocupada consigo mesma do que conosco quando fomos crianças, seguramente continuaremos esperando receber essa cota de carinho verdadeiro. Mas ao revisar nossa história e constatar repetidas vezes que foi uma mãe infantil, preocupada consigo mesma, egocêntrica e pouco capaz de nos dar um lugar em sua vida, a dor será inevitável. No entanto, poderemos compreendê-la, compreender-nos e então **tomar uma decisão**. Poderíamos decidir não esperar mais de nossa mãe algo que ela não está em condições de oferecer. Isso já pode trazer alívio.

Continuemos com o mesmo exemplo: se emigrei para outro país por motivos de estudo ou por promessas de melhores condições de trabalho, e ao ficar grávida volto a meu país de origem com a fantasia de que minha mãe vai me ajudar com a criança... com certeza a decepção será imensa. Por quê? Porque essa mãe real que tive e tenho é a mesma que não consegue tomar conta de ninguém além de si mesma. Grande será minha surpresa quando ela não responder aos meus chamados com a criança no colo. Não compreenderei o que acontece quando minha mãe tiver um contratempo toda vez que tiver de vir cuidar de meu filho em um horário combinado de antemão. E mais uma vez, muito sombriamente, me sentirei pouco amada, como sempre aconteceu sem que eu compreendesse de forma consciente. A diferença ao compreender a realidade emocional de minha mãe, de meu entorno e de mim mesma, é que me coloca em um cenário realista. Portanto, posso tomar decisões sobre a base da verdade familiar, e não sobre a

base das **ilusões infantis que teci segundo o discurso materno**. Esse tecido organizado na infância já não é necessário na idade adulta. Ao contrário, podemos ser mais sólidos se olhamos **a realidade como é**. Repito, isso não significa que não seja doloroso, mas pelo menos teremos a capacidade de tomar decisões mais saudáveis. Por exemplo, poderia decidir não voltar ao meu país de origem se o motivo fosse "estar perto de minha mãe para que me ajude a criar o filho". Talvez haja mais redes sociais, mais amizades concretas e melhor infraestrutura no lugar em que moro. É a isso que me refiro quando defendo que, na idade adulta, **saber do que se trata sempre traz alívio**.

Se me dedico a olhar minha sombra, se tenho uma atitude permanente de abertura e introspecção, se procuro mestres e guias que me iluminem, se estou atento ao que meus amigos, familiares e colegas de trabalho me apontam, especialmente quando o que me dizem não é bonito, então estou em um caminho que permite integrar as partes ocultas de mim mesmo. Assim, se estou criando filhos pequenos, **tudo de que necessitam são pais que questionem a si mesmos** da maneira mais honesta possível. Porque se observamos os mapas completos, se olhamos os cenários e, dentro deles, reconhecemos nossos automáticos, nossos personagens e nossos roteiros escritos, talvez possamos decidir não funcionar assim e experimentar outras maneiras mais criativas e ricas. E só então seremos capazes de olhar para nossos filhos com mais abertura e sem tantos preconceitos, ou seja, sem prejudicá-los antes de observá-los e acompanhá-los. Em vez de interpretar cada coisa que fazem e não nos agrada, em vez de trancá-los em personagens que nos acalmam porque conseguimos localizá-los rapidamente... poderemos simplesmente nomear cuidadosamente aquilo que acontece com eles, dando-lhes todo o valor real disso que acontece. E também poderemos nomear com palavras simples o que acontece conosco, na totalidade de nosso complexo universo emocional.

Assim, o coração, as vivências internas, as sensações, as percepções, terão um "lugar" real em que se manifestar... em vez de ter de se encaixar em um cenário definido de antemão. Se isso acontece, se em vez de dizer a uma criança pequena "como você é preguiçoso, é igual ao pai", perguntamos a ela "Você não tem vontade de ir à escola? É por que os meninos te perturbam?", as coisas mudam radicalmente. A criança não veste a roupa de "preguiçoso que não dá ouvidos aos pais", nem qualquer outra. No momento, ela tem um problema que não sabe resolver, e também não sabe comunicar. E por sorte tem um adulto que o nomeia e tenta ajudar a encarar um problema complexo demais para ele.

É claro que tudo isso exige treinamento cotidiano e questionamento pessoal permanentes. É trabalhoso e arriscado. Pode levar anos para ser implantado de maneira automática. No entanto, quero reforçar que esse é o único trabalho que, a meu ver, vai nos ajudar a sair dos fundamentalismos – incluídas todas as teorias da criação com apego, criação natural, naturismo, leito compartilhado, amamentação prolongada, fusão mãe-filho e demais postulados progressistas com os quais meu nome é associado – que são muito bonitos e politicamente corretos, mas funcionam também como refúgio para os mais diversos personagens. O que temos de fazer é **ser livres**. Para isso, é indispensável revisar o "roteiro oficial" que nos impingiram junto com nosso documento de identidade, exortando-nos a cumprir nosso papel. Ser adulto é tomar as rédeas da própria vida, atravessar o bosque para enfrentar nossos dragões internos,

olhá-los nos olhos e decidir, no final desse caminho cheio de perigos, qual é o nosso. A partir desse momento, seremos totalmente responsáveis pelas decisões que tomarmos na vida, em todas as áreas, incluída a capacidade de não aprisionar nossos filhos – se os temos – em personagens que não sejam funcionais. Olhar os filhos, olhar os cônjuges, olhar os irmãos, olhar os vizinhos, tudo isso só é possível se antes formos capazes de olhar globalmente nossos cenários, se tivermos a coragem de colocar em dúvida os discursos oficiais, e se tomarmos a decisão de sair nus de nosso cárcere para nos despojar das estruturas infantis. Então talvez possamos perguntar aos filhos do que precisam de nós, em vez de impor a eles autoritariamente que se adaptem a nossas necessidades e obrigá-los a carregar para sempre as pesadas mochilas do desejo alheio.

3. O discurso do “eu iludido”

QUANDO NOSSO DISCURSO SE APROPRIA DA VOZ OFICIAL

NÃO IMPORTA O MOTIVO aparente de consulta, não importa a urgência, não importa a personalidade de quem nos procura, se é homem ou mulher, se está desesperado ou agressivo ou se promete nos pagar mais se aceitarmos atendê-lo fora da agenda. Não importa se acredita que somos Deus ou algo parecido, se pensa que temos todas as soluções e só nós o compreenderemos. Só podemos ajudar um indivíduo se traçarmos juntos uma trajetória honesta de sua vida – e, se possível, de seus antepassados e de seus parentes – **integrando sua sombra**. É a esse trabalho que me refiro quando dou o nome de “organização da biografia humana”. Em minha equipe de profissionais, a biografia humana é chamada carinhosamente de “BH” (beagá). Voltamos às “beagás” várias vezes, sempre que nos perdemos em discussões que não nos levam a lugar algum.

A urgência de resolver algo que nos preocupa atualmente nos deixa ansiosos e com preguiça de voltar a lembrar todos esses fatos que aconteceram há tanto tempo. Na Argentina, onde a maioria das pessoas já passou por alguma experiência “psi”, nos dá menos vontade ainda. Nesses casos, solicitamos àquele que nos procura que tente definir em poucas frases do que se tratou o trabalho terapêutico que já fez, para aproveitá-lo e aprofundá-lo ainda mais. Poucas vezes somos capazes de ter clareza quanto ao trabalho realizado. Então somos obrigados a começar do princípio: as vivências infantis. O grau de “maternagem” recebido. O real, não o relatado. Essa busca conjunta exige mais arte do que inteligência. Mais treinamento do que ideias elaboradas.

Supondo que decidimos começar a construir nossa biografia humana, aparece em primeiro lugar uma dificuldade comum: reagimos a partir de nosso local de **identidade**, a partir de nosso **personagem** formado. Que já tem um discurso contundente estabelecido. Vimos que o principal problema, quando pretendemos organizar uma biografia humana, é que a identidade, o papel com o qual “nos reconhecemos” é liderado por nosso “eu consciente”, por nosso personagem. Apresentamo-nos de determinada maneira, acreditando que “isso é o que somos”. Por exemplo, sou advogada, sou eficiente, sou pontual, sou inteligente, sou resolutiva, sou impaciente, sou exigente, sou responsável. É possível que todos esses atributos estejam corretos. Mas não é isso que nos interessa, e sim o outro lado, ou seja, o que esses valiosos personagens produzem. Se essa parte de minha identidade me traz muitos benefícios, temos de buscar os danos nas pessoas próximas. Por exemplo, se tenho muito orgulho de minha eficiência, tolerarei muito mal a ineficiência dos demais, ou o descuido ou a distração. Também é muito provável que, para alimentar meu personagem, tenha me rodeado inconscientemente de pessoas bastante desatentas ou esquecidas. Se esse é meu personagem, tenderei a não querer resolver histórias do passado, porque estou acomodada em uma cota importante de poder no manejo de minha vida. Mas me preocupa que meus filhos se comportem muito mal na escola, apesar de mandá-los consultarem-se com psicólogos. Resolutiva como sou, quero uma solução já.

Sinto muito por insistir nesse mesmo conceito, mas vamos explicar a essa pessoa enérgica e competente que nos consulta que começaremos perguntando-lhe sobre seu nascimento e primeiras lembranças de infância. Se somos essa pessoa, responderemos: "Eu nasci de olhos abertos". "Quem disse?" "Como assim, quem disse? Minha família disse." "Alguém disse primeiro, possivelmente sua mãe." "Sim, claro, minha mãe disse a vida toda que eu nasci de olhos abertos e sempre fui atenta a tudo, que nada me escapava, sou assim."

Pode parecer engraçado depois de ouvir milhares de relatos, mas as pessoas nomeiam com total naturalidade o personagem que usam. É preciso ser capaz de sustentar esse "estar sempre de olhos abertos" que nossa mãe nos colocou. Certos personagens têm um lado glamoroso e valorizado positivamente. Portanto serão difíceis de abandonar. O personagem "que nasce de olhos abertos" vê tudo, é inteligente, rápido, intuitivo, perspicaz, mas... à sombra está o descuido, o desamparo e a frágil capacidade da mãe de cuidar dessa filha quando era bebê. Como sabemos disso? Porque o personagem nomeia a si mesmo só aquilo que a mãe nomeou. Tudo o mais teremos de investigar. E será difícil, porque o maior guardião dessa informação é o "eu iludido" dessa mulher, que adotou o discurso materno e **tornou-o próprio**.

Continuando nossas investigações, faremos perguntas visando à exigência da mãe dessa mulher, para que sua filha assumisse responsabilidades desde muito pequena, já que "nasceu de olhos abertos", ou seja, **madura**. Realmente aparecerão lembranças em que desde muito cedo ela se ocupa de seus irmãos menores, brigando por causas justas no colégio, sendo líder de seus colegas de escola, levantando sempre alguma bandeira e defendendo suas convicções de capa e espada. Portanto, seguramente terá seguidores, mas sem dúvida também detratores. **É a lei dos cenários completos**. Pensando assim, nos interessarão mais as perguntas sobre esses detratores, que em princípio ela desprezará. "De que importa o que pensavam esses idiotas?", diz a personagem líder. Interessa, pois possivelmente o mesmo que acontecia com esses "idiotas" também se passava com os irmãos que estavam na outra trincheira das batalhas familiares durante a infância.

Imaginemos que a mãe de nossa cliente também seja uma mulher enérgica, forte e decidida. Mais motivos para que nossa heroína se identifique com essa mãe e compre completamente o personagem que ela lhe deu de presente quando nasceu. Podemos fazer uma experiência: perguntemos algo sobre a mãe. Então os olhos de nossa cliente começarão a brilhar ao relatar alguma cena dessa mãe excepcional (que talvez tenha sido). O que estamos procurando é confirmar que mãe e filha estão no mesmo bando, no campo das empreendedoras. Talvez mamãe não trabalhasse, ainda que desprezasse o pai, que sustentou economicamente a família por 50 anos. Mas é bom saber que **o dono do discurso oficial** tem o **poder** da "verdade" (que pode não ser assim, mas isso vamos revelar em seguida). Justamente, estamos falando do **poder do discurso**, nesse caso o **materno**.

Perguntemos então sobre a realidade emocional dos personagens que ficaram na trincheira dos "não eficazes": pais e irmãos. Sobre eles, nossa consultante terá muito a dizer: "Meu irmão mais novo era um 'repetente', meus pais já não sabiam para que colégio mandá-lo. Chamávamos o do meio de 'ente'. Porque era um ente! Um zumbi. Estava sempre na lua, não falava, não se relacionava com ninguém, não tinha amigos. Hoje continua igual, foi viver sozinho como um

vagabundo e temos de lhe mandar dinheiro de vez em quando. Vive sozinho com alguns animais de estimação. O do meio está sempre fazendo maus negócios, e já não quero mais salvá-lo. São iguaizinhos ao meu pai". Muito bem, essa é a verdade? Depende de que ponto de vista a abordamos. É claro que é o ponto de vista de nosso personagem audaz. Seguramente foi admirada por sua mãe, mas também é provável que tenha sido odiada por seus irmãos, enquanto permanecia aferrada ao cume da montanha da soberba.

Chegamos à adolescência. Se fizermos um pouco de "futurologia" podemos imaginar que arrasou os corações de todos. Perguntaremos, para confirmar. Realmente, teve seu tempo de femme fatale, segura de si, empreendedora, disposta a "passar por cima" para conseguir seus objetivos. Esse personagem permite avançar a passos largos no território profissional, mas nos deixa muito sozinhos no terreno afetivo. As perguntas que têm por objetivo fazer com que essa mulher se conecte com a "outra parte" se referem a seus vínculos afetivos íntimos. Aparecerão homens fracos ou drogados que ela precisava salvar, ou machões seduzidos por seu arrojo mas logo ciumentos ou competitivos. Como começavam suas relações? Tinham base no fascínio em relação à nossa heroína. Como terminavam? Indefectivelmente com largas cotas de violência. Nossa protagonista se parece com a Rainha de Copas de Alice no País das Maravilhas: toda vez que não gosta de alguma coisa, determina: "Cortem-lhe a cabeça!" Nossa consultante é uma cortadora de cabeças, sobretudo se alguém deixa de ser seu aliado fiel.

O maior obstáculo que encontramos ao entrar nas histórias de vida é que o "personagem" é cego, porque dá razão a si mesmo. O "eu consciente" não leva em conta nenhuma outra perspectiva e está muito seguro de si. Por isso o chamaremos de "eu iludido", porque de todos os "eus" é o que menos compreende **como são as coisas objetivamente**. É a parte de si mesmo que se acredita mais esperta – como o filho preferido do rei de qualquer conto –, mas não sabe nada da vida. Por isso fracassa sempre. O "eu iludido" defende um único ponto de vista, considerando que é o único e o melhor. O "eu iludido" tem medo de aparecer do outro lado, porque sabe que terá de tirar as máscaras que o mantêm aquecido em seu refúgio de cristal.

Basicamente, se observarmos nossos discursos, toda vez que nos "apresentamos" em sociedade é o "eu iludido" que está feliz por demonstrar suas supostas virtudes. Portanto, quase tudo que dizemos é uma pequena parte da verdade. Insisto que, na armação de uma biografia humana, aquilo que a pessoa **diz**, ou seja, o que o "eu iludido" proclama, **não nos interessa**. Aquilo que ela relata no âmbito de uma consulta terapêutica **espontaneamente** em princípio fala a partir do "eu iludido" e, sendo assim, não pode nos dar informação valiosa. Portanto, é o tipo de informação que somos obrigados a **descartar**, ainda que nos tenha impactado ou nos forneça uma riqueza de detalhes escabrosos ou descrições saborosas para o deleite dos sentidos. Para usar o exemplo que estamos inventando, não importam os pormenores em relação aos lamentáveis episódios desempenhados por ex-namorados, irmãos, funcionários ou pessoas próximas a nossa consultante, se todos são abordados a partir do "eu iludido" de alguém que acredita ser infalível. E tem orgulho disso. Já sabemos que, a partir da ótica do "eu iludido", ela vai considerar "idiota" todo aquele que não seja aliado, ou pelo menos veloz e eficaz; e será "aceitável" quem se identificar com ela.

Estamos abordando cronologicamente uma mulher jovem, empreendedora, advogada de

sucesso. Tem relações com homens nas quais detenha o poder. Sabemos que hoje – pulando a cronologia – tem 45 anos, é casada e tem dois filhos homens em idade escolar, e nos consulta preocupada com eles. Muito bem, trataremos de organizar a informação que temos, para averiguar o desenrolar dos acontecimentos sobre a base de certa lógica. E então chegar à preocupação atual.

Com quem finalmente se casa? Com um homem fraco, como tantos com quem se vinculou, a quem ela deveria salvar ou desprezar? É possível. Também é provável que se case com um homem forte, com quem faz alianças contra o mundo. Se há muitos inimigos lá fora, ou idiotas, inúteis, improdutivos ou ineptos, será fácil armar uma aliança ferrenha. É claro que esses movimentos são inconscientes. Mas funcionam. Para saber qual foi sua escolha, teremos de perguntar, procurando em primeiro lugar o "tipo" de união. Com nossa heroína não haverá "meios-termos", ela saberá imediatamente responder se seu marido é um "gênio" ou um "imbecil". Então saberemos em que turma ficou. Suponhamos que tenha escolhido a opção do homem forte e decidido como ela. Imaginemos que esse senhor também seja advogado, que se conheceram no ambiente profissional e ambos trabalham no fórum criminal. É claro que esse tipo de trabalho – sobretudo no caso das mulheres – se sustenta com o aval de personalidades fortes e com certo distanciamento emocional, do contrário são muito difíceis de aguentar. Mas nossa heroína tem força de sobra, assim como distanciamento emocional...

Até que no transcurso de nossos encontros começamos a nomear o desamparo que viveu durante toda a infância, a obrigação de reagir com maturidade com 6 ou 7 anos, a responsabilidade de assumir certas decisões muito cedo e, sobretudo, a crença de que ela, essa menina, era a única no mundo que podia fazer as coisas como a mamãe precisava. Se conseguirmos "tocar" essa outra parte, fora do discurso do "eu iludido", teremos começado um trabalho interessante. Se não conseguirmos, não. Quer dizer, nossa função é **mostrar os benefícios e também as desvantagens** ou o preço a ser pago de cada personagem, porque o custo é algo que todo indivíduo sente mas não consegue notar. Por isso, continuamos pagando nosso preço, sentindo-nos mal mas sem saber o que fazer para nos sentirmos melhor. Justamente, o custo de sustentar o personagem é vivido internamente, sofremos porque não conseguimos detectá-lo com clareza. Nesse exemplo, o custo a pagar pode ter sido uma solidão imensa, uma desconfiança absoluta em relação a todos, a crença de que o mundo é feito de inúteis que nunca poderão nos ajudar. É muito difícil viver acreditando que o mundo gira porque nós o movemos... A partir dessa perspectiva, jamais passará pela nossa cabeça confiar no outro, associarmo-nos ao outro, delegar a outros... e com isso o sofrimento e a distância serão vividos com frieza, inclusive com desprezo e desmerecimento em relação à própria dor. Tudo isso pertence à "sombra" do indivíduo. Não nomeamos porque não temos consciência. Passamos a vida depreciando os demais, mas não somos capazes de falar da angústia que nos causa cavar cotidianamente o fosso entre nós e o resto do mundo. Construímos um abismo. Ficamos sozinhos neste lado do mundo. E sem dúvida acusamos os demais de não ser capazes de pular para o nosso território.

Suponhamos que essa seja a situação que nossa consultante começa a vislumbrar. Quando nomeamos a distância entre ela e quase todos os demais, aceita, balbuciando um "nunca tinha

visto dessa maneira" ou um "pode ser, acho que sim". Então poderíamos desenhar um "mapa" ou esquema simples, no qual estão situados no alto da montanha ela e o marido, juntos, aliados, de mãos dadas e olhando com desdém para o resto da humanidade. É um lugar que confere poder. Também é um lugar solitário. Não passa pela cabeça de ninguém que esses dois deuses possam precisar de alguma coisa. Todos nós que, nesse mapa, nos constituímos em pequenos súditos incapazes não temos nada a oferecer ao rei e à rainha desse território. Há distância. Endeusamento. Inveja. Incompreensão. Rancor. Desconhecimento. Imaginemos uma montanha alta, dois indivíduos no trono lá em cima, e o resto do mundo aqui embaixo. Tudo que se produz, tanto em um lugar como no outro, é o que acontece obrigatoriamente nesse mapa.

Pessoalmente, ao chegar a esse ponto, eu trabalharia a emoção "gênios versus idiotas". Porque o "eu iludido" dessa mulher claramente é orgulhoso de sua própria "genialidade" e lamenta ter de suportar cotidianamente todos os personagens secundários dessa peça de teatro que desempenham os papéis de idiotas, bobos ou lerdos. Até que não observemos juntos como ela dispôs os papéis de cada um, não compreenderá que é o que ela – inconscientemente – gera nos outros e, portanto, também não poderá mover as peças do jogo que ajudou a criar.

Tendo claro esse panorama, poderemos abordar então o nascimento dos filhos, a criação, o vínculo com eles, as mudanças na relação afetiva com o marido e as dificuldades cotidianas. Nesse caso, trata-se de uma mulher que trabalha cuja identidade está organizada em torno do sucesso profissional e da distância afetiva. Portanto, já conseguimos imaginar que, ao se tornar mãe, surgirão muitas dificuldades antes impensáveis. Se fizéssemos "futurologia" saberíamos que as crianças pequenas vão se tornar uma "dor de cabeça", simplesmente porque ela está muito mais treinada para se movimentar pelos mundos profissionais do que pelos territórios emocionais e sutis. O nascimento e a convivência com crianças pequenas é difícil para todos, mas será mais ainda para a nossa consultante. Todos sabemos que a criação e o vínculo com as crianças não se resolvem com eficiência, nem com ações concretas, e muito menos com velocidade. Se levarmos em conta seu personagem, podemos supor que se sentirá presa a um labirinto sem fim.

Dito isso, em meu modo de ver teremos de parar para formular perguntas muito específicas em relação aos primeiros anos de seus filhos. Por quê? Porque devem ter sido muito incômodos para o personagem, então é provável que ela queira passar por alto, alegando que "isso aconteceu há muito tempo". Ou talvez simplesmente tenha se esquecido de quase todos os detalhes dos primeiros anos desses bebês. Por isso, nosso trabalho dever ser o de colocar ênfase especial nessa parte da história, que se constituiu em **sombra**. Como perguntar? De forma detalhada. Parto. Primeiros dias. Puerpério imediato. Amamentação. Automaticamente nossa heroína responderá: "Tudo maravilhoso, Joãzinho era um anjo, comia e dormia". É muito pouco provável. A partir do "eu iludido" esse personagem chegou ao parto acreditando que tinha tudo sob controle. Vamos partir do princípio de que se existe um lugar em que o controle se descontrola... é na cena do parto. Vamos supor que foi feita uma cesariana. Ela então vai defender os postulados da modernidade e as cesáreas resolutivas, o cordão umbilical enrolado no pescoço ou a desculpa perfeita para não se conectar com isso que aconteceu a ela. Quanto mais para a sombra tenha enviado as experiências descontroladas, mais teremos que procurar

aí. Pensemos que o personagem vai tentar – em meio ao caos – voltar ao terreno que domina. **Esse terreno é seu trabalho**. De maneira atraente, se a interrogamos sobre seu trabalho nesse momento – por exemplo, a quem delegou as tarefas urgentes, que coisas deixou organizadas etc. – dirá que exatamente durante sua primeira gravidez ela decidiu abandonar seu antigo emprego em um escritório importante de advocacia, e trilhar caminho sozinha a fim de crescer economicamente, com a abertura de um escritório próprio e a cumplicidade de alguns advogados jovens dispostos a acompanhá-la. E que a mudança para os novos escritórios estava se concretizando quando as contrações do parto começaram. Agora podemos vislumbrar a libido que precisava desviar para seus novos projetos de trabalho e a pouca conexão que possivelmente tenha tido em relação ao parto que se aproximava e à presença de um bebê, que até esse momento sequer conseguia imaginar.

Esse é o momento perfeito para parar e rebobinar as histórias, retomando a ideia do parto maravilhoso e feliz que disse ter vivido. Em plena mudança, com os projetos profissionais em seu máximo esplendor, e ela pretendia ter um filho com a mesma energia com que defende seus clientes nos tribunais. Alguma coisa não encaixa. Podemos nomear que imaginamos uma cena caótica. Silêncio. Respiramos. Alguns segundos depois, pela primeira vez, ela começa a chorar. Tenta evitar que notemos. Aproximamo-nos fisicamente mas ainda sem tocá-la. Ela se incomoda. Formulamos algumas perguntas suaves. Então sim, começa a gemer, tossir, assoar o nariz, enquanto tentamos abraçá-la sentindo que todo seu corpo está tremendo. Chora dizendo palavras ininteligíveis, que está cansada, que é muito difícil, que tem dor nas costas, que precisa de férias, que as crianças não reconhecem o esforço que faz, que para os homens é mais fácil e a vida é injusta. Muito bem, tocamos em algo do **material sombrio**. Aí permaneceremos. Procuraremos e tentaremos nomear os acontecimentos externos ao discurso do "eu iludido", que tinha tudo organizado formalmente. Voltemos ao parto. À sua comunicação nula com o médico previsto para atendê-la. À sua pobre busca pessoal em relação a saber alguma coisa sobre partos, supondo que não a interessava em absoluto. Aparece o desprezo por tudo que é suave, incluindo o que se refere a parturientes. Ela se tornou uma, mas prefere se submeter a seu personagem habitual: eficaz e potente. É submetida a uma cesárea, mas sua personagem, forte e empreendedora, congela seu coração, deixa a mente em branco e pede para ir caminhando com seus próprios meios até a porta da sala de cirurgia. Admirável. Valente. Segura. Uma vez fora do útero, o bebê é mostrado, levado, todas as rotinas hospitalares são realizadas mecanicamente, mas ela se mantém em seu disfarce, sem transpirar. Nunca mais necessário do que nesse momento. Então continua o discurso do "eu iludido" dizendo "não tive leite, então não perdi tempo e o bebê começou a tomar a fórmula em seguida, e foi ótimo". De agora em diante, todos os "ótimos" que ouvirmos por parte de nossa protagonista terão de ser "pegos com pinça". É hora de nomear com outras palavras isso que aconteceu. Diremos: "A cesárea com certeza foi um choque, e ao ter seu filho pela primeira vez nos braços talvez o tenha sentido como um estranho, perguntando-se se era uma mãe normal e se tinha instinto materno, já que tinha sentimentos muito ambivalentes em relação a esse bebê. Talvez muita gente entrasse no quarto para dar orientações". Então – assombrada por sua própria preguiça – chorando dirá: "Sim, sim, isso mesmo, me mostravam como tinha de segurá-lo, em que posição tinha de colocá-

lo, mas o bebê chorava e não gostava dessa posição, além disso a cicatriz doía muito, e meu marido comemorava com seus amigos tomando champanhe e eu queria matá-lo, e o bebê não gostava quando lhe dava o peito, era uma tortura, no final eu não queria nem segurá-lo, porque mal o tocava e se punha a chorar, enquanto com as enfermeiras se acalmava". Muito bem, já estamos nos desviando do "ótimo" de alguns minutos atrás, e continuaremos nomeando realidades prováveis externas ao personagem: "É possível que você não tenha imaginado o tempo e o silêncio que você e seu bebê exigiam, nem a tranquilidade e a calma necessárias para se conhecerem. Também deve ter sido muito difícil entrar em um 'tempo sem tempo' quando estava se mudando de escritório e montando um empreendimento novo. Sua realidade externa estava muito afastada da conexão e das necessidades desse bebê". Seguramente nossa consultante se lembrará – depois de nossas intervenções – de discussões com o marido, amigas que lhe davam conselhos que não serviam para nada, da vontade de fugir dali, e de uma opressão no peito... que agora podemos nomear... que a transportavam para sentir afinidade com todos esses indivíduos que anteriormente ela tinha desprezado: inútil, perdida, vazia, dolorida, deslocada e desorientada. Um nojo.

Se tivermos uma entrevista com esse grau de intensidade... teremos de parar para respirar. E continuar outro dia. No próximo encontro ela virá com o rosto mais tranquilo, vestida com uma roupa mais informal e o cabelo solto. Bom sinal. Relaxou. Recordou. Tirou por um momento a máscara que a estava machucando. E confiou por um tempo em nós. Podemos continuar nossa investigação e com ela o afã de colocar luz sobre os acontecimentos que rechaçou e relegou à sombra. Não nos surpreenderá se nos confessar que cinco dias depois de nascido o bebê ela estava no escritório. É lógico. Fugiu desesperada para seu lugar de identidade. E não vamos julgar se foi boa mãe ou não, não interessa. A única coisa que importa é que, olhando pelo ponto de vista do personagem, fez a única coisa que sabia fazer. Mas então nossa função muda: teremos de **acrescentar o ponto de vista do menino**. Somos obrigados a trazer a voz, e relatar com palavras simples tudo que esse bebê de cinco dias, um mês, dois meses, quatro meses, seis meses, foi vivendo. Com uma mãe desconectada de suas necessidades básicas, deixando-o ao cuidado exaustivo de pessoas idôneas, alimentado, higienizado, atendido, mas **sozinho**.

Não vale a pena falar de contato corporal, nem de fusão emocional, ou presença, disponibilidade emocional, entrega, silêncio. São todos conceitos desconhecidos – para não dizer desprestigiados – do personagem. Enquanto isso, há um bebê que vai pedir "maternagem" como puder. Possivelmente tenha ficado doente. Então perguntaremos diretamente sobre doenças. Nossa consultante a princípio dirá espontaneamente que "era super-saudável", mas se insistirmos se lembrará da bronquite, da bronqueolite, das internações em função das convulsões por febres altas, da otite, dos resfriados intermináveis, das noites sem dormir com as nebulizações sempre presentes e outras delícias cotidianas. Claro, ela tinha de trabalhar, e muito, e por isso é possível que não tenha lembranças tão marcantes, porque a essa altura já tinham contratado uma babá para ficar com o bebê à noite. Então continuaremos nomeando as vivências do ponto de vista do bebê, e a enorme distância que ia aumentando entre a alma do menino e a da mãe. Com paciência, abriremos espaço à lembrança de pequenas histórias, oferecendo a devida atenção a cada uma, não porque sejam importantes em si mesmas, mas para

permitir que certo registro emocional se estabeleça, algo totalmente novo para nossa consultante. E o pior é que esse novo registro **dói**. Mas como é uma mulher deveras inteligente, haverá brincadeiras sobre isso que está descobrindo, ela rirá de si mesma e dirá que nunca pagou tão caro para sofrer. Sabe que essa nova aproximação ao "outro lado de si mesma" é dolorosa, é difícil para ela, mas é extremamente necessária.

Então abordaremos o primeiro ano de vida do bebê, depois o segundo. A gravidez seguinte e o parto, possivelmente bem parecidos com o primeiro. O nascimento de um segundo menino. Também não houve amamentação. Mais babás. Menos atenção, já que estavam todos treinados sobre o que era preciso fazer com o muco e a febre, as otites e os antibióticos. Ou seja, repararemos nos pormenores da vida cotidiana dessa família, com uma mãe empreendedora que trabalha muito, um pai que também trabalha muito e dois meninos pequenos, que estão **sozinhos**, adoecem muito e sobrevivem como podem.

Sei que as leitoras dirão nesse ponto: "E o pai? Cadê? Por que o pai não fazia alguma coisa, já que nem aparece nessas cenas?" Pois é... poderia haver um pai que fizesse... mas, nesse cenário, o acordo matrimonial se baseava no trabalho, no sucesso, no empreendedorismo e na atividade. E na disponibilidade suficiente de dinheiro, claro. E quem pode julgar a outra parte de si mesma é a mulher que se tornou mãe. O que esses bebês traziam era emocionalmente tão intenso – e tão desconhecido para o personagem que ela encarna – que ela não soube compreender o momento. As interpretações que fazia eram **do ponto de vista do personagem de sucesso**. O pai dos meninos acompanhou essa maneira de ver as coisas, já que seu personagem se parece bastante com o da mulher, mas nem sequer sofreu fissuras, porque não teve partos, não teve leite, nem teve maternagem para descobrir. Portanto, sequer quebrou. Simplesmente acompanhou tudo na mesma frequência que a mãe assumiu a maternidade desses meninos. Podemos dizer também que não houve ruptura no casamento, já que, mesmo com duas crianças pequenas, **o acordo** entre os personagens adultos **se manteve intacto**. Eles continuaram trabalhando, vinculando-se por meio dos empreendimentos profissionais, e deixando esses dois filhos pequenos em um mar de solidão, ainda que os pais não tivessem consciência disso.

Nesse ponto o grau de intensidade de nossos encontros é alto, e talvez nossa consultante deseje tirar férias. Muito bem, que se comunique quando quiser. Vamos supor que deixe passar bastante tempo, mas um dia pede uma nova consulta. Quer ir direto ao ponto que a preocupa: os dois filhos se comportam muito mal na escola, ambos têm psicopedagogas que os assistem, professoras particulares, psicólogas e fonoaudiólogas. Estão pensando em acrescentar um especialista em brincadeiras. Experimentaram castigá-los cancelando uma viagem que os meninos esperavam, mas não serviu de nada.

Como se passaram seis meses desde nosso último encontro, teremos de detectar que nível de consciência ou de aproximação à sua sombra ela manteve durante o período em que não nos encontramos. No princípio vai tentar falar de outros assuntos. Mas leva menos de cinco muitos para começar a chorar e dizer que não aguenta mais, que sabe que precisa mudar alguma coisa. Bem. Estamos encaminhados. Para não aborrecer o leitor, direi que vamos nos concentrar em repassar a vida desses dois meninos, do nascimento até hoje, de seus respectivos pontos de

vista. Reconheceremos a solidão, os pedidos históricos deslocados em relação a mais exigência da presença materna, mais disponibilidade, mais brincadeiras, mais quietude. Examinaremos as ferramentas que esses dois meninos utilizaram para se fazer ouvir: doenças, acidentes, brigas, travessuras perigosas, mau comportamento, em seguida comportamento pior ainda, machucarem-se, ameaçarem-se, ameaçar colegas no colégio, roubar, maltratar outras crianças, desobedecer. Enfim, mais ou menos são essas as possibilidades que esses meninos têm de dizer: "Estou aqui e quero que você fique comigo". Situaremos cada acontecimento na idade cronológica de cada um deles. E constataremos que eles só querem uma coisa: que mamãe olhe para eles. Claro, do ponto de vista da mãe ela sentirá que vive para eles, trabalha para eles e se esforça para lhes dar a melhor vida possível. Mas esses meninos sozinhos sofrem. Não querem nada do que têm. Só querem ficar na cama da mamãe e do papai.

É tão difícil permitir a dois meninos desesperados que subam na cama dos pais? Habitualmente parece que sim, porque poucas crianças conseguem.

A essa altura já temos o panorama completo. Nossa heroína pela primeira vez se coloca no lugar dos filhos, os compreende e sente compaixão por eles. Então faz a pergunta de um milhão: "O que fazer?" À qual responderemos: "Não sei". Tendo isso claro – quer dizer, sabendo que cada indivíduo é responsável por seus movimentos –, começaremos a traçar um caminho que seja **integrador da sombra**. A consultante, uma vez que entende seu personagem (que na verdade é seu melhor **refúgio**), a necessidade que tem de permanecer escondida ali, os perigos de sair de sua cova, os desafios que tem à sua frente, os pontos de vista de seus filhos, de seu marido, de seus funcionários, de seus inimigos (se os tiver), poderá decidir se quer mover alguma peça ou não. Essa é uma **decisão pessoal** e não compete ao terapeuta. Em todo caso, se decide arriscar-se e mover alguma peça, o terapeuta poderá acompanhar esses movimentos.

Agora se abrem múltiplas opções. É fácil assim? Constrói-se a biografia humana e então já somos capazes de fazer movimentos que nos tragam mais felicidade? Não. Este foi um relato muito simples e sem fissuras. Nas histórias reais é muito mais complexo. De qualquer maneira, do meu ponto de vista, não podemos abordar **nada** sem saber qual é o personagem desempenhado pelo indivíduo que nos consulta, sem ter claro o discurso de seu "eu iludido", sem compreender pela boca de quem ele fala, o nível de medo diante da opção de sair do refúgio que a identidade lhe dá, vantagens e desvantagens do personagem e, sem dúvida, sem termos segurança da capacidade intelectual do indivíduo em questão.

Quando me refiro à "capacidade intelectual" quero esclarecer que certos indivíduos que foram muito maltratados durante a infância, inclusive sofrendo abusos emocionais ou físicos, podem adotar o personagem daquele que não sabe, não entende, não toma conhecimento. Assim como em todos os casos, **o personagem é a roupa que nos permite sobreviver**. Com frequência, se nossa sobrevivência depende de não saber nada, não nos darmos conta de nada, não registrar nada... essa pulsão se enraíza tanto em nosso ser interior que somos capazes de nos tornar "idiotas". Não é que nossa mente não seja capaz. É que **a alma se vê forçada a idiotizar a mente**, justamente para não ser testemunha de atrocidades que – já sabe – não vai conseguir tolerar. Nesses casos, não é impossível tentar um trabalho de trajetória da biografia humana, mas teremos de estar atentos para detectar se o ser interior desse indivíduo, em algum momento,

sente confiança suficiente para abrir minimamente a roupa de idiota que vive nas nuvens, e permite nos imiscuir em cada canto de sua sombra.

Tudo é possível e às vezes nada é possível. Essa é uma metodologia que exige **treinamento, arte, empatia e experiência**. Não veste bem em todo mundo. Mas há algo que acredito ser fundamental: trabalhamos permanentemente para desmascarar o "eu iludido" de quem nos consulta, mas também para não permitir que ele acredite ou pense que o profissional "sabe" ou é um "gênio" ou o que seja. É indispensável deixar claro que esta é uma investigação que fazemos **entre duas pessoas**. Alguém que sofre e espera se conhecer melhor, e alguém que por não estar envolvido na trama da cena familiar vai ajudar a olhar o cenário de fora. E, para conseguir, vai se ocupar de trazer **as vozes de todos**. Também vai estar atento para não entrar no palco de quem o consulta. Se damos uma opinião pessoal, já estamos colocando um pé nesse cenário. Se nos angustiamos com os relatos também. Se nos horrorizamos, idem. Por isso, é indispensável ter ouvido muitas histórias e trabalhar constantemente nossa própria sombra, para que nosso personagem não se incorpore ao trabalho que estamos realizando no **território do outro**. Temos de nos tornar apenas um meio que possibilita e questiona, nada mais. Nem menos. Nossas opiniões pessoais não têm lugar, nem nossas teorias filosóficas, nem nossas crenças, nem nossa moral. É o terreno do outro. Nessa função somos apenas um canal que se põe à disposição da busca interior de outro indivíduo.

E o que acontece se parece "forte" demais o que dizemos a um consultante? Essa é uma fantasia habitual. Na verdade, ninguém pode dizer nada mais "forte" ou doloroso do que o indivíduo já vive em seu interior, saiba disso ou não. De qualquer forma, não se trata de fazer interpretações a torto e a direito. Não. Apenas de nomear o que não foi nomeado. Se algo realmente "encaixa" na vivência interna do indivíduo, simplesmente vai corroborar para que "isso" que ao longo de sua vida sentiu "seja dito" com palavras parecidas com as que o profissional está utilizando. E se não lhe "cabe", então dirá que não, que não se sente assim. Significa que estamos nos enganando e teremos de desviar nossa pesquisa para outro lado. É um trabalho de detetive. E ingrato. Pois em geral deparamos com realidades muito mais hostis, violentas, desumanas ou ferozes do que imaginávamos. **Procurar a sombra sempre é doloroso. Mas permanecer cego é mais doloroso ainda**.

O que acontece se a pessoa que inicia seu processo de biografia humana e decide mudar muitos aspectos de sua vida depara com o fato de que seu cônjuge, por exemplo, não está disposto a mudar nada? Por acaso não é melhor fazer esse percurso juntos? Não. Esse é um pedido frequente das mulheres. Nós, mulheres, arrastamos nossos maridos para que venham, ouçam, entendam e **nos deem razão**. É claro que a proposta de integração da sombra não busca dar razão a ninguém contra a razão de outros, mas exatamente o contrário: propõe compreendermo-nos mutuamente nas razões de nossos respectivos personagens e então decidir se estamos dispostos a deixar esses personagens de lado para viver uma vida mais ligada à **verdade interior**. Quando pretendemos que nosso cônjuge venha para a consulta, continuamos pensando que "o outro deve mudar". Nada mais distante da verdade. Só a própria pessoa pode mudar. Na verdade, isso que não gostamos no outro – seja nosso parceiro, pais, irmãos, filhos, vizinhos ou sogros – simplesmente reflete uma porção de nossa própria sombra. Se algo se

manifesta – feliz ou sofrido – no cenário é porque faz parte de nossa trama, ainda que não tenhamos registro disso. Se a trama em seu conjunto nos causa sofrimento, sempre poderemos **mudar a nós mesmos**, e então o ambiente todo se modificará. É como um jogo de xadrez: quando alguém **movimenta uma peça**, o jogo se move em sua totalidade.

Quanto à conveniência de convencer o cônjuge, por exemplo, para que empreenda essa viagem, só quero acrescentar que se quem nos consulta (no caso de ser uma mulher) começa a registrar seu personagem, entende seus benefícios, admite o preço que faz os outros pagarem para sustentar-se nesse papel, aceita as vozes dos outros, olha o panorama completo e identifica o que provoca nos outros, talvez seja capaz de **mudar**. E quando mudar, quando relaxar, quando ouvir, quando parar de brigar, quando espontaneamente se dirigir a seu marido de maneira mais amável e carinhosa... então o marido genuinamente interessado dirá: "Eu também quero fazer 'isso'!"

Para mim é interessante notar que quase nunca os homens que passam pela experiência de construir sua biografia humana estão dispostos a convencer suas mulheres ou namoradas a fazer o mesmo. Em geral, há menos personagens manipuladores entre os homens do que entre as mulheres, mesmo que isso não deixe de ser uma observação baseada em registros de minha instituição que, sem dúvida, são discutíveis.

REFORÇAR O PERSONAGEM QUE NOS DEU AMPARO

Vamos considerar que o personagem que construímos teve um propósito fundamental: fazer-nos **sobreviver ao desamparo**. A principal intenção inconsciente foi a de não sofrer demais. Para isso, além de aceitar a roupa imposta pelo adulto mais importante – que em geral é a mãe – nós, indivíduos, costumamos agregar vários adornos, enquanto contamos a nós mesmos uma história carregada de fantasia para em seguida confiar que é real.

Por isso, é muito comum que, quando o consultante relata histórias do passado, haja anedotas agradáveis e divertidas. Mas atenção, pois se **somos atraídos por esse relato** – pelos motivos que forem (quase sempre porque tocam em algum lugar sombrio nosso) – teremos caído no **feitiço**. Esse feitiço faz parte dos artefatos de certos personagens, em especial dos muito expressivos, cômicos, exagerados, irônicos ou cínicos. Aqueles que acrescentam sal e pimenta às histórias e exatamente por isso atraem a atenção dos demais personagens. E a nossa. Quero dizer, se caímos na curiosidade, para ter mais detalhes de um relato que nos fascina... perdemos nossa função, porque ingressamos no campo de quem nos consulta, perdendo objetividade (porque já estamos dentro). Registrar esse afastamento como observador externo é difícil, pois como saber o que perguntar para entender melhor o cenário e como saber o que devemos perguntar quando isso responde a uma curiosidade subjetiva? Consegue-se com treinamento. Mas pelo menos quero deixar estabelecido que significa estarmos atentos e não nos deixarmos enfeitiçar por telenovelas, pois para isso existe a televisão.

Continuemos com o personagem que cada um cuida como se fosse seu maior tesouro. Pensemos que o personagem foi nosso principal **refúgio**, e isso não é pouca coisa quando somos crianças. O problema é que crescemos, nos tornamos adultos mas interiormente acreditamos que na atualidade devemos enfrentar o mundo com as mesmas ferramentas infantis

que utilizamos no passado. Por isso nos aferramos a nosso personagem ainda mais. Se somos a "amazona" que defende as causas justas de arma em punho, estaremos associadas a qualquer causa própria ou alheia. Se somos o frágil doente de asma, enfrentaremos os acontecimentos a partir da fragilidade e do não conseguir fazer nada; se somos o viciado que foge, para lá iremos com nossas substâncias tóxicas a fim de estar por fora da realidade. O incrível é que, sendo adultos, continuamos jogando o mesmo jogo da infância. E no fim, quando descobrimos que esse personagem nos foi colocado por mamãe, papai, o avô paterno ou quem seja... acreditamos que a culpa é desse familiar. Aqui começa a tarefa mais ingrata: reconhecer que temos dedicado grande parte de nossa energia vital para lustrar, embelezar, adornar e completar o personagem, porque necessitamos dele mais do que do ar que respiramos. Sem nosso personagem não sabemos viver, não sabemos quem somos, não sabemos como nos relacionar com outros, como trabalhar, como fazer amor, como sustentar nossa moral.

Por isso, quando um terapeuta tenta nos mostrar o nascimento desse personagem e como desempenhamos as cenas familiares que hoje talvez nos produzam mais sofrimento e desencontros que amor, nos zangamos, nos aferramos, começamos a defender nossa mãe, dizendo: "Mas algo de bom minha mãe deve ter feito, afinal sou um bom engenheiro, tenho três filhos, uma esposa carinhosa e um mestrado nos Estados Unidos". Sim, claro. Mas **estamos procurando sombra**, então tudo de bom que nossa mãe fez está ótimo, agradecemos muito, e é por isso que gostamos dela. Voltemos à nossa questão. Procuramos detectar nossos personagens, os respectivos funcionamentos e, sobretudo, como cada um fez parte de certa trama com determinados resultados dos quais agora não gostamos. Por exemplo, um irmão acaba de se suicidar. No entanto, todos acreditam que não têm nada que ver com isso. Não estou dizendo que somos culpados da decisão desse irmão. Digo que fazemos parte de uma trama na qual alguém, por motivos que **pertencem à trama completa**, decide partir. Ou adoecer. Ou brigar com todos. Ou o que for.

Quando estamos a ponto de ver o cenário completo... alguma coisa nos pega no fígado, e automaticamente nos aferramos ao personagem, às vezes não permitindo que ninguém mais nos diga absolutamente nada, muito menos sobre nossa mãe. Já sabemos que as mães são sagradas. As "ofensas" funcionam extraordinariamente bem. Quando nos ofendemos, os demais nos pedem desculpas e ninguém se atreve a mostrar nem a dizer nada que não seja agradável aos nossos ouvidos. Este é um momento em que muitas vezes os indivíduos abandonam o trabalho de indagação do próprio material sombrio. E então o que fazemos? Nada, é assim. Se estamos cumprindo a função do profissional, compreenderemos que sempre, sempre, os indivíduos têm razão (a partir do personagem). Quem nos consulta, por exemplo, em pleno choque diante do suicídio do irmão, sente de imediato que não serve para nada estar vendo tantas coisas de sua infância, porque não pode "salvá-lo". Ou que é dolorido demais remexer velhas feridas. Muito bem. A consciência sabe quando é o momento perfeito. Talvez essa pessoa volte cinco anos depois, com menos impacto e com uma sensação suave de que estava em um caminho rumo à verdade que não encontrou em outros âmbitos, e vai tentar novamente uma aproximação.

Quero dizer que, em momentos críticos, espera-se que voltemos a nos aferrar a nossa roupa, como se disséssemos: "Sim, e daí, sou o Super-Homem e não me importa o que os outros

pensam". Justamente, nos momentos em que nos sentimos mais frágeis, quaisquer que sejam os motivos, nos enfiamos em nossa caverna infantil. Isso é vestir a roupa e fechar-se. De nada vale fazer força para tirar o indivíduo dali. A melhor opção é compreender que os tempos são muito pessoais, e que se em determinado momento necessitamos "voltar ao refúgio", então... que sorte que o temos!

O FASCÍNIO GERADO PELOS PERSONAGENS

Há um obstáculo frequente para todos os que queiram treinar-se no acompanhamento de buscas pessoais: o fascínio que certos personagens nos causam. Os empreendedores mais do que os depressivos. Os carismáticos mais do que os calados. Os espirituais mais do que os materialistas. No entanto, é aí que temos de colocar em jogo nossa lucidez. O indivíduo que tiver conseguido, por meio de seu personagem, maior admiração de seu entorno... será o mais difícil de desmascarar. Porque está acostumado a receber reconhecimento por seu trabalho ou agradecimentos apenas por sua presença. Por que uma pessoa tão encantadora faria terapia, então? Porque considera que alguém próximo não é tão encantador quanto ele ou ela.

Por exemplo, um mestre de ioga vem à consulta. Poderia ser um padre. Ou alguém em quem depositamos admiração e respeito, um líder espiritual ou comunitário. No entanto, assim como todos os seres humanos, ele tem sombra. Dito isso, está tão comodamente instalado em seu personagem que dificilmente reconhecerá uma dificuldade **pessoal**. Vamos supor que tenha vindo porque sua esposa está grávida (nesse caso vamos escolher o mestre de ioga, se fosse o padre católico estaríamos com problemas). Ele quer que ela se aproxime da espiritualidade, que consulte médicos naturalistas e tente um parto respeitado. Mas ela não quer saber do assunto, está assustada e não imagina se afastar do médico mais convencional. E mais, está indo ao médico da própria mãe, das tias e da irmã mais velha. Muito bem. Nosso consultante, elevado e místico, com um rosto invejavelmente belo e sereno, vem em busca de ajuda. Na verdade, quer saber como ajudar a esposa.

Aqui podem acontecer duas coisas: a primeira é que desmoronemos fascinados com esse ser espiritual – que além de tudo vem nos consultar, o que aumenta consideravelmente nossa autoestima –, então decidimos ouvi-lo e com certeza lhe daremos razão. Aí nosso personagem deslizou para o terreno alheio, do consultante. Precisamos de um segundo para nos afastar do nosso papel de acompanhar a busca da sombra. Quando a campainha interna nos avisa de que estamos nos desviando de nosso propósito, outra campainha que mantém a excitação nos diz que também não precisamos ser tão exagerados, que esse ser maravilhoso veio perguntar algo muito simples. Como não lhe passar telefones de médicos ótimos e respeitosos, como não lhe explicar que se não for a um médico alternativo vão acabar roubando o parto de sua mulher? Como não nos aliar, garantindo que esse médico que atendeu a mãe, a tia e a irmã vai fazer uma cesárea como fez com as familiares da esposa? O fascínio nos enganou. Apesar disso, esse ser incrível, que transborda saúde, irá para casa muito contente. E cego.

A segunda opção é propor que ele construa sua biografia humana. Ele? Ele, submeter-se a contar coisas pessoais a um terapeuta qualquer que deve ser muito menos espiritualizado? Talvez se ofenda. Está em seu direito. Sempre podemos explicar-lhe que a esposa é dele, não

nossa. Que ele a escolheu, que ele a ama, que ele convive com ela, que ele a engravidou, que com ela espera um filho e, talvez, ela encarne a parte de rigidez, de medo ou de inflexibilidade própria, mas que ele não assume como dele. Fácil assim. Algo tem que ver – ele, sua sombra, suas projeções – com esse medo manifesto agora nas escolhas de sua mulher. E que podemos investigar juntos, pois talvez não seja preciso mudar de médicos, talvez ele tenha de assumir a porção de rigidez que lhe cabe, e então, talvez, sua mulher se sinta no direito de relaxar. Não sabemos, mas podemos pesquisar. Então, se estiver de acordo, construiremos sua biografia humana com o mesmo calor, habilidade, atenção e carinho que a de qualquer outra pessoa.

É possível acompanhar a construção da biografia humana de uma pessoa que admiramos? Só na medida em que detectemos que caímos no fascínio e sejamos capazes de afastar nossa influência pessoal. Se não conseguimos fazê-lo, não estaremos em condições de trabalhar com esse indivíduo. Nesse caso, é melhor indicá-lo a um colega. Quero dizer, não é impossível, mas é preciso ter claro o que nos acontece e ser capaz de olhar esse indivíduo, como todos, com suas luzes e sombras, e ter a intenção de averiguar o que há do outro lado. Se concluirmos esse trabalho de busca da sombra, é possível que então admiremos ainda mais esse ser, por sua influência, dedicação, humildade e bondade. Enfim, porque constataremos que é um sábio de verdade.

4. Histórias comuns

DEFENDENDO O DISCURSO MATERNO

TUDO QUE TEMOS é aquilo que mamãe disse. Imaginemos um ator que entra no palco sem ter um roteiro escrito para seguir. Seria terrível. Do mesmo modo, na vida cotidiana entramos no palco com aquilo que já temos organizado, com o personagem já pautado. Além disso, levemos em conta que o pivô de todos os personagens costuma ser a mãe (supondo que o discurso oficial em nosso cenário seja o materno). Nesses casos, se colocamos em dúvida o discurso materno, o cenário completo desmorona. Portanto, **os filhos costumam ser os principais defensores daquilo que mamãe disse**. Ofendemo-nos quando alguém quer desmerecer, desautorizar ou desqualificar o discurso oficial. Simplesmente porque isso desarma toda a trama que nos sustenta. Inclusive se sofremos, preferimos que as coisas permaneçam estáveis. Essa é uma tendência da conduta humana.

Esses esquemas se repetem com uma periodicidade gritante, portanto vou me valer de alguns exemplos. Quero deixar claro que todos os exemplos de "casos reais" não são assim. Ou seja, reúno alguns aspectos repetitivos de determinadas pessoas e os combino com outros casos frequentes em outras. O propósito é que possamos nos reconhecer na maioria desses "casos" oferecidos. Também quero esclarecer que os "casos" aos quais faço alusão se referem a indivíduos atendidos na instituição que dirijo em Buenos Aires por alguns de meus profissionais. Portanto, escolherei um nome fantasia para eles e falarei em "profissional" quando me referir às intervenções de nossa parte.

MIRANDA: A INVISIBILIDADE COMO REFÚGIO

Miranda tem 41 anos. É psicóloga, mas nunca exerceu a profissão. É funcionária de uma loja de eletrodomésticos. Tem um bebê de cinco meses que se chama Luca. Leu alguns livros meus que a comoveram, porque encontrou a descrição exata das sensações de terror e loucura que vivia durante o puerpério. Diz ser uma pessoa aficionada à leitura e quer começar um processo de indagação pessoal em função da crise que diz padecer desde o nascimento do filho. Chega pela primeira vez com o bebê dormindo em um carrinho. É bonita, tem um aspecto etéreo, dá a sensação de flutuar no ar, pele branquíssima e olhos muito claros. Propõe-se a começar a construção de sua biografia humana.

Desde o início do relato aparece o desprezo da mãe em relação ao pai. Aparentemente, mamãe depreciava a origem do esposo, um pouco mais humilde que a dela. O pai aparece embaçado, Miranda diz que era "submisso". No entanto, perguntando especificamente sobre seu pai, sabemos que sempre sustentou toda a família. Nasceram quatro filhos, Miranda é a terceira. Além dessa informação, Miranda **não se lembra de nada**. Não só nada em relação a sua infância, mas também de sua adolescência e juventude. É um dado importante: se um consultante não se lembra de nada ou quase nada de seu passado, é porque a consciência se viu obrigada a enviar para a sombra vivências extremamente duras para a psique de uma criança. Portanto,

podemos já suspeitar que o nível de violência, visível ou invisível, deve ter sido enorme.

Dizíamos então que Miranda não se lembra de nada. Nem dos pais, nem dos irmãos. Viviam em uma casa humilde, sem relações afetivas fora da família nuclear. Perguntamos sobre medos. Nada. Doenças. Nada. Amigos. Nada. Lembranças do jardim da infância. Também não. No entanto, diz de si mesma que era um pouco boba. Quem disse? "Ninguém, simplesmente minha cabeça não funcionava muito bem." Insistimos que alguém a chamou com palavras depreciativas, e supomos que foi a mãe. Perto dos 10 anos, não sabe precisar, aparecem algumas lembranças das agressões verbais e então físicas da mamãe. Não se lembra de quem os levava ao colégio, acha que iam sozinhos. Em relação às tarefas da escola, acha que fazia sozinha em seu quarto. Acha que papai voltava muito tarde do trabalho, mas quando mamãe começava a gritar e a bater, ele saía, não sabe para onde.

Muito bem, neste ponto paramos e começamos a **nomear** com novas palavras o que provavelmente acontecia: as surras de mamãe deviam ser ferozes. Permanentes. Enlouquecedoras. Carregadas de desprezo e humilhantes. Miranda, sendo criança, acreditava que tinham razão de ser e, para permanecer fiel à mãe, se tornou um pouco boba, sem pensar, sem se conectar, sem "estar" presente. Miranda concorda com olhos anestesiados, como se não houvesse rastros de emoção em seu rosto. Tratamos de perguntar algo sobre as trocas entre os irmãos, alianças ou inimizades, mas não aparece nada: nem lembranças, nem afeto, nem conversas com nenhum dos irmãos. Mamãe espancava sem distinção de idade ou sexo, batia indiscriminadamente. Lembra-se de si mesma e de seus três irmãos como um bloco em que a mãe descarregava sua fúria. Perguntando mais ainda, consegue dizer: "Na verdade éramos cinco. Incluindo papai. Mamãe dizia que éramos cinco idiotas".

Perguntando mais, aparecem reminiscências dela na escola, muita timidez. Também se lembra de que gaguejava, o que impossibilitava ainda mais a aproximação de outras crianças. E era outro motivo para receber castigos de mamãe. Apesar de tentar chegar a lembranças de passeios, férias de verão, atividades extraescolares ou fatos cotidianos, estamos diante do nada em si. A falta de vitalidade no relato é gritante. Como se Miranda não fosse de carne e osso, como se não estivesse presente.

A adolescência continua igual, em um colégio de freiras. Aparecem mais cenas de mamãe insultando e maltratando a todos. Então a profissional, com jeito, diz que possivelmente o que aconteceu foi tão atroz que a memória não consegue se organizar. Miranda se lembra de ter menstruado pela primeira vez aos 12 anos, as freiras a ajudaram, já que não tinha passado por sua cabeça avisar a mãe. Nem a irmã mais velha. Atravessa todo o ensino médio sem lembranças, os rapazes lhe dão medo. Na viagem de formatura, não falou com ninguém. Assim termina o relato de seu ensino médio, em brancas nuvens.

Então emprestamos palavras para nomear sua invisibilidade, sua falta de corpo, encontrando um refúgio quente na "não existência". Se alguém não está, não é possível maltratá-lo. Miranda responde que é exatamente assim, que se sentiu assim a vida toda. Perguntamos quando as surras da mãe terminaram. Diz que acha que aos 19 anos. Em determinada ocasião parou diante dela e disse "chega". A mãe não lhe bateu mais.

Uma vizinha começa a estudar psicologia, então Miranda decide entrar na faculdade com ela.

É tudo. Quem deseja – nesse caso, estudar psicologia – é a vizinha. Fazemos notar a Miranda sua "não existência", seu "não desejo". Miranda concorda, dizendo: "Sim, sim, nunca senti vida dentro de mim". Então desenhamos um primeiro "mapa": uma bolha vazia. Um nada. Para Miranda, o mais saudável é não existir, desaparecer. E a partir desse personagem invisível, possivelmente vai constituir sua trajetória pelo mundo. Concorda. Até pergunta se a anemia crônica de que padece pode ter "algo a ver". Claro, nos parece evidente, não há "sangue" nesse personagem. Concorda de novo, levemente perturbada. Então continuamos.

Obviamente não há vínculos, nem relações com homens. Se Miranda é invisível, quem vai notá-la? Não há contato. Concorda com cada palavra, abrindo seus grandes olhos azuis. Forma-se psicóloga, mas mal se vê obrigada a fazer certas práticas em um hospital, atendendo a alguns pacientes, foge aterrada e nunca mais volta. Mesmo dizendo com certa vergonha, respondemos que é lógico, que encaixa perfeitamente no mapa que traçamos até agora. O "nada" não tem substância para enfrentar um paciente de carne e osso. Estudar é mental, podemos fazê-lo "sem corpo". Mas o vínculo concreto com outro indivíduo exige corpo e presença.

Então explicamos a Miranda que ela devia ter horror a quase tudo, exceto as surras. E aqui temos uma primeira hipótese: se tudo que Miranda conhece como amor são tapas e pancadas... então Miranda deve ter horror a si mesma e a sua possível "aparição", porque se ela se torna material, se se faz visível, ela mesma se transforma em uma bomba-relógio. Enquanto é imaterial, por sua vez, enquanto não tem corpo, nada de ruim pode acontecer. Explicamos assim, com palavras simples.

Miranda responde, surpresa: "Deve ser por isso que a gravidez e o parto foram tão complicados". Talvez, já chegaremos cronologicamente lá. Por ora estamos traçando uma hipótese sobre a constituição desse personagem. Até o momento temos alguém imaterial. A simples ideia de tornar-se material assusta.

Continuamos a cronologia: passa por alguns empregos... invisíveis, claro. Empregada em locais diferentes. Tem pânico de atender ao público. Miranda dá um jeito de organizar a mercadoria, coisa que os demais funcionários costumam agradecer. Há 11 anos é funcionária do mesmo local, trabalha 12 horas por dia, inclusive aos fins de semana. "Perfeito para desaparecer!", dizemos com ironia. "Nunca tinha pensado assim!", responde Miranda. Chora um pouco. Continuamos com a cronologia, ainda que haja muitas perguntas que formulamos e muito poucas respostas, simplesmente porque "o nada" habita sua vida. Estamos diante de uma bela mulher de mais de 40 anos, com um bebê lindo nos braços. É preciso perguntar sobre o início de sua vida amorosa, mesmo que tenhamos a sensação de que tudo deve estar tomado de muita distância emocional. Porém – fazendo "futurologia" – é provável que, ao falar de contato sexual, de gravidez e de parto, não tenhamos opção além de incluir o corpo, com o perigo emocional que isso provocará. Isso se dissermos. Também compartilhamos a sensação de ter uma ferramenta a favor de Miranda: as pessoas refugiadas na mente costumam ser muito inteligentes, e isso atuará de forma positiva para a compreensão de seu cenário. Despedimo-nos dela com seu bebê – que quase não chorou –, propondo-lhe que acabe de repassar o cenário completo no encontro seguinte.

Uma semana depois ela volta à consulta sem o bebê. Preferiu deixá-lo com a mãe. "Com a sua

mãe? Você acha que sua mãe pode tomar conta de seu filho?" "É minha mãe! Ninguém melhor do que ela para cuidar dele!" Bem, isso é o que chamamos de **"defender o discurso materno"**. Porque não importa a violência que a mãe tenha lhe infligido no passado, o que conta é o que a mãe **disse**. As decisões de Miranda respondem ao discurso **internalizado** que funciona no interior de Miranda e coloca sua mãe no lugar de mãe responsável. Mostramos esse cenário completo: a história dos **fatos** e a história dos **ditos**. Miranda compreende perfeitamente a diferença, tenta defender a mãe alegando que agora não é tão ruim assim, mas não importa, nós não acusamos a mãe, apenas mostramos o que existe. Então fazemos um resumo do que foi visto na semana anterior: sua invisibilidade, seu terror. A partir dessa revisão, Miranda diz ter se lembrado de alguns medos de criança e adolescente: medo de caminhar sozinha pela rua ou como tremia quando um homem se aproximava dela. Perguntamos como é para ela "ser invisível". Se é que quando ninguém a vê, ela tampouco registra; ou se a partir do "não ser vista" ela vê os demais. Com toda certeza, responde que a partir das "sombras" ouve, observa e sabe de tudo.

Continuamos a cronologia: aos 35 anos conhece Diego, seu atual marido e pai de seu filho. Diego foi funcionário do mesmo local. Passou um tempo curto ali, depois de poucos meses conseguiu um emprego melhor em outra loja. Mais ou menos quando Diego muda de trabalho começa a relação entre eles. Como imaginar o início de uma relação afetiva a partir da realidade de uma mulher invisível? É difícil, claro. Apesar de sua idade, os primeiros beijos foram terríveis; Miranda confessa que tremia como uma folha.

Vamos imaginar as relações sexuais então. Miranda diz não saber como descrevê-las, simplesmente ela decidiu "desaparecer mentalmente" quando aconteciam.

A profissional tenta entrar em detalhes, mas Miranda cai em um buraco negro de esquecimentos. Não se lembra, não sabe, não entende o que faziam juntos nos momentos de lazer, nem o que compartilhavam, nem sobre o que conversavam. Ambos trabalhavam muitas horas, cada um em uma loja. Dá a sensação de que até com um homem concreto ao lado Miranda não consegue tornar-se "material". Há dois anos decidem alugar juntos um apartamento, dividem as despesas. Tentamos saber quem é Diego, mas é difícil para Miranda conseguir dizer algo que o descreva. Diz que é silencioso, que não gosta de conflitos, que é introvertido. Até aí, encaixa bem o bastante no que Miranda consegue tolerar.

Colocamos palavras: vive com um homem introvertido. Não conversam, quase não fazem amor, ambos trabalham muitas horas por dia. Não têm relações afetivas fora do casal nem mantêm relações com as famílias de origem. Não sabemos quem é Diego, mas parece ser outro ser invisível, ou pelo menos alguém a quem cabe muito bem estar com uma mulher etérea, cujo nível de demanda ou de expectativas é baixíssimo.

A questão é que um dia fica grávida. Diz ter tido esse desejo há muito tempo, apesar de não ter conversado com Diego, porque "com ele não dá para conversar". Ao perguntar pela gravidez, responde que "estava muito feliz". Como é difícil acreditar, começamos a fazer perguntas mais concretas, sobre suas mudanças hormonais e físicas, e suas sensações corporais, já que a gravidez real acontece **no corpo**, terreno perigoso para Miranda. Lembra-se de pouco ou nada, apesar de ter um bebê de apenas cinco meses.

A essa altura dizemos a Miranda que, cada vez que algo se materializa, sua consciência entra em um "manto de esquecimento" que parece defendê-la de qualquer ataque. Até agora, sabemos que toda vez que não se lembra é porque o fato em si foi profundamente significativo para sua vida. Recordemos que Miranda vê, observa, pensa e lê! Portanto, é provável que tenha lido tudo em relação à maternidade, partos, amamentação, cuidados com o bebê e temas afins. E que lendo tenha sentido que estava envolvida pessoalmente em seu processo de gestação. Coisa que, de seu ponto de vista, é verdade. Mas o que irá para a sombra será sua capacidade de **contato**. É possível que a crise se faça presente quando o bebê nascer e **pedir contato físico**. Compartilhamos esse pensamento com Miranda, com essas mesmas palavras. Porque estamos olhando juntas o cenário completo, seus movimentos, suas capacidades e aqueles acontecimentos que forçosamente terão de acontecer. Já sabemos que o bebê será **puro corpo**. E isso será um problema para o personagem invisível de Miranda. Suspeitamos que ela dificilmente seja capaz de atravessar um parto. Mas precisamos perguntar para confirmar.

De fato, ela nunca conversou com seu obstetra. Depois da 40ª semana, como não teve contrações, lhe fazem uma cesariana. Todas as perguntas que a profissional faz a respeito trazem como resposta um olhar atônito por parte de Miranda, portanto nunca saberemos exatamente o que aconteceu: se lhe colocaram soro, se teve contrações, se sentiu dor, se teve medo, se ela mesma pediu a cesárea antes de submeter-se às leis do corpo. O bebê nasce. Mesmo tendo lido em detalhe tudo que se escreveu sobre amamentação, não pôde dar de mamar porque não tinha leite suficiente. Vou poupar meus comentários a respeito, porque é claro que Miranda não devia tolerar o bebê colado a seu corpo, e essas coisas não se resolvem com indicações maravilhosas sobre a arte de amamentar, mas registrando pelo menos o nível de medo em relação ao corporal, medo que a salvou em algum momento das surras da própria mãe. Talvez mais adiante, se a consultante estiver disposta, será possível trabalhar sobre esse medo visceral, primário, infantil, real e desgastante, com o propósito de ajudar a mãe a conectar-se com o filho e, por conseguinte, conseguir amamentá-lo. Mas por enquanto essas são expectativas altas demais.

Voltemos ao vínculo dela com Luca. Miranda não registra quase nada, diz que tudo vai muito bem, mas acredita que Luca é exigente demais. Que não quer ficar com o pai. Perguntamos a ela o que isso significa. Não sabe. Respondemos que Luca tem cinco meses, sendo provável que receba pouco corpo, pouco contato, pouco tempo, e se além disso ela pretende deixá-lo com outra pessoa que não seja ela – mesmo que seja o pai, que, em termos fusionais, para o bebê equivale a alguém "externo" – logicamente o bebê vai protestar. Pelo que vimos juntas, dificilmente o bebê tem a opção de ser muito "exigente". Ao contrário, é provável que tenha de se adaptar ao pouco que tem: pouco corpo, em suma.

Miranda interrompe dizendo que ela tem de voltar a trabalhar, que sua licença-maternidade está terminando. OK, abordaremos esse tema em breve. Antes, seria bom determinar como Luca passa seus dias e noites **a partir do ponto de vista dele**. Ou seja, precisamos saber, em um panorama relativamente desolador para um bebê, como se faz para obter minimamente aquilo de que necessita. Então, conhecendo o nível de amparo ou satisfação das necessidades básicas de um bebê de cinco meses, resolveremos o que fazer quando a mãe voltar a trabalhar. Por ora, o problema não é que a mamãe volte a trabalhar, mas o invisível, imaterial e etérea que é essa

mãe para um bebê de carne e osso, que necessita de contato real e concreto. Explicamos isso a Miranda com palavras simples, mostrando que a partir de agora – levando em conta o personagem que ela tem usado ao longo de 41 anos e lhe permitiu sobreviver – trataremos de ver como o bebê conseguirá viver sua vida apesar da "insubstância" de sua mãe.

Há algo mais que a profissional acrescenta: "Miranda, se vimos que 'aparecer' é perigoso, é possível que a fúria, o medo e o terror adiram em seu interior quando o bebê tenta desesperadamente fazer contato com você". A cara de Miranda se transforma. Ela se põe a chorar descontroladamente. Grita, vociferando que na verdade é uma péssima mãe. Abraçamo-la. Acalmamo-la. Ela permite. Diz entre soluços que o abraço não está doendo. Despenca sobre a profissional. Chora como nunca chorou na vida. Diz, gritando, que, em alguns momentos, tem medo de machucar o bebê, que tem sonhos de que o bebê morre e ela se sente aliviada. Que logo desperta e pensa que é um monstro. E que agora se pergunta se ama o filho ou se toda essa história de que as mães amam os filhos é uma farsa. Permitimos que chore, pelo menos que tome contato com o que acontece, com sentir-se prisioneira das demandas corporais e afetivas de Luca, de sua necessidade de se salvar, de não se conectar, de não permanecer, de não estar ali. Com o desejo de não possuir um corpo real que foi machucado, ferido, espancado.

A profissional suavemente coloca palavras que deem nome a tudo que conversaram. A realidade é a realidade. Não há metas a cumprir nem modalidades de boa mãe. Na verdade, os objetivos inalcançáveis a que nos propomos costumam resvalar no absurdo, e se se trata de metas moralmente elevadas, mais ainda. No momento, Miranda merece compreender, com a alma de uma mulher adulta, os sofrimentos que teve durante a infância e, sobretudo, **o personagem que a salvou. Desaparecer foi seu melhor truque**. Hoje, esse mesmo personagem a encarcera em um mar de impossibilidades.

Observemos que as coisas não se resolverão quando alguém com boas intenções disser a Miranda que tem de dar o peito ao bebê mais vezes ou que seria melhor se não voltasse a trabalhar. A única coisa que importa é que Miranda se observe, e veja que ela, se quiser, pode ir tirando a máscara, pouco a pouco, porque **ninguém vai bater nela**. Sua menina interna acredita que sim, mas a adulta que habita dentro dela tem o direito de saber que **isso é uma história do passado**. Agora ela está chorando a dor do açoite.

Então Miranda se atreve a dizer à profissional que bateu no bebê algumas vezes. Sim, claro. O nível de contato que o bebê reclamava deve ter sido intolerável. Miranda esperava uma reprimenda da profissional, porque está contando algo moralmente errado. No entanto, não estamos ali para julgar ninguém. Estamos apenas olhando um cenário completo, com sua própria lógica.

"E o que faço agora?" Essa é a pergunta que quase todos os consultantes costumam fazer depois de revisar seu próprio cenário. Costumamos responder: "O que quiser, estamos aqui para acompanhá-la no que decidir". Este é um bom ponto, abrem-se todas as portas que cada indivíduo, consciente de si mesmo, está disposto a abrir.

RICARDO: UM FRANGUINHO MOLHADO E FURIOSO

Ricardo tem 44 anos, é casado e tem um filho de 4 anos, Joaquim. Chega mancando. Sua esposa

está traçando sua biografia humana na instituição e ele também quer experimentar para ver se lhe serve. Diz que sofre de cansaço e dor nas pernas, formigamento e rigidez nos joelhos. Está medicado com corticoides e anti-inflamatórios. Diz que está farto de ficar doente, tem problemas nas articulações, parece artrite. Propomos começar a percorrer sua biografia humana, partindo das lembranças de infância.

Seu pai era policial. Não concluiu o ensino fundamental. Não falava, era bruto e batia. No entanto, era o único que estava presente na família. A mãe era professora primária, mas não existia. Não cuidava da casa nem dos filhos. Ricardo não sabe onde a mãe estava. Essa mulher teve nove filhos. Ricardo é o primeiro. Diz que por isso se tornou o mais forte de todos, o mais "sacana". Suas lembranças de infância são poucas e ruins. O pai os levava à escola, lhes preparava o café da manhã, lavava a roupa deles e também batia.

Ricardo odiava todo mundo e todo mundo o odiava. Passava os dias sozinho, brincava sozinho, não gostava de assistir TV. Entediava-se e vivia procurando briga, não estudava. Era mal-educado e relaxado. Diz que queria "mandar e ser forte". Até os 10 anos aproximadamente seu pai o violentava. Falamos da entrega da mãe, mas Ricardo não entende o conceito e também não lhe interessa. Desde então teve todo tipo de doença de pele: calombos, alergia. E acrescenta que desde essa época "nunca mais quis que ninguém me tocasse".

A partir dos 10 anos sua sensação em relação ao mundo era: "Me olhe e te mato". Começa a se defender de seu pai e também defende a mãe das pancadas dele. Ricardo fazia xixi na cama todas as noites e isso durou até a juventude, não sabe precisar quando. A imagem da mãe não aparece. De qualquer maneira, dizemos que a mãe devia estar totalmente ameaçada e espancada.

Aos 20 anos tem uma namorada, mas se sente impossibilitado, não têm relações sexuais. Ela é funcional para ele, pois pretende casar-se virgem. Então conhece outra menina e fica evidente que não consegue nem tirar a roupa. Também acrescenta com fúria que não é confiável, que sempre manipulou as pessoas. A profissional o escuta e responde que logo veremos se é manipulador ou não. Por ora, temos um menino terrivelmente ferido e furioso. Que seus sentimentos são muito básicos, e para manipular talvez precise de um pouco mais de sutileza. Que vamos descobrir juntos o personagem que o salva, mas agora estamos colocando todas as cartas na mesa.

A profissional pergunta se ele bateu em alguém na idade adulta. Não, nunca. Não se anima, implica, assusta, mete medo mas não concretiza. Diz que sua questão é a violência verbal. OK, logo confirmaremos. Continuamos com a cronologia. Aos 22 anos vai morar sozinho. Procura trabalho e consegue um emprego em um maxikiosco[1]. Às vezes dorme ali. Nessa época consegue ter a primeira relação sexual com uma jovem. Mas diz ter-se sentido vazio. De qualquer forma, começa uma convivência com essa mulher que dura 13 anos. A sexualidade era pobre. A profissional lhe faz notar que talvez tivessem uma relação mais fraterna do que de casal. A família da mulher os ajuda, eles alugam um pequeno apartamento. Ricardo muda de trabalho, vira funcionário administrativo de uma pequena empresa familiar. Ricardo é muito querido pela família da mulher. Por quê? Aparentemente era muito serviçal, colaborava com tudo, lavava os pratos, cortava a grama. A profissional lhe diz que não parece ser um manipulador terrível. É verdade. Parece alguém dócil. Submisso. Calado. Sim. Alguma coisa

sobre essa relação de casal? Assistiam TV. Tentamos encontrar um ponto de contato e finalmente determinamos que essa mulher não pedia sexo, e com isso Ricardo estava bem tranquilo. Essa relação vai se deteriorando, a mulher exigia que ganhasse mais, que fosse mais cavalheiro, que tivesse cartão de crédito. Até que finalmente se separam. Ricardo, de qualquer forma, diz que é "forte", que as mulheres o admiram. Não sabemos se é uma história que conta para si mesmo, porque não parece muito forte. Na verdade, não consegue fazer muita coisa, seu corpo dói, faz o que lhe pedem e tenta não enfrentar ninguém. Às vezes, o que um indivíduo diz de si mesmo não corresponde necessariamente ao personagem que adotou. Perguntamos a ele qual a pior coisa que já disse a sua mulher e não sabe responder. Não parece explosivo, sequer com as palavras. Perguntamos o que mamãe dizia em relação a ele: "Que era mais bravo que meu pai". Muito bem, já sabemos o que mamãe dizia. Mas isso não torna alguém "mais bravo" do que o pai. Na verdade, nunca bateu em ninguém. Portanto, não pode ser muito bravo. Apesar disso, é possível ter uma percepção clara da fúria contida. A profissional explica isso com palavras simples e desenha um corpo cuja pele é um arame farpado. Pica. Tem medo de que alguém se aproxime. Ao mesmo tempo avisa aos demais que também não se aproximem, pois ele pode ser alguém perigoso. No entanto, dentro desse arame farpado, parece haver um franguinho molhado tremendo de frio. Ricardo olha o desenho e levanta os ombros. Diz que está claro. Concorda.

Continuamos com a cronologia. Aos 38 anos conhece Maria Fernanda, sua atual mulher e mãe de seu filho. A sexualidade continua sendo pobre. Reconhece que Maria Fernanda era muito mais ativa sexualmente do que ele. Perguntamos sobre essa relação e depois de fazer muitas perguntas chegamos à conclusão de que Ricardo continuava sendo muito serviçal. De violento e manipulador não vemos grande coisa. Ao contrário, Maria Fernanda é ativa, tem desejos, e Ricardo se acomoda à vida da mulher. Depois de um ano de convivência, Maria Fernanda fica grávida. Nesse momento, seus sogros compram uma pequena casa para o casal em uma região suburbana. Ricardo continuava mantendo um emprego com salário baixo. Sofria de muitas dores articulares que o impediam de trabalhar, e por isso nunca subiu de posto. Quando Joaquim nasce, não recebe nenhuma visita de seus familiares. Perguntamos e não aparece vínculo nem comunicação com seus irmãos e pais, que ainda estão vivos. Os primeiros anos com o bebê foram muito difíceis, diz que Maria Fernanda tinha ficado louca, que ele não tinha vitalidade nem força física para sustentá-la, que se soubesse o que um bebê implicava não teria tido. O bebê sofreu de broncoespasmos de repetição e todos os dias eram complicados. Ele simplesmente não queria voltar para casa e se refugiava no trabalho, mesmo não se interessando em absoluto. Não aparecem decisões, nem propostas, nem buscas alternativas de parte de Ricardo. Não se sentia capaz de assumir sua vida, menos ainda ser responsável pela vida de outros.

A relação de casal é muito ruim, quase não se falam. Tornamos a colocar sobre a mesa o mesmo desenho: seu personagem refugiado em um arame farpado. Maria Fernanda não está nesse mapa. Nem Joaquim. Quem está presente sem dúvida é o **medo**. O corpo de Ricardo reage a esse medo, está cada vez mais imobilizado. Oferecemos a ele o desenho para levar para casa e nos despedimos dele.

Duas semanas depois, Ricardo volta para a nova consulta. Quer comentar algo sobre sua

doença. Tem pouca mobilidade por causa da dor. Durante um tempo fez acupuntura com um médico chinês que o ajudou. Então abandonou o tratamento. Foi diagnosticado com "artrite indiferenciada". Dizemos a ele que não é possível que seja "muito bravo"... estando quase imóvel. Ricardo continua se surpreendendo, porque ainda **acredita** nas palavras da mãe. Tratamos de nomear os benefícios ocultos dessa enfermidade que o imobiliza: responde que pode **não fazer** o que os outros querem, ou seja, consegue não ser serviçal. A profissional pede que escreva em uma folha do que tem medo, já que o medo está muito presente em seu mapa. Escreve: "Medo de ser eu. Medo das pessoas. Medo de minha mãe. Medo de minha esposa. Medo de ser pobre. Medo de ser ignorante. Medo de me enganar. Medo de dirigir. Medo de não ter casa. Medo de ser péssimo pai. Medo de viver trabalhando sem sentido. Medo que abusem de meu filho. Medo de não querer nada. Medo de viver".

São muitos medos. Tornamos a lhe mostrar o desenho do franguinho molhado tremendo de frio envolvido por um arame farpado. Com uma atitude pessimista, o franguinho não teria possibilidade de mudar de situação. Com uma atitude otimista, poderia se enxugar e sair dessa prisão. Dizemos a ele que nós, seres humanos, temos livre-arbítrio, podemos decidir o que queremos. Nós acompanhamos a decisão de cada um, uma vez que tenha tomado consciência de sua realidade. Perguntamos a ele se tem vontade de melhorar e ter mais mobilidade. Responde solenemente: "Sim, quero". Rimos. Conta que durante o fim de semana foi visitar um amigo que não via há algum tempo, e que Maria Fernanda não podia acreditar. Comentamos que para pessoas tão desvitalizadas como ele... ir visitar um amigo se torna um "marco". A prisão de arame farpado, porém, ainda é muito pontiaguda. Entramos em acordo com Ricardo dizendo que vamos dirigir a bússola desse trabalho de questionamento pessoal no sentido de algo vital, que o obrigue a se por em movimento. Também se dá conta de que tem medo de "curar-se", porque se estiver curado não poderá escapar dos desejos do outro e não sabe como vai fazer. Isso é interessante. Continuamos confirmando que apesar de mamãe ter dito que Ricardo era bravíssimo, na verdade é alguém que está permanentemente submetido aos desejos alheios. E que sua única ferramenta para escapar é a dor das articulações que o impedem de fazer o que lhe pedem. Uma vez mais, o personagem é o do **impossibilitado**. Com a desvantagem de que não consegue oferecer nada a si mesmo. Também aparece uma evidência: **poderia curar-se**, se encontrasse uma maneira diferente de escapar do desejo sempre potente e abrangente do outro. Fica claro que no fim **é uma construção da mente**. No entanto, dizer é fácil, mas tomar a decisão de entrar em movimento e portanto desempenhar o papel de quem decide com independência emocional é o grande desafio. Mas em vez de estabelecer metas altíssimas e inalcançáveis, propomos a ele revisar sua **lista de medos**, e enfrentá-los um a um. **Pequenos** movimentos em vez de grandes.

Ricardo aceita, diz que "gostaria" de se movimentar, mas tem medo de si mesmo. Da cólera que sente por dentro. Tem a fantasia de que se de fato tivesse força física seria capaz de matar alguém. Dizemos que isso deve ser verdade mesmo. Só ele sabe a fúria que esconde. E que por isso mantém seu corpo teso e rígido, para que nenhum golpe mortal escape. Então traçamos um novo desenho: o corpo de Ricardo com um fogo dentro... e ele agregando farpas e ferros como uma armadura, para que esse fogo não saia. Só ele dimensiona o alcance desse fogo ardente... e

tem a fantasia de que se o deixar sair... ele se queima e incendeia a todos ao redor. Dizemos a ele com calma que durante o primeiro encontro, quando ele nomeava a si mesmo como se fosse um violento terrível, possivelmente se referia à consciência que tem de seu próprio ser interior. Há muito ódio guardado e ele é quem está mais atemorizado. O medo que tem da própria fúria interna é tal que obriga seu corpo a se paralisar. Portanto, agora não vamos propor a ele nem abrandar-se nem "abrir seu coração", porque sua vida está em chamas. E só ele conhece o tamanho do dragão que mora em suas entranhas. Dizemos que nosso trabalho será árduo, mas estamos dispostos a acompanhar e aceitar o ódio, a bronca. Gritar "quero matar meu pai, quero matar minha mãe que me entregou" e permanecer ali, com esse ódio que lhe pertence. E estar, estar, estar.

1. Estabelecimento comercial muito comum na Argentina, no qual se vendem bebidas, doces, salgadinhos e outros produtos industrializados. Geralmente tem um único funcionário, que atende o cliente na rua, de um balcão. [N. T.]

5. Os estragos da repressão sexual

PATRIARCADO E REPRESSÃO SEXUAL

O PENSAMENTO SOBRE a condição humana normalmente é tingido pela nossa cultura, ou seja, é **subjetivo**, pois ninguém pode olhar de fora do caminho em que estamos. Isso gera um problema importante: há uma cultura pequena inserida em outra que a contém, que está dentro de outra que a contém, e assim por diante. No fim, Oriente e Ocidente compartilham algo em comum há cerca de 5 mil anos ou mais: o **patriarcado** como sistema de organização social. **O patriarcado se baseia na submissão**. Em princípio, da mulher em relação ao homem e da criança em relação ao adulto. Também tem um objetivo prioritário, que é a **acumulação de patrimônio**. Portanto, a ideia é que alguns acumulem tudo que seja possível, e para isso será necessário **submeter** outros para que ofereçam sua força de trabalho. Alguns acumulam, outros servem. Os homens exercem o poder enquanto as mulheres servem. Os adultos decidem e as crianças se submetem ao desejo dos mais velhos.

A ferramenta mais importante para obter a submissão das mulheres tem sido a **repressão sexual**. Que não tem absolutamente nada que ver com a religião (judaico-cristã, no caso). A palavra "religio" deriva de "religare", que significa relacionar, vincular, associar. A "religio" na Roma clássica se referia às obrigações de cada indivíduo em relação à própria comunidade. Era necessário honrar concretamente os valores que constituíam a base da convivência. Então, não foi a religião que obrigou as mulheres a reprimir sua sexualidade, mas **a lógica do patriarcado**.

Vamos considerar que o propósito principal era a acumulação de terras. As mulheres se constituíram também em propriedade. Se pertenciam ao varão, garantiam o pertencimento dos filhos, futuros proprietários dos bens dele. Para conseguir que as mulheres deixassem de ser sujeitos e se tornassem objetos de uso, era imprescindível que deixassem de "sentir". As mulheres – por meio dos ciclos vitais – estiveram sempre intimamente ligadas ao próprio corpo. Para deixar de estar tão envolvidas com o corpo, este teve de se tornar perigoso ou pecaminoso. Intocável. Se uma mulher não pode tocar nem pode ser tocada, o corpo se paralisa, as sensações corporais prazerosas se congelam, e a mulher deixa de ser ela mesma. Torna-se um corpo sem vida em termos femininos, um corpo distante, indomável, incompreendido. A mulher que sangra é considerada suja e impura. Todos entendemos esses conceitos, porque "mamamos" essas crenças, que estão mais arraigadas do que parece.

A humanidade organizada sobre a base da conquista de terras, as guerras – necessárias para aumentar o patrimônio – e a submissão das mulheres são a mesma coisa. Hoje, não se conhece cultura que não esteja alinhada a essa forma de vida, a ponto de acreditarmos que o ser humano "é" assim: manipulador, guerreiro, conquistador, injusto. Entretanto, não deixa de ser uma apreciação feita apenas do ponto de vista do patriarcado. É verdade que quase não restam sinais de outros sistemas, que comunidades matrifocais, centradas no respeito pela Mãe Terra, na ecologia, na sexualidade livre, na igualdade entre seres vivos e no amor como valor supremo

não sobreviveram. Mesmo que pareça um paradoxo, essa foi a mensagem de Jesus. Mas rapidamente o patriarcado dominante na época se encarregou de transformá-lo nas crenças cristãs que, na prática, não têm nada que ver com as palavras de amor, solidariedade, confiança e igualdade entre os seres vivos que Jesus proclamou.

A questão é que passamos vários séculos de história mergulhados na repressão sexual. Isso significa que o corpo é considerado baixo e impudico, e o espírito, alto e puro. As pulsões sexuais são malignas. E a totalidade de sensações corporais é indesejada. Em que momento aprendemos que não há lugar para o corpo e o prazer? No exato momento do nascimento. Segundos depois de nascer, já deixamos de ser tocados. Perdemos o contato corporal que era contínuo no paraíso uterino. Nascemos de mães reprimidas ao longo de gerações e gerações de mulheres ainda mais reprimidas, rígidas, congeladas, duras, paralisadas, incapazes de tocar e muito menos de acariciar. O sangue congela, o pensamento congela, as intenções congelam e o instinto materno se deteriora, se perde, se desconstrói e se transforma.

Nós, mulheres, com séculos de patriarcado nas costas, afastadas de nossa sintonia interior, não queremos parir, nem sentir, nem entrar em contato com a dor. Não sabemos o que é o prazer orgásmico. Carregamos séculos de dureza interior, vivemos com o útero rígido, a pele seca, os braços incapacitados. Não fomos abraçadas nem embaladas por nossas mães, porque elas não foram embaladas por nossas avós e assim por gerações e gerações de mulheres que perderam todo vestígio de brandura feminina. Quando chega o momento de parir, nosso corpo inteiro dói devido à inflexibilidade, à submissão, à falta de ritmo e de carícias. Odiamos nosso corpo que sangra, que muda, que ovula, que mancha e é ingovernável. E ainda por cima nasce outro corpo que não podemos tocar nem nos aproximar. Então não sabemos o que fazer.

É importante levar em conta que, além da submissão e da repressão sexual histórica, as mulheres parem em cativeiro. Há um século – à medida que as mulheres ingressaram no mercado de trabalho, nas universidades e em todos os circuitos de intercâmbio público – cedemos o **último bastião do poder feminino: a cena do parto**. Já não nos resta nem esse pequeno cantinho de sabedoria ancestral feminina. Acabou-se. Não há mais cena de parto. Agora há tecnologia. Máquinas. Homens. Horários programados. Drogas. Picadas. Ataduras. Lâminas que raspam. Torturas. Silêncio. Ameaças. Resultados. Olhares invasivos. E medo, claro. Volta a aparecer o medo no único refúgio que durante séculos excluiu os homens. Acontece que entregamos até esse íntimo resguardo. Foi a moeda de troca para que nos permitissem circular onde há dinheiro e poder político. Entregamos o parto. Foi como **vender a alma feminina ao diabo**.

Entregar o parto supõe abandonar nas mãos de outros a vinda do indivíduo que nasce nesse instante. Se estamos confirmando a importância da biografia humana de cada indivíduo e a qualidade da maternagem recebida, não há dúvida de que a maneira como a cria humana é recebida será fundamental na constituição do personagem e na posterior armação da trama familiar.

Muito bem, mas é possível "entregar" o parto? Pode-se perder algo tão intrínseco ao ser feminino, algo tão próprio como o corpo gestante que dá a luz? Sim, é possível extraviá-lo de todo o seu sentido profundo. Se a mulher está fora de si mesma. Mas por acaso o instinto

materno não é mais forte? Depende. Se a situação é de despojo, o instinto terá de se esconder para sobreviver em melhores condições.

Em todos os zoológicos do mundo se sabe que qualquer fêmea mamífera criada em cativeiro terá poucas chances de conceber e dar à luz. Os partos costumam ser difíceis. Então, se não consegue, dificilmente "reconhece" a cria como própria e possivelmente terá dificuldades para amamentá-la e protegê-la. Os cuidadores encarregados do zoológico se verão obrigados a dar assistência tanto à mãe mamífera como à cria, alimentando e higienizando o recém-nascido e intervindo para que a mãe se relacione com o filho. Acontece algo parecido conosco, mulheres: atravessamos a gravidez totalmente despojadas de nosso saber interior e então **parimos em cativeiro**: amarradas, picadas, ameaçadas e apressadas. O parto não é nosso. É das máquinas, do pessoal médico, das intervenções e das rotinas hospitalares. Estamos em uma prisão, amarradas de pés e mãos, submetidas a torturas. Nessas condições, por lógica, imediatamente depois de realizado o nascimento, **desconhecemos nossa cria**. Nas instituições médicas, geralmente o bebê é levado e trazido mais tarde banhado, penteado, vestido e adormecido, depois de receber glicose para que não chore mais do que deveria. A partir desse momento, as mães temos de fazer um esforço **intelectual** para reconhecer esse filho como próprio, com a culpa e a vergonha de pensar internamente que talvez não tenhamos esse desejado "instinto materno". E somos estranhas assim, temos muito medo de não saber então como ser uma boa mãe, como fazer o certo e como criar esse filho. Na verdade, despossuídas de nosso saber interior, não sabemos de nada. Perguntamos, como meninas, as trivialidades mais rudimentares. Pedimos permissão para segurá-los – e veja o paradoxo: a resposta é negativa.

O jogo já começou. Proíbem-nos de tocar na criança e levamos em consideração orientações antinaturais estúpidas como essa. Porque somos submissas há séculos, o que nos conduz à mais terrível ignorância. Isso confirma que estamos despossuídas, além de termos ficado feridas. Depois do parto medicado, sistematizado e moderno, costumamos estar cortadas, costuradas, enfaixadas e imobilizadas, e a criança costuma estar distante de nosso corpo. Não podemos segurá-la por nossos próprios meios, devido às feridas e aos cortes. Além disso, estamos cortadas de nosso ser essencial, com o qual sequer sentimos a necessidade visceral de ter a criança em nossos braços. É assim que a maquinaria ancestral do patriarcado continua funcionando à perfeição. Cada criança não tocada por sua mãe é uma criança que servirá à roda da indiferença, à guerra e à submissão de uns pelos outros.

Do ponto de vista da criança, a decepção é enorme. Porque a **necessidade básica primordial** de toda criança humana é o **contato** corporal e emocional permanente com outro ser humano. No entanto, se sustentamos a repressão de nossos impulsos básicos como bastião principal, essa demanda de contato da criança vai se transformar em um problema. Preferimos nos afastar de nosso corpo. Nenhuma outra espécie de mamíferos faria algo tão insólito com a própria cria. Mas para os humanos é comum determinar que o melhor é "deixá-lo chorar", "que não fique mal acostumado" ou "que não fique manhoso". Para nós é totalmente habitual que **o corpo da criança esteja separado: apenas** no berço. **Apenas** em seu carrinho. **Apenas** em sua cadeirinha. Supomos que deveria dormir **sozinho**. Cresce um pouco e já opinamos que é grande para pedir abraços ou mimos. Logo depois é grande para chorar. E sem dúvida sempre é grande

para fazer xixi ou para ter medo de insetos ou para não querer ir à escola. Se tudo de que necessitava desde o momento de seu nascimento foi de **contato** e não obteve, sabe que seu destino é ficar **sozinho**. Finalmente a criança adoece. Quase todas as crianças **estão doentes de solidão**. Mas nós, adultos, não reconhecemos na doença da criança a **necessidade deslocada de contato corporal e presença**. A repressão sexual é isso: é medo de tocar a criança porque **tocar nos dói**. Dói nosso corpo rígido de falta de amor, dói a moral, dói a alma.

A repressão sexual encontrou na moral cristã sua melhor aliada. Porque utiliza ideias espiritualmente elevadas como o amor a Deus para esconder uma realidade muito mais terrena e desprovida de atributos celestiais: a necessidade de possuir o outro como um bem próprio. E a compensação de todos os medos primários por falta de maternagem é substituída pela acumulação de dinheiro. Inclusive se nós mulheres já nos percebemos como praticantes ou devotas, a repressão sexual continua agindo ao longo de várias gerações, porque nos privamos de tocar nosso corpo e, consequentemente, de tocar o corpo da criança com amor e dedicação.

Quase todas as biografias humanas às quais temos acesso são marcadas por níveis de repressão sexual que não imaginávamos que pudessem ser tão importantes. Quando precisamos determinar as dinâmicas familiares ou o grau de desamparo emocional sofrido durante a primeira infância, a investigação sobre a moral religiosa da mãe será um dado fundamental. Nessa busca simples, encontraremos a marca principal do sofrimento de cada indivíduo, e nos veremos obrigados a revisar todo o material sombrio que ele tem escondido. Pensemos que **a moral e a repressão sexual nos obrigam a mentir**. Sim, nos obrigam a agir de forma diversa do que nossas pulsões básicas ditam. Daremos nomes altivos a isso ou não, pouco importa. Mas à medida que mascararmos nossas verdadeiras e genuínas pulsões com mais empenho, mais nos afastaremos de nossa essência pessoal e mais grosseiramente confeccionaremos a roupa do personagem que vai nos cobrir e disfarçar o que somos.

A vida reprimida normalmente é tão comum e corrente que não paramos para registrar a influência nefasta que a repressão sexual exerce sobre cada um. Esse **desastre ecológico**, que tem vários séculos de sucesso aberrante, prejudica a vida de homens e mulheres. Nosso trabalho é descobrir, por meio da construção da biografia humana, a porção de repressão, moral, refúgio e medo que cada indivíduo carrega em si, encobrindo o que de mais belo, instintivo e lindamente animal nos faz humanos.

Insisto que **abordar o nível de repressão sexual em cada biografia humana é fundamental**, tanto em homens como em mulheres. As consequências para as mulheres são facilmente detectáveis. Com um pouco de experiência profissional, registrar o tônus muscular e a dureza do olhar daqueles que nos consultam é suficiente para antever o nível de autoexigência e de rigidez que os mantêm presos. Nos homens pode ser mais complicado detectar, pois conseguem dissociar um pouco mais as pulsões sexuais do contato corporal. Ou seja, podem ter a sensação de levar uma vida sexual muito ativa, mas com menos registro do vazio emocional. Por isso é possível que não detectem ali um "problema". Em todos os casos, será necessário investigar e ver o que encontramos.

Daniela tem 40 anos, é professora de catecismo e tem um filho, Fábio, de 5 anos. Vai à consulta porque quer ser uma mãe melhor, e às vezes não tem paciência com o filho. Além disso, preocupa-se porque Fábio diz que quer ir embora deste planeta e que as pessoas adultas são más. Ela acreditava que eram coisas de criança, mas agora ele diz isso com muita frequência. Explicamos a ela do que trata o trabalho de construção da biografia humana e começamos.

Nascida em uma cidadezinha do interior do país, Daniela conta que seu pai era "brilhante" intelectualmente. Perguntamos o que o pai fazia, e Daniela não consegue explicar. Portanto, a apreciação do suposto brilhantismo fica para mais adiante, ou seja, precisaremos investigar "quem disse" para saber quem era o dono do discurso nessa família. De qualquer maneira, sabemos que durante a infância era importante atender às expectativas paternas no sentido acadêmico. Tentamos abordar as lembranças da primeira infância. Não há lembranças de cuidado, de brincadeiras, nem de situações "quentinhas". Mamãe organizava tudo. Respondemos a ela que organizar é uma coisa e maternar é outra. Concorda. Procuramos... mas mamãe não aparece de forma amorosa.

Os pais brigavam bastante, mas Daniela não se lembra do que mais acontecia nessas circunstâncias. Continuamos perguntando, tentando obter uma precisão maior, até que Daniela começa a relatar "sessões de pancadas". Diz que papai era terrível. Perguntamos a ela onde estava a mamãe enquanto isso. Ao que parece estava em algum lugar da casa gritando com o marido. Explicamos a ela o que significa "a entrega" para que uma criança seja espancada. Concorda. Então começa a relatar também os "tapas" de mamãe. A essa altura fica claro que ambos batiam nela. Termina descrevendo histórias brutais com uma naturalidade que chama a atenção. Quero reforçar que, mesmo que um indivíduo se lembre de cada surra que sofreu durante a infância, é comum não dar importância, a ponto de não entrar em contato com esses acontecimentos, inclusive quando um terapeuta – como neste caso – interroga insistentemente.

A terapeuta começa a sentir o peito doer e diz isso, nomeando a angústia ao pensar nessas crianças pequenas tão espancadas e sozinhas. Essas palavras servem para Daniela se "conectar" emocionalmente. Finalmente chora. Então, pouco a pouco, começa a descrever mais cenas de violência explícita, com um pouco mais de conexão emocional. Investigando um pouco mais, vai ficando claro para nós que nessa família **obedecia-se**. Caso contrário, recebia-se um tapa – ou vários –, até aprender. Assim transcorre a infância de Daniela e de sua irmã mais velha. Ela era aplicada, ainda que, às escondidas, também mentisse. Escondia certos acontecimentos, até mesmo acidentes e doenças, para não despertar a ira de mamãe. A irmã a chamava de "a santinha" porque não chorava quando apanhava.

Quando chega sua primeira menstruação, mamãe continua batendo muito. Formulamos várias perguntas para nos situarmos em sua adolescência. Acontece que Daniela – durante esse período – também não consegue descrever qual era o trabalho de papai, aquele que era brilhante. Dizemos a Daniela que possivelmente tanto mamãe quanto papai deviam ter aspirações acadêmicas altas, e que esse era o **discurso** que defendiam, mas que a realidade dos pais talvez fosse outra. Daniela fica confusa, nunca tinha pensado em algo assim.

A essa altura, entre a violência ativa, o mecanismo de defesa do esquecimento e os discursos materno e paterno... explicaremos a Daniela que o que aconteceu em sua infância deve ter sido

bem pior do que podemos imaginar (e ela se lembrar). Portanto, trataremos de encontrar o personagem com o qual ela conseguiu sobreviver a tanto horror. Para abordá-lo, talvez seja necessário perguntar sobre seus vínculos fora do âmbito familiar (amigos do colégio e companheiros de outras atividades). O pai e seu brilhantismo ainda estão enevoados, então formularemos perguntas mais específicas. Finalmente, averiguamos que o pai administrou umas terras, às vezes com ganhos maiores do que em outras. Sempre sonhou em ser agrônomo, mas não estudou. A terapeuta coloca em dúvida o suposto brilhantismo de papai, mas Daniela se irrita, finca o pé e defende que seu pai era um gênio reconhecido no mundo todo. Dizemos a ela com bom humor que ela tem o direito de defender imaginariamente o que quiser, nós só estamos colocando as cartas na mesa e olhando a realidade com a menor distorção possível. Quando Daniela se tranquiliza, aparecem lembranças de certos conflitos nos empregos de papai, dos quais sempre acabava demitido.

Perguntamos sobre a relação que mantinha com a irmã mais velha, e quase não há lembranças. Prosseguimos. Enquanto cursava o ensino médio, emigram para Buenos Aires por conta de um novo trabalho do pai. Acabamos sabendo que o pai mudava muito de trabalho, porque seus problemas de relacionamento eram comuns. Foi uma época difícil, sentia-se perdida, diferente dos jovens de sua idade. Usava óculos e tinha sobrepeso. A mãe a chamava de "baleia". Não aparecem amizades nem atividades fora do colégio. Perguntamos mais, e diz uma frase interessante: "Eu não tinha amigas porque achava que eram todas muito 'problemáticas'; eu, ao contrário, era normal, não tinha dificuldades". Mostramos que – francamente – o panorama de sua infância e adolescência não era muito animador, mas parece que a mãe ou o pai deviam dizer que era "normal". Também aparece certa superficialidade. Acontece de tudo, mas Daniela não toma conhecimento de nada. Nem sequer com 15 ou 16 anos consegue explicar do que se tratava o trabalho do pai. Proponho aos leitores que registrem a "distância" entre o "discurso oficial" e a realidade.

Aos 15 anos conhece um padre que lhe propõe participar das atividades paroquiais, em parte para ajudá-la a se socializar na grande cidade. Efetivamente, conhece gente. No entanto, constatamos que as relações são superficiais, não sabe nada de ninguém, e os demais não sabem nada dela. As atividades paroquiais terão cada vez mais influência em sua vida cotidiana. Tem um namorado dos 18 aos 23 anos com quem, obviamente, troca beijos e nada mais. Diz de maneira depreciativa que esse rapaz "não era brilhante". Dizemos a ela que tentaremos não dividir o mundo em brilhantes e não brilhantes, porque senão não poderemos sair do discurso materno e paterno. Por outro lado... no fim das contas... de que brilhantismo estamos falando? Quem tem diploma de "brilhante" nesse cenário? Temos de levar em conta o desprezo escondido que aparece em Daniela, aprendido de seus pais. Esse pensamento é compartilhado com ela – que se surpreende, já que nunca tinha prestado atenção nisso.

Durante a juventude, Daniela se dedica cada vez mais à paróquia, estuda e se capacita para ser professora de catecismo. Continua vivendo com a mãe, já que o pai havia falecido quando ela tinha 20 anos. A irmã tinha se casado, mas ela permanece com a mãe, identificada com ela, compartilhando seu mundo, desprezando todo aquele que não seja elevado ou brilhante como ela. É recatada, não tem relações íntimas (refiro-me a intimidade emocional, já que intimidade

sexual talvez não tenha nunca). A quase todas as nossas perguntas responde "não sei", e por isso o trabalho avança lentamente. Mas vamos explicando a ela que tantos "não sei" na juventude devem ter que ver com a decisão de não ver nada, não tomar ciência de nada, não querer saber nada do mundo adulto e sexuado. Ainda não chegamos à atualidade, mas tantos "não sei" nos preocupam em uma mulher com um filho, pois possivelmente não toma conhecimento de nada do que lhe acontece. Confiamos a ela nossa preocupação, mas temos de nos concentrar em continuar com a cronologia. Já sabemos que a repressão sexual é um ingrediente a mais na violência exercida sobre essa mulher quando foi criança. Agora estamos tratando de elucidar como ela aprendeu a exercer a violência sobre os outros. Despedimo-nos dela e explicamos que no próximo encontro tentaremos observar mais a fundo o papel da repressão sexual em sua vida afetiva, e como demonstrou sua fúria ou seu medo sobre as pessoas próximas.

Daniela chega transtornada ao encontro seguinte, ofendendo a senhora que limpa sua casa. Ouvimos por apenas alguns minutos e mostramos a ela como o desprezo é uma ferramenta sempre presente em sua vida, aprendida com seus pais. Também insistimos que um dos problemas que detectamos é que ela está submersa demais no discurso materno e no desprezo em relação aos outros. Para explicar melhor, rascunharemos um esboço de mapa: Daniela em cima de uma montanha levantando o dedo e julgando a todos. Ali em cima não há ninguém mais do que ela. Está sozinha. Daniela olha o desenho em silêncio.

Continuamos cronologicamente. Ela convive vários anos com a mãe, as situações de violência verbal são frequentes, mas nesse período ambas são vítimas e vitimadas, alternadamente. Finalmente, Daniela tem a possibilidade, com 29 anos, de fazer uma viagem à Inglaterra, com uma bolsa de estudos. Apaixona-se por um inglês. Tentamos descobrir mais sobre esse homem. Mas Daniela não consegue descrevê-lo. Perguntamos especificamente pela aproximação sexual. Não tiveram contato. Na verdade, depois de muito perguntar, o tal homem não era inglês, mas indiano. Ela regressa a Buenos Aires, mantêm a relação a distância, até que decide voltar à Inglaterra e tentar algo com esse homem, chamado Ronald. Tem suas primeiras relações sexuais com 30 anos. Insistimos muito e quase não consegue descrever sua sensação, nem seus medos ou prazeres. Tentamos de todas as maneiras saber mais: sua vida lá, o contato com outras pessoas, o estudo do idioma, as dificuldades de uma convivência com um homem que mal conhece. É muito complicado, pois Daniela mede cada palavra, não quer abandonar o discurso pronto. Finalmente, balbucia alguma coisa em relação ao próprio corpo, aparecem situações que dão conta de um estado de bulimia (gulodice e vômito). Primeiro nega, então aceita. Dizemos a ela que o esforço que coloca em negar e sustentar a fantasia sobre o que é correto é enorme; e para a profissional é enorme o esforço de "extrair" a informação necessária para esse percurso. Sugerimos a ela que relaxe nesse sentido, que só queremos entender sua realidade emocional e ela não precisa atender a nenhuma expectativa. Daniela se defende. Dizemos a ela que não vale a pena esconder nada. Então se põe a chorar exclamando que isso é muito difícil para ela, que até mente para o marido atualmente. OK, para sustentar fantasias ou mentiras sempre se paga caro. Já chegaremos a seu cônjuge atual, continuando a cronologia. Mas nos damos conta de que o discurso materno está tão afastado da realidade que ela deve gastar muita energia em "ser como mamãe espera". Dizemos que estaremos atentas para registrar esse mecanismo cada vez

que seu relato se perca em ilusões insustentáveis.

Muito bem, Daniela tenta contar a novela cor-de-rosa de sua relação amorosa com Ronald. Mas logo a desarmamos. Por quê? Porque, revisando o panorama emocional de onde ela provém, dificilmente conseguiu ter uma primeira relação madura e consciente. Para nós é imprescindível entrar na verdadeira construção desse casal, portanto perguntamos sem esquecer nenhum detalhe. Finalmente conseguimos saber que Ronald era alcoólatra. A relação atravessou bebedeiras, brigas, falta de intimidade e quase nada de sexo. Ela passa a trabalhar cuidando de crianças. Ronald não trabalha. Dizemos a ela com ironia que esses trabalhos não pareciam muito acadêmicos, nem o parceiro que conseguiu. Daniela tenta defender o indefensável. Que Ronald não bebia tanto, que ela ganhava bem. OK, mostramos que isso é "aferrar-se ao personagem" da garota que tem a ilusão de ter uma vida maravilhosa e, mesmo não tendo, inventa em sua cabeça.

A questão é que Daniela e Ronald se casam. Perguntamos a ela se Ronald queria se casar. Não. Ela o convence. Ele não queria que Daniela o chamasse de "Ron", sempre preferiu seu nome completo, "Ronald". Ela compra as alianças e grava "Ron". A terapeuta fica de boca aberta... dizendo a Daniela que o nível de desprezo com relação ao que o outro deseja ou necessita... é enorme. Daniela não compreende o que estamos tentando mostrar. Voltamos a mostrar o mapa que tínhamos desenhado: ela está sozinha com sua filosofia de vida. Não há mais ninguém ao redor. Ainda que esteja a ponto de se casar. Mostramos a Daniela que agora já não se trata do discurso materno, mas da **construção de seu próprio discurso**, cego, indiferente aos outros. Podemos suspeitar – fazendo futurologia – que seu marido atual e seu filho também não devem estar presentes no mapa atual, mas já vamos confirmar. Do ponto de vista dos outros, deve ser **muito doloroso vincular-se a alguém que não registra, não escuta, não vê, não reconhece, não se importa**. E isso, senhoras e senhores leitores, se chama "violência".

Mais uma vez, compartilhamos com Daniela nosso ponto de vista: o desprezo pelo outro é indubitável. Concorda, afirmando que uma das coisas que menos gosta em si mesma é de sua **soberba**. Que quando conhece alguém seu primeiro pensamento é que essa pessoa faz mal as coisas. Dizemos a ela que a notamos tão sozinha ali em cima da montanha, tão distante. Então responde angustiada que se sente muito, muito, muito sozinha.

Continuamos com a cronologia. Ela se divorcia do marido indiano e volta para Buenos Aires. Dá aulas em vários colégios. Lembra-se de que chorava muito nessa época e não se recorda de ninguém a amparando. Dizemos que é difícil apoiar e cuidar de alguém que está tão acima da montanha, tão inalcançável. Lembra-se desses anos, dedicada ao trabalho e às atividades paroquiais. Muito poucos amigos, pouquíssimas saídas e um mundo afetivo ínfimo.

Finalmente, aos 34 anos, conhece Marcos, um contador muito católico que é seu atual marido. Fazemos com que observe que com Marcos ela atinge seus dois ideais: a religião e a academia. Então acrescentamos no mapa o desenho da montanha, dois cartazes: "moral religiosa" e "ser acadêmico". Dizemos que parece ter ideais altíssimos para si mesma, provavelmente inalcançáveis. Marcos e Daniela compartilham a fé religiosa. Em pouco tempo se casam. Até agora, sabemos que os dois ideais que Daniela sustenta – moral religiosa e academicismo – devem sugar toda a sua energia, porque **não vêm do coração, mas respondem a exigências**

impostas. Portanto, vamos encontrar uma dose enorme de **sofrimento**. Explicamos isso a ela e nos despedimos até o próximo encontro, explicando-lhe que tentaremos chegar cronologicamente até os dias de hoje, olhando esse "funcionamento" em sua totalidade.

Recebemos Daniela pela terceira vez, uma semana depois. Retomamos a conversa mostrando-lhe o mapa desenhado e acrescentando que, além da soberba e da tremenda solidão que implicavam estar no alto da montanha, imaginamos que o sofrimento devia estar sempre presente. Talvez quando seus ideais não funcionam de modo perfeito, quando a vida a faz derrapar, quando as coisas não acontecem como ela acredita que deveriam acontecer. Supomos que devem ser momentos de muito sofrimento. Concorda.

Então toma coragem e anuncia que precisa nos contar algo importante. Relata que quando seu filho Fábio era bebê conheceu um homem que foi seu amante durante três anos. Que ela contou para todo mundo – inclusive para o marido – como se sentia atraída por essa pessoa, mas jamais contou "o detalhe", ou seja, nunca disse que efetivamente mantinha relações sexuais com ele. Respondemos a ela que continuamos confirmando o mapa que desenhamos: tem valores altíssimos que não consegue sustentar. Ela se propõe a um ideal que não consegue cumprir. Sofre, mente, esconde, enquanto tenta se manter acima da montanha, brincando de ser a esposa ideal que compartilha com o marido o que lhe acontece. A terapeuta responde que ela e o marido jogam o jogo do engano. Mas, na verdade, o mais importante é o autoengano. Ao dizer ao marido que sente atração por outro homem – assim como na confissão cristã –, Daniela acredita que se salva de seus pecados.

Retomamos a cronologia, para compreender como chegamos até aqui. Casa-se com seu marido. Ambos trabalham e ela fica grávida rapidamente. Ganha de presente um livro de Laura Gutman. Logo o assume como modelo e se propõe a criar seu filho "assim". Fiel a suas metas altíssimas e perfeitas, fiel ao que deve ser. Mas pouco conectada com quem ela é, em seu interior. Propomos a ela revisar quais de todos esses desejos surgem das ordens externas e quais surgem de seu coração. Daniela compreende, mas seu corpo continua rígido e distante. Prepara-se corretamente para um parto ideal. Como nasce esse bebê? De cesariana, é claro. O nível de rigidez de Daniela impediu a fluidez emocional e física necessária para abrir o canal de parto. Ainda que Daniela faça tudo que é certo – dá de mamar e fica com o bebê nos braços como ela acha que lhe corresponde –, o bebê, obviamente, não aumenta de peso. Observando Daniela de fora, fica claro que, em relação ao bebê, não se trata de fazer o correto, mas de deixar-se levar pelo amor e pela abertura emocional. Falamos especificamente sobre a amamentação, e Daniela aceita ter estado muito insegura com cada mamada, controlando os minutos, as frequências, e permanecendo meticulosamente atenta aos mínimos detalhes. Mostramos a ela com jeito que uma coisa é o contato emocional consigo mesma e com o bebê, e outra muito diferente é fazer o correto. Daniela colocou sua energia em ser a mãe perfeita, seus ideais continuam sendo altos e seu ser essencial continua sofrendo. Dizemos assim, com essas palavras. E Daniela compreende. Pede ajuda para a Liga de la Leche[2], amamenta um tempo com o "relactador"[3]. As noites eram muito difíceis, já que o bebê não dormia "o esperado". Voltamos a falar do mapa. Diz que se sentia julgada. Mostramos que ninguém a julgava, mas sim ela mesma e seu próprio personagem moldado à força de ordens insustentáveis. A partir desse

momento, nos concentraremos em **trazer a voz do filho**, que já nasceu. E faremos o possível para nos transformar em "criançólogos", para não esquecer o ponto de vista de quem não é ouvido.

Dedicamo-nos a perguntar especificamente sobre Fábio e seu primeiro ano de vida. No início, Daniela conta que era um bebê ótimo. Mas insistimos com perguntas muito concretas. Então aparecem as noites de choro, a insônia, a angústia, a solidão e as reclamações de seu marido. Também o "fracasso" do aleitamento, que, do ponto de vista de Daniela, é vivido como uma meta não alcançada. Timidamente aparecem as cenas de seu marido tentando acalmar as "fúrias" de Daniela, que começam a ser vislumbradas nesse cenário. Então a terapeuta "inventa" palavras e situações com o filho, que podemos perfeitamente imaginar, já que com um bebê pequeno nos braços quase nada funciona como o esperado e, além disso, em geral estamos afastadíssimos de qualquer sinal de perfeição. Algo que devia jogar Daniela em um nível de insegurança desconcertante. Nessa época (Daniela não consegue precisar quando, mas Fábio era bebê) conhece aquele que será seu amante.

Não temos o menor interesse pela moral. Só tentamos fazer que cada pessoa se compreenda mais, para então tomar suas decisões com mais coerência. Que Daniela tenha tido libido suficiente para manter um amante significa que estava distanciada libidinalmente de seu bebê. Não é um juízo de valor, simplesmente tentamos olhar o panorama vincular com a maior honestidade possível. Se isso é verdade, o bebê sem dúvida registrou essa distância ou esse "engano" afetivo da mãe, inclusive mais do que o marido. Portanto, somos obrigados a insistir, perguntando sobre manifestações incômodas do bebê, doenças, alergias ou acidentes. Depois de muito perguntarmos, Daniela se lembra dos broncoespasmos de Fábio, dois episódios de laringite, alergia, febres altas, internações etc. Muito bem. Esse é o cenário real. Isso nos dá outra pista: se o bebê estava tão desesperado reclamando disponibilidade materna, é porque a intensidade emocional que Daniela estava empregando em outro território era grande. Daniela desmerece a importância que o amante pode ter tido. Nós não. Perguntamos de modo específico. Não é curiosidade. Pretendemos olhar **a realidade emocional assim como é**. Entendendo que Daniela passou a vida tentando construir-se dentro dos parâmetros de sua própria moral... que apareça um sujeito que a mime, a queira e faça amor com ela sem restrições aproxima dela uma porção de **sombra**, que, para variar, **é real**. De fato, Daniela aceita que sua vida cotidiana girava em torno dos encontros com o amante. Claro. Há algo verdadeiro aí. Vibra. Sente. É uma mulher de carne e osso. Pela primeira vez sentimos que está conectada com algo do que relata.

Nesse ponto, começamos um trabalho interessante com Daniela: repassar juntos que a **distância** que ela gera acima da montanha tem relação **com seu próprio ser essencial**, com seu verdadeiro eu. Agora o sofrimento fica mais claro para ela: muito em cima está seu personagem com o dedo levantado sustentando morais insustentáveis, e muito abaixo **um coração humano que bate**. Essa é a guerra que luta todos os dias. Agora localizamos o trabalho que faremos juntos. Daniela afrouxa, chora como uma criança... a abraçamos, funga, cobre o rosto... continua chorando e não tem intenção de parar. Finalmente nos despedimos dela. Vai embora com o cabelo em desalinho, a camisa amassada e abraçando-se a si mesma com delicadeza e compaixão.

Uma vez que propusemos um panorama realista, um esboço de mapa e um princípio de hipótese de trabalho, podemos acompanhar os processos de qualquer indivíduo, **sem que os resultados concretos nos importem**, mas apontando para um lento percurso no sentido do interior de cada ser. Para isso, é fundamental que o profissional tenha sempre presente que há uma hipótese a seguir, além do último conflito pontual que o consultante possa trazer para o encontro. Podemos ouvir certos relatos, obviamente, mas apenas para confirmar a hipótese, modificá-la ou utilizá-los para maior compreensão global.

Daniela volta para a consulta mais confiante. Já não se sente examinada, mas acompanhada. Apesar disso, entra no consultório dizendo "você não perdoa uma", no sentido de que "compreender" não significa ser aliado nem opinar a respeito. Compreender é ver cenários completos, com as contradições intrínsecas da conduta humana.

Dessa vez perguntamos algo mais sobre sua relação clandestina, com o objetivo de ajudá-la a tirar as máscaras, e para que tolere e compreenda uma parte de si mesma que procura liberdade interior e amor. É de chamar a atenção que seu amante, a quem chamaremos de Ernesto, seja ferreiro. Lembram-se do valor exagerado que Daniela atribuía ao "academicismo"? Parece que a excitação sexual apareceu sem títulos universitários. Chegou pela mão de um homem tosco, quase sem estudo e com um corpo grande e rude. Se isso não é sombra... onde é que ela está?

Com Ernesto, Daniela não se sente na obrigação de ser a senhora perfeita. Deixa-se fluir, torna-se suave. Porém, mal volta para casa e se põe a cozinhar comida natural sem conservantes, impõe horários rígidos a Fábio para comer e dormir. Sente que é uma mãe abnegada, que está atenta ao filho, que não falta nunca a um evento escolar, que o acompanha a outras atividades que ele demanda. Mas embora ela cumpra suas exigências internas, Fábio se comporta mal. Tem horror a ser julgada como uma mãe ruim. Tentamos perguntar especificamente quem a julga. É óbvio que ela mesma é seu pior pesadelo. Fica claro que teremos de continuar trabalhando sobre sua suavidade interior, já que está prisioneira da dureza e da rigidez.

Falando sobre sua rigidez, Daniela reconhece que mantém certas regras em relação a seu filho com o único objetivo de fazer o correto. Por exemplo, considera que a criança tem de dormir às nove da noite em ponto. Ela se coloca metas tão altas que logo a frustração se torna enorme quando as coisas não saem como imaginava. Pretende que o filho acorde, se vista, coma e pare de rir. Finalmente, levá-lo à escola se transforma em um suplício. É uma perda constante de energia. Então propomos a ela flexibilizar os pequenos atos cotidianos e detectar o que acontece com ela quando faz isso. Por exemplo, refletimos juntos sobre a hora em que Fábio deveria dormir. Daniela começa dando todas as explicações pertinentes e todas as razões estudadas a fundo. No entanto... a olhamos com ternura dizendo que desperdiça tanto esforço... para dar de comer ao seu próprio personagem de mãe perfeita. De nossa parte, tratamos de dar voz a Fábio, imaginando o que acontece com ele, o que parou de pedir, de que necessita. E assim, pouco a pouco, vamos ingressando em cada pequena rotina cotidiana, observamos como Daniela a encaixa em sua própria rigidez, como Fábio adoece e como continuamos todos presos na armadilha. Chamamos esse exercício de "olhar o mapa". Também quero esclarecer que esse trânsito de olhar e olhar e voltar a olhar o mapa, em relação a cada situação que o indivíduo

comenta, pode levar muito tempo. Esse é o nosso trabalho: mostrar de um ponto de vista externo à trama, o mais completo possível. Nossa função não reside no objetivo de que o indivíduo faça movimentos. Isso corre por conta da decisão íntima de cada um. Entendemos que o papel do terapeuta se baseia em oferecer esse olhar global, externo, para que cada indivíduo então faça o que quiser com essa nova informação.

Pouco a pouco começamos a nos dar conta de que Daniela concentra toda sua rigidez em casa e se permite a suavidade em uma relação clandestina. Em algum momento será capaz de unir esses dois lugares internos. Por ora, estão "polarizados". Nossa intenção é que aproxime suas partes. Que reconheça sua necessidade de suavizar-se. Depois de vários encontros que rondaram esses temas, Daniela nos confessa que com esse trabalho passou a reconhecer que é difícil aproximar-se do amor, da dor, dos sentimentos. Que se relaciona com Deus a partir da cabeça, mas não consegue senti-lo no estômago, nem no coração, nem no corpo. Que esse trabalho está servindo para que ela reconheça isso. E o mesmo acontece com seu filho, é difícil amá-lo. Não consegue transmitir-lhe seu amor e, de fato, Fábio lhe disse que essa história do amor de Jesus é mentira. Ai!, as crianças, como são sábias. Daniela sussurra isso a partir de sua bela fragilidade, não de cima da montanha de seu mapa. Então nos conta sobre todas as ocasiões em que bateu em Fábio. Claro, agora que está descendo da montanha pode dizer. Reconhece que, em alguns momentos, sente uma fúria imensa dentro do corpo. E cai em um pranto profundo e sincero.

"Isso é suavidade", dizemos a ela. É isso. Dói. É humano. É sensível. É verdadeiro. É nesse exato momento que sentimos que Daniela está entregue ao árduo trabalho de ingressar em sua biografia humana, porque tirou suas máscaras. Acreditamos que vão aparecer mais e mais situações de sofrimento que seu personagem de mãe abnegada não conseguia mais tolerar nem assumir. Isso é importante: quando já não defendemos nosso personagem, aquilo que nos acontece simplesmente é. Acontece. E podemos abordá-lo porque existe.

De fato, em pouco tempo, Daniela pode começar a falar de seus distúrbios alimentares, até agora negados por ela mesma. Pode registrar que mantinha níveis de obsessão em relação ao que Fábio comia, pretendendo para seu filho uma dieta macrobiótica severa, quando ela mesma nunca se sentava à mesa. Suportava a fome. Pesava-se várias vezes por dia. E sua obsessão por não comer era semelhante à obsessão para que Fábio comesse tudo que ela preparava. Essa situação tão sofredora – que fica caótica na rotina diária – pode ser abordada de fora do personagem, porque não nos importa que esteja bem ou mal, mas "o que acontece". Conversando sobre cenas pontuais, ficamos sabendo que Fábio pede à mãe com insistência para que comam juntos. Mas só agora Daniela consegue registrar essa demanda, que é um pedido de amor.

Suavizando, suavizando, suavizando, Fábio conseguiu dizer à mãe que tem medo dela. Daniela foi se conectando pouco a pouco com seu próprio medo. Com seus aspectos mais frágeis. Depois de alguns poucos encontros com a terapeuta, Daniela está tão aberta, desarmada e permeável que sugerimos que comece a falar com o marido sobre esse processo. No início rechaça a ideia. Então se dá conta de que não tem nada a perder.

Não significa que as coisas mudam radicalmente em sua vida cotidiana pelas artes da magia.

Ela continua sem comer, mas tem mais registro. Fábio pede colo e Daniela tem mais registro desse pedido. Em alguns momentos passa dos limites e bate no filho, mas tem mais registro. Nem sempre se sai bem, mas pelo menos **se conecta com o que acontece**. Isso é um avanço muito importante. Não nega, minimiza ou passa pela peneira da moral. Simplesmente assume internamente o que lhe acontece. Por isso consegue registrar cada vez mais cenas de sofrimento, das quais faz parte. Também há boas notícias: Fábio lhe disse várias vezes que a ama. No jardim da infância disseram a Daniela que Fábio está mais contente e parece menos preocupado, tendo ganhado mais entusiasmo para brincar com as outras crianças. Não é pouca coisa. O resto do trabalho prosseguiu da mesma forma: acompanhando o exercício constante de olhar a realidade como é, ajudando-a a não voltar a refugiar-se em seu personagem, a ir vivendo da maneira mais conectada possível com seu eu verdadeiro.

E seu motivo de consulta? Chegou preocupada porque não tinha paciência com o filho. Agora tem muito mais do que uma capacidade maior de olhá-lo. Agora é capaz de olhar-se com menos medo e, a partir dessa experiência, tomará suas decisões ao longo da vida.

2. Instituição não governamental existente em vários países latino-americanos que promove a amamentação e orienta mães para essa prática. [N. T.]
3. Recipiente com sondas parecido com a mamadeira. Tais sondas são colocadas próximas do bico do peito e por elas sai leite artificial. Quando o bebê mama do peito, suga também o leite artificial. [N. E.]

6. Fora do nicho

A REPRESSÃO DAS PULSÕES BÁSICAS

MESMO QUE TODAS as religiões e sistemas morais do mundo tenham como meta o desenvolvimento da capacidade de amar, ou seja, coloquem a inteligência a serviço da reciprocidade e do altruísmo, para que cada indivíduo ofereça ao próximo o melhor de si em benefício de toda a comunidade, a realidade é que coletivamente caminhamos por um nicho básico, burro e linear, do qual temos muita dificuldade de nos afastar. A maioria das pessoas reage a "ideias comuns" que funcionam no automático, mais ligadas ao medo do que a qualquer outra coisa. Medo de ser diferentes, medo de pensar com autonomia, medo de refletir e de nos tornar responsáveis por nós mesmos. É mais fácil ser parte do rebanho do que encarregar-se da própria individualidade.

Sem importar que área da vida cotidiana vamos abordar, é simples registrar o nível de automatismo de pensamento que conservamos. Todos pensamos o mesmo em relação à educação, à criação dos filhos, à alimentação, à cultura, às escolas, ao valor que creditamos à ascensão social ligada, obviamente, ao incremento patrimonial. Todos pensamos mais ou menos o mesmo em relação ao amor romântico, à infidelidade sexual, ao ciúme entre irmãos, à ideia de justiça, ao que é pecaminoso ou ilegal, à divisão entre bem e mal. Quero dizer que, sem nos darmos conta, opinamos a mesma coisa, organizamos nossa vida sobre os mesmos parâmetros culturais e sofremos, aprisionados pelas mesmas leis autoimpostas pela falta de reflexão, autonomia e liberdade.

Possivelmente, o fato de que todos caminhemos pelo mesmo nicho em todas as áreas da vida é consequência de não termos tido a oportunidade de nos **autorregular** desde o momento preciso do nascimento. Quer dizer, **perdemos nossa bússola interna, que é a mãe de todas as bússolas**. Se não podemos comer quando temos fome, se não podemos nos negar a comer quando simplesmente o apetite não vem, se não podemos nos amparar nos braços de nossa mãe quando necessitamos dela, se nosso pulso interno não se mostra e nos vemos obrigados a nos acomodar a regras externas, então qualquer ordem, qualquer caminho, qualquer decisão será imposta facilmente, porque não temos registro de nosso próprio ritmo. As pautas externas funcionam em nosso mundo porque não permitimos à criança recém-nascida nem à criança um pouco maior respeitar seus impulsos básicos, **até que elas se esquecem deles por completo**. E, a partir daí, estamos perdidos.

O desastre que aconteceu em âmbito mundial com a amamentação é prova disso. Há anos os "especialistas" tentam fazer que as mães aprendam a dar de mamar. Mas continuará sendo algo difícil enquanto se propuser horários às mães e não se estimular a autorregulação do bebê, que é a única maneira de fazer com que a lactância se estabeleça espontaneamente. O mesmo acontece em relação ao contato com o próprio corpo e com o corpo materno, e em relação à liberdade de explorar o entorno. Obrigamos as crianças a mudar cada pequena atitude espontânea e assim garantimos a desconfiança em relação às próprias intuições. Daí precisamos de profissionais

para quem delegamos um suposto saber, para lhes perguntar absolutamente tudo. E, pior ainda, quando recebemos conselhos ou indicações da ordem que seja, não contamos sequer com uma cota de intuição pessoal para checar se essa sugestão nos atende e se é positiva ou não para nós.

O sucesso desse sistema que divide o mundo entre o que é correto – segundo certas regras – e o que é incorreto e precisa ser modificado depende da insensibilidade que nós, adultos, temos em relação às necessidades das criaturas pequenas. As crianças choram desbragadamente e os adultos não se abalam. Não tomamos conhecimento. Claro, nós nos presenteamos com a hierarquia de sermos grandes, e portanto lhes infligimos esse sofrimento. Assumimos uma autoridade dominante, e simplesmente nos parece adequado reprimir as pulsões básicas. Estamos garantindo assim que, no futuro, essas crianças, que hoje sofrem, esperem o momento indicado para assumir sua cota de poder e ferir outros mais fracos, em uma cadeia absurda e sem retorno.

Vamos admitir que **a privação do prazer físico sensorial durante a primeira infância é a principal causa da violência social**. A violência em grande escala só acontece nas culturas e comunidades nas quais se é repressivo com as crianças e, sem dúvida, nas quais também reprimimos a vida sexual como um todo. A privação de prazer corporal nas criaturas é diretamente proporcional ao desenvolvimento da violência em todas as suas formas.

Os maus-tratos e o abuso das crianças são recorrentes, banais, cotidianos e comuns, embora só estejamos dispostos a reconhecê-los quando os casos são muito visíveis. Lamentavelmente, tenho a sensação de que ainda não estamos prontos para olhar de frente a sistematização do abuso, porque teríamos de questionar todo o sistema comunitário em que vivemos. Ou seja, teríamos de observar o nicho completo com a lógica que o sustenta para perceber que o abuso, a repressão, os maus-tratos e a dominação dos mais fortes sobre os mais fracos são a mesma coisa. E todas essas dinâmicas humanas têm um único objetivo: o domínio e a acumulação de bens. Se a sociedade patriarcal se baseia no patrimônio, as guerras são parte necessária desse sistema. E a guerra obrigatoriamente é fratricida, ou seja, exige que os irmãos se matem uns aos outros com o único objetivo de obter território, lucros ou poder. Para isso, precisamos gerar guerreiros, ou seja, seres insensíveis e capazes de matar. Isso é algo muito fácil de conseguir: simplesmente negando aos bebês e crianças pequenas o corpo materno e o prazer que esse contato proporciona. Não é verdade que nos importa o bem-estar de nossa cria. Pelo contrário, o propósito é que a criança sofra na medida suficiente para que logo seja capaz de reagir com ira para dominar os outros.

Para todos nós, o amor é uma necessidade fundamental. Um bebê que não tenha sido "humanizado" através do amor e do sustento materno no início da vida vai sofrer um processo de "desumanização" com as consequentes reações agressivas, já que aprendeu a se adaptar a um entorno carente em termos afetivos. Cada experiência de vazio afetivo que uma criança humana ávida de cuidados e contato materno sofre se soma a outras experiências de muitas outras crianças que se encontram nas mesmas condições, até que esse desespero se molde em escala coletiva.

Alice Miller escreveu que os danos infligidos durante a infância são **crimes da Humanidade contra a Humanidade**, já que nossas crianças crescem armazenando a violência que então vão

aplicar tal como receberam. Uma vez que tenham chegado à idade adulta, exercerão o poder contra as crianças da geração seguinte. A violência se perpetua graças **à banalização da falta de amor primário**. Quero dizer, não nos parece algo terrível nem nos horrorizamos com cada bebê que não encontra o corpo da mãe enquanto chora inconsolável. Observamos isso cotidianamente à nossa volta e, além disso, nós mesmas negamos nosso corpo quente aos nossos filhos. Simplesmente estamos fartas de suas demandas. Aliamo-nos aos demais adultos que nos dão razão e concordamos que as crianças têm de compreender que não é correto ser "tão" exigentes.

Os tempos modernos também jogam contra. As mulheres acreditam que finalmente estamos tendo acesso a nossa tão ansiada liberdade, depois de séculos de submissão ao homem, pelo fato de trabalhar e ganhar dinheiro. Acreditamos que é uma vitória do gênero feminino. Nada mais distante da liberdade.

Podemos trabalhar e ganhar dinheiro. Podemos chegar a postos de poder político ou econômico. Mas se nós, mulheres, continuarmos caminhando pelo nicho cego da repressão e das limitações do amor primário, se não reconhecermos a repressão e a dureza que paralisa nosso corpo, se não estivermos dispostas a ouvir nossas batidas uterinas, se não oferecemos o peito e os braços para refúgio da cria, então estamos nos tornando artífices indispensáveis da violência no mundo. E o resultado é que **sem amor primário não há liberdade**. Só haverá medo e compensações desesperadas. Ou seja, seremos todos prisioneiros de nossa ira ou de nosso terror.

As mulheres são a articulação entre o passado de repressão, obscurantismo e ódio e o futuro que desejamos de mobilidade, liberdade e buscas criativas. Somos nós, mulheres, que temos de compreender a **relação direta que há entre o amor primário e a liberdade. Entre a repressão do amor e a violência**.

TUDO QUE PENSAMOS NO NICHO

Diante desse panorama, fica claro que todos nós viemos mais ou menos de realidades de vazio de amor primário. E que sobrevivemos utilizando certos mecanismos de sobrevivência. Esses mecanismos estão descritos em meu livro Adicciones y violencias invisibles [Vícios e violências invisíveis]. O problema subjacente é que **não temos outros parâmetros**. Não conhecemos ninguém que venha de uma história infantil de amor e sintonia corporal. Então não sabemos como comparar. Só conhecemos nosso nicho, que é o mesmo pelo qual todos transitam.

Suponhamos que, diante de um câncer, consultemos um médico oncologista alopata tradicional. Ele vai nos sugerir a remoção cirúrgica do órgão e então algum tipo de radiação. Decidimos escutar "outras opiniões", então vamos consultar dez médicos diferentes, todos oncologistas tradicionais. Como todos dão a mesma opinião, ou seja, todos propõem a cirurgia e a radiação, chegamos à conclusão de que essa é a solução correta para o problema, convencidos de que consultamos um "leque" de profissionais. No entanto, isso não é verdade. Podemos visitar cem médicos. Mas se esses cem médicos caminham pelo **mesmo nicho** não há diferença entre o critério de um e de outro. Não temos com que comparar. Acreditamos que fizemos uma escolha entre muitas opiniões, mas isso é falso. Muito bem, se fôssemos consultar

um homeopata, um ayurvédico, um antroposófico, um médico chinês e um curador espiritual, talvez obtivéssemos outra proposta. Porque então estaríamos procurando em **outro nicho**.

Quando pensamos na condição humana acontece a mesma coisa. Acreditamos que temos objetividade para pensar, mas na realidade estamos todos dentro do mesmo nicho, que é o nicho do Patriarcado; a tal ponto que supomos que o ser humano "é" guerreiro, depredador e manipulador, sendo próprio da espécie sentir ódio, rancor e vontade de destruir. Sair do nicho é muito difícil, a menos que estejamos dispostos a questionar tudo o tempo todo. É de deixar qualquer um esgotado, sem dúvida.

Cada discurso familiar faz parte de outro maior e este faz parte de outro ainda maior até ser parte das "ideias pertencentes ao Grande Nicho Geral". Ou, ao contrário, podemos pensar que das "ideias do Grande Nicho Geral" se desprendem as ideias que defendemos em cada comunidade, cada família, cada indivíduo etc. Como no jogo das bonecas russas, as "matrioskas", que se encaixam uma dentro da outra. Dito isso, veremos que "sair" do discurso sistematizado do Grande Nicho é uma tarefa muito difícil, mas, em meu entender, é o mais interessante se queremos obter um olhar global ou original em relação a nossos sofrimentos.

Por isso, sugiro desconfiar de todas as teorias, inclusive as mais sedutoras. Eu, Laura Gutman, me vejo tomada por minhas supostas teorias repetidas no "discurso coletivo alternativo". E resulta que pessoalmente não tenho o menor interesse nisso. Não luto pela criação com apego, não defendo a amamentação ao extremo nem sou defensora ferrenha do leito compartilhado (para repetir algumas frases que foram publicadas nos meios de comunicação). Nada disso. A única coisa que importa é **escutar** cada indivíduo com suas dificuldades, **escutar** então seu discurso iludido e propor revisar todo esse discurso para chegar à verdade íntima dessa pessoa. E então que esse indivíduo faça o que quiser com esse novo ponto de vista sobre si mesmo. Isso é tudo. Mas para isso temos de estar o mais longe possível do nicho, ou seja, atrevermo-nos a **questionar tudo**, absolutamente tudo: não quer ir à escola? E o que acontece se não vai à escola? Como? Como não vai???? Mas onde meu marido vai dormir? E a relação do casal? E se não toma leite, o que dou a ele? E o cálcio? E se ficar mal acostumado? Mas como não vou vacinar? E se acontece alguma coisa, o que faço com minha culpa? Mas como não vai visitar os avós? Não dou antibióticos? Como assim, vou abandonar minha mãe? Como é que pode alguém querer ficar doente? Mas será tão assim? Não é exagero? E se me recriminar quando crescer? Vou sozinha?

Em parte é lógico que todos nós transitemos pelo nicho habitual, porque é o caminho que conhecemos. Também é verdade que nos acomodamos e então dizemos a nós mesmos que é o único caminho existente. Ou seja, mentimos para nós mesmos com o objetivo de não perder o conforto obtido. Pois bem, aí sim temos uma responsabilidade. A de decidir que não queremos tomar consciência do que há além "disso" que nos foi dado.

Pessoalmente, me chama muito a atenção que, depois de anos e anos dando aulas, as perguntas, reações e exclamações de quem escuta são sempre as mesmas. Como se fôssemos marionetes feitos em série, pensando a mesma coisa, sustentando os mesmos preconceitos e defendendo-nos de capa e espada... de certos pensamentos que na verdade não podem machucar ninguém. No entanto, parece que só o fato de nomear algum pensamento fora do comum nos

coloca em alerta como se fosse algo perigoso.

Na verdade, não é necessário que outra pessoa pense igual a mim. O interessante seria que pensasse como quisesse, mas com **autonomia!** Paradoxalmente, se permanecemos no nicho, não há autonomia possível. Porque não há nenhuma descoberta própria, mas "herdada" pelo pensamento coletivo.

Por isso, também cabe ao profissional que acompanha processos de questionamento pessoal por tudo em xeque e ter a coragem de perguntar tudo ao consultante. Não dar nada por resolvido. Não compartilhar preconceitos. Não aconselhar. Não decidir o que é ou não correto. Não opinar. Não ter juízos de valor. Não desejar a cura de ninguém. Não supor que o que o tem a dizer ao consultante é uma genialidade. Não pretender que o consultante faça mudanças. Não antepor crenças próprias. Não sustentar nenhuma ideologia. Não exercer poder sobre o outro. Não assumir nenhum suposto saber. Não reter o consultante acreditando que o melhor é continuar com o tratamento. Não tornar-se uma referência nem um aliado. Não se acomodar no papel de profissional admirado que o consultante projeta. Não ter certeza de nada.

AMPARO: A DISTÂNCIA ENTRE O CORRETO E A VERDADE INTERIOR

Amparo é vendedora, tem 33 anos e duas filhas, de 2 e 3 anos, Manuela e Sofia. O sacerdote de sua congregação lhe sugeriu ler meus livros e consultar nossa instituição (acontece, há sacerdotes cristãos que recomendam meus livros). Ela está preocupada porque sente que se desdobra para cuidar das duas filhas e que "um monstro sai de dentro de mim". Tem medo de "fazer algo terrível". Diz que bate nas meninas, mas que às vezes bate na parede. Amparo é pequenina, fala com uma voz muito baixa, tem cabelo comprido, arrumado, preso cuidadosamente, e toda sua aparência física transparece suavidade e ordem. Perguntamos a ela pelo vínculo que tem com o sacerdote que a recomendou e conta que é muito católica, que a Igreja tem sido historicamente seu refúgio, que sempre fez retiros espirituais, mas que desde que nasceram as filhas não teve mais oportunidade de fazê-los e isso a deixa desequilibrada, não suporta o barulho em casa.

Explicamos – como é de praxe – o trabalho de construção da biografia humana e damos início a ele, perguntando por suas lembranças de infância.

Seus pais foram trabalhadores de classe média. Do pai tem lembranças de seu mau humor e de que passou toda a infância tendo medo dele. A mãe foi dona de casa, mas há vários anos trabalha para uma instituição religiosa. Amparo é a última filha de oito irmãos. Seus sete irmãos nasceram com muito pouca diferença de idade, mas ela nasceu muito depois, tendo sido criada quase como filha única, já que os irmãos saíram de casa ainda jovens. No discurso familiar, ela era "a filha mimada". Isso é o que Amparo "diz". Mas nós nos concentraremos em descobrir quem – na verdade – disse isso e quão perto ou longe essa ideia está da realidade vivida por Amparo.

Perguntamos sobre lembranças de sua primeira infância, e aparece o **medo do papai**. Quando ouviam o ruído das chaves, todos corriam para fazer algo que o papai tivesse mandado. Batia muito nos irmãos homens. Nas mulheres, Amparo diz que não. Também se lembra das brigas e dos insultos trocados entre mamãe e papai, mas não sabe por que brigavam. Amparo passava

bastante inadvertida no caos familiar; aprende rapidamente que "por favor", "obrigada" e "me desculpe" são palavras que garantem certa calma. As cenas na hora de comer são horríveis: gritos, desafios, ameaças. Fazemos que ela note que relata esses episódios sem se comover ou chorar. Pensa um pouco e responde com franqueza que quando papai os desafiava acrescentava: "E agora não chore"; portanto, Amparo sabe como segurar as lágrimas. Uma vez que confessa isso à terapeuta, começa a chorar e não há meio de acalmá-la. Bom sinal.

A terapeuta pergunta então **onde ela acredita que mamãe estava** enquanto papai maltratava os filhos. **Não sabe**. Acredita que mamãe sofria por tudo isso. Mostramos a ela que havia um acordo tácito entre mamãe e papai, tentando explicar como funciona a violência invisível. Conforme vai escutando, recorda e chora, chora. A terapeuta então a acompanha, chorando um pouco também. Tentamos trazer lembranças específicas em relação à mãe, mas não aparecem. Só sabe que ela sempre tentou fazer o que era certo para que ninguém continuasse brigando. "O que é fazer o certo?" Amparo levanta os olhos e não entende a pergunta. "Sim, peço que você cite algumas coisas corretas, por favor!" E Amparo não sabe citá-las, só sente que há "algo" da ordem do sagrado que é correto e muitas coisas ruins que são incorretas, mas não consegue precisar nada além disso.

Amparo se sente aturdida. Explica que não quer fazer essa terapia para terminar zangada com a mãe. Claro, tem razão. Aproveitamos para dizer-lhe que imaginamos o impacto que deve estar sentindo ao ouvir pela primeira vez que **mamãe tem algo que ver com a modalidade vincular dentro do lar durante sua infância**. Não há "mamãe boa" nem "papai ruim". Nosso trabalho não se concentrará em determinar quem tem culpa: o único propósito é que ela se veja nesse cenário. Isso dá margem a conversar um pouco sobre "o bom" e o "o ruim", tão arraigados na moral cristã. Voltamos a repassar o funcionamento de mamãe e papai, que continuam juntos depois de quase 50 anos. Ou seja, funciona para eles. Mas teremos de investigar se isso que funcionou para mamãe e papai implica que Amparo recebeu aquilo de que necessitava.

Continuamos com a cronologia de forma metódica: passou pelos anos escolares sem ruído. Relativamente boa aluna. Estudou em colégio de freiras, claro. Continuamos perguntando sobre amigas ou dificuldades, e aparece a lembrança de que suas amigas a chamavam de "a pedinte". Por quê? Porque não lhe mandavam o lanche nem dinheiro para a cantina, então pedia... no final ficou com vergonha de pedir, então passava fome. Obviamente nunca contou isso em casa. E ninguém nunca soube. Não tinha muitas amigas, escolhia ficar reclusa em casa. Alguém perguntava a ela de que precisava? Ninguém, é claro. Preferia ser invisível. Assim não surgiam problemas.

Durante a adolescência, seu grande problema foi o olhar dos homens. Ela é bonita. Morena e magra. Sentia-se exposta ao olhar dos homens, então se lembra de vestir roupas muito folgadas. "Alguém em casa sabia o que te acontecia?" "Não, ninguém." Amparo diz que a repressão em casa era tão grande que talvez por isso tivesse tanto medo. No entanto, suas irmãs tiveram namorados desde cedo e os pais nunca proibiram. Na verdade, acreditamos que ninguém olhava para Amparo, portanto deduzimos que "o medo" dos homens devia ser mais uma questão de autoproteção e de isolamento do que de outra coisa. Sim, Amparo passava muito tempo só.

Amparo se insere em suas lembranças com pouquíssima vitalidade. Parece que o estímulo

estava nas brigas e nos gritos do lar. Ao contrário, ela esbanja vitalidade em **fazer bem as coisas**. Então perguntamos mais uma vez o que é "fazer bem". Fica pensando e promete encontrar uma resposta. Assim conclui o primeiro encontro.

Para a segunda sessão, Amparo traz uma frase que escrevera aos 14 anos: "Sou como uma plantinha da qual todos os anos se exige que dê flores, mas a qual nunca regam". Encontrar esse caderno a angustiou muito. Lembra-se de que nessa época entrou em um grupo de missionários com quem viajava para o interior do país, e que foi a melhor coisa que lhe aconteceu. Com eles fez muitos retiros espirituais, e hoje sente falta desse silêncio que lhe dava tanta paz. Falamos um pouco sobre o significado que esse grupo tem para ela. Então repassamos o cenário visto da última vez e continuamos a cronologia.

Aos 23 anos conhece seu atual marido, Miguel. Namoraram durante sete anos. E, como se pode imaginar, não tiveram relações sexuais durante todo esse tempo. Perguntamos a ela sobre a qualidade dessa relação, mas Amparo não consegue contar grande coisa. Miguel também vem de uma família muito católica, na qual ocupa um lugar parecido com o de Amparo em sua família: passa inadvertido. Amparo diz que entre Miguel e ela há muita comunicação, que conversam sobre todos os assuntos. Nós, é claro, colocamos em dúvida essa afirmação, não imaginamos muitas conversas nem muito entendimento. Então Amparo confessa que andam discutindo em relação à babá. Miguel não concorda em destinar dinheiro para "isso" e Amparo, por sua vez, sente que sem a babá vai enlouquecer. Miguel afirma que trabalha demais e que o dinheiro poderia ser usado para outras coisas, se ela tivesse mais paciência para se ocupar das filhas. Amparo se ofende, sente que faz tudo bem-feito, mas nunca é suficiente. Não sabe como falar com Miguel nem tem contato com suas próprias necessidades, e em seguida fica envergonhada de suas explosões. Respondemos a ela que deve ser muito difícil ter necessidades e não poder expressá-las. Sua cabeça começa a doer... ela chora... Mas as lágrimas não saem! Lembramos a ela que essa frase que escreveu aos 14 anos reflete um registro interessante de precisar de mais cuidado. Então ela se põe a chorar e imediatamente se desespera, porque não consegue conter o pranto. Garantimos que pode chorar à vontade, que este é um bom lugar para chorar. Então – com o aval dessa permissão explícita –, se põe a chorar sem parar, como se tivesse lágrimas guardadas há muitos anos e necessitasse esgotá-las todas juntas. É impressionante. Mas ali estamos, esperando e apoiando esse choro. Depois de esperar em silêncio, oferecendo abraços e acolhimento, a terapeuta insinua algumas palavras carinhosas e garante que chorar é algo bonito. Que essa repressão de seus desejos e necessidades congelou sua alma, e que já não é necessário. Seu pai já não pode castigá-la. Na verdade, ninguém pode castigá-la, agora é adulta e tem a liberdade de decidir fazer o que quiser com suas lágrimas. Foi necessária mais uma hora para conseguir se despedir e sair para a rua. Foi um encontro no qual não conseguimos avançar muito na cronologia de sua biografia, mas pelo menos abrimos as comportas de uma proibição obsoleta que ainda estava ativa em seu interior.

Um pouco mais tarde ela entrou em contato com a terapeuta para dizer que ao chegar em casa sentira muito medo, medo de ficar sozinha com as filhas, medo de fazer alguma loucura, medo de sair do sério como nas explosões de seu pai. Então a acalmamos, dizemos a Amparo que ela ficou fixada em um nível emocional de criança pequena. Essas são algumas consequências dos

desastres que a violência encoberta pela falsa moral cristã fabrica. Esse medo de "tudo" é infantil, manifestado em seu corpo de mulher adulta. Os maus-tratos vivenciados durante toda a sua infância se transformam em ingenuidade, medo e sensações perigosas que inundam sua vida cotidiana. Quando uma pessoa é maltratada na infância, qualquer movimento é escandaloso ou temível. Hoje, o próprio fato de nomear a realidade emocional parece provocar um abalo. No entanto, não é perigoso nomear verdades afetivas. O danoso é não reconhecer os fatos dramáticos que vivemos, pois, ao não serem nomeados, não podemos contá-los nem distingui-los, então o corpo age por nós. Nossa angústia e nosso choro aparecem sem permissão, não conseguimos controlá-los, parece que surgem do interior, mas ao mesmo tempo se comportam como estrangeiros, já que não temos domínio sobre "isso". Portanto, estamos bem. Enquanto o choro reprimido surgir e não enfrentar nenhuma barreira, significa que estamos no caminho do encontro com a própria sombra.

Quando Amparo volta para a consulta seguinte, com um sorriso e um ramo de flores, conversamos brevemente sobre o que aconteceu da última vez. Desenhamos um "mapa" simples, uma menina chamada Amparo fechada em círculos com diversas camadas: a moral, as crenças, o discurso de papai, o medo e a indiferença de mamãe. Todas essas camadas "encerram" uma Amparo pequena e assustada. Amparo interrompe. Diz que ela sempre se esforçou para fazer as coisas bem. A terapeuta responde que vamos tentar não pensar em **bem e mal**. Com toda a bagagem de moral cristã e repressão, esse é seu costume. Mas nesse espaço **não estamos julgando**, estamos pensando livremente no que acontece com ela. Amparo fica pensando, surpresa, como uma criança... diante de um abismo de possibilidades. Conversamos sobre o desespero que viveu depois do encontro anterior, sobre como se sente frágil pelo simples fato de não nomear sensações. Mostramos a ela que essas sensações existem, ainda que não sejam nomeadas. Ou seja, funcionam de qualquer forma. Ela agradece e continuamos.

Retomamos a informação sobre sua família ascendente. Segundo seus irmãos, ela é uma espécie de "princesa privilegiada". As irmãs costumam dizer: "Você pegou o velho cansado, com você foi diferente". Com isso, a ela fica vedada a possibilidade de que **também** sofreu abandono, de não ter sido olhada e ter sofrido maus-tratos. No entanto, Amparo "comprou" esse personagem. Na dinâmica familiar, assume o papel de mediadora, falando com uns e outros para apaziguar os problemas. Ouve a todos e sente que ajuda e faz o bem. Diz que quer que "todos sejam felizes". A terapeuta lhe mostra que uma dinâmica familiar é de todos, mesmo que ela conserve o desejo infantil de "solucionar" tudo, como se apenas com seu desejo pudesse modificar a realidade. O que seria "solucionar"? O que seria "fazer o bem"? O que seria "ser feliz"? Talvez signifique que a princesinha com seus poderes mágicos pudesse fazer que **as coisas fossem como ela achava que deveriam ser**. Isso se chama manipulação, simplesmente. E mais. É provável que enquanto ela atende ao telefone para salvar a humanidade dos grandes perigos, suas filhas estejam desesperadas pedindo a presença materna. É possível que faltem muitas coisas a suas filhas, que ela não chega a vislumbrar porque está ocupadíssima ouvindo as queixas de alguma irmã. Nessa família, todos sofreram. Em vez de compartilhar o amor – que não existe –, compartilham o sofrimento – que existe demais. Fazendo um resumo, nos resta daí por diante revisar o papel que Amparo atribui à mãe, que até agora parece ser intocável porque

faz boas obras. Revisar como funciona seu vínculo de casal e a suposta comunicação na qual não acreditamos. E abordar a realidade de suas duas filhas, de quem ainda não sabemos nada.

No encontro seguinte, retomamos desde o início da relação com Miguel. Ele adora jogar tênis. Amparo se incomoda com isso. Ultimamente, Miguel quase não joga, claro. Amparo espera algumas atitudes de Miguel que ele não registra. Ela sempre envia mensagens de texto carinhosas, mas Miguel não se interessa por isso. Já temos uma lista de necessidades que Amparo gostaria que ele satisfizesse. Então perguntamos o que Miguel lhe pede. Não sabe. Titubeia... e finalmente diz: "Acho que Miguel não tem muito espaço para pedir nada". Muito bem. Até há pouco Amparo se vangloriava de uma comunicação impecável no casal e de ser excelente esposa. Mas depois de dez anos de casamento não é capaz de responder de que necessita ou reclama o marido. Melhor rir do que chorar.

Agora sabemos que nos compete trabalhar sobre o mecanismo de satisfazer o mundo (o pai interno, bah) sendo a filha perfeita, mas Miguel fica de fora e suspeitamos que as duas filhas também. E há algo sombrio que está em atividade: a manipulação sutil através do tom bondoso e do "pelo seu bem", que incomoda a todos, especialmente a Miguel. Quando falamos sobre isso, sua cabeça começa a doer novamente. Mas desta vez associamos isso a tantas sensações não nomeadas e damos as boas-vindas à dor. Amparo tem medo e diz. Também damos as boas-vindas a esse medo interno e ancestral. Assim registramos e permitimos que tudo que existe em seu interior se expresse.

Tentamos retomar a cronologia de sua biografia humana. Depois de sete anos de namoro com Miguel sem relações sexuais, eles se casam. Amparo tem a ideia de que eles "falam de tudo". Em seguida vamos confirmar que na realidade ela monologa e Miguel concorda. Ela se lembra do primeiro período de casamento como uma época muito feliz. Fica rapidamente grávida de Sofia.

Perguntamos sobre o parto. O que se imagina: o médico diz a ela que seu útero é "muito fininho" (alguém sabe o que isso quer dizer?) e ela acaba em uma cesariana comum e vulgar, dessas brutais, amarrada, com muita gente em volta, exposta, um espanto. Ela se lembra disso como algo horroroso. E não é para menos. Volta para casa com Sofia. Amparo acaba de se dar conta de que estava sozinha, que não recebeu ajuda da família nem de ninguém. Aos dois meses, Sofia tem bronquiolite e Amparo fica praticamente enclausurada com o bebê. Miguel trabalha o dia todo. Agora Amparo pode dizer que nesse momento não tinha nenhum registro de quão sozinha e necessitada estava, e não sabe como se organizou para tomar conta de Sofia; agora põe em dúvida se realmente foi capaz de fazer tudo direito. Na verdade, não consegue amamentá-la. Claro – é fácil imaginar agora – que não tinha as condições externas nem internas para amamentar com alegria. Não bastasse, durante o primeiro controle obstétrico o médico lhe pergunta se já teve relações sexuais. Não. Amparo interpreta isso como algo ruim. A questão é que se encontra sozinha, com a menina doente, o marido trabalhando o dia todo, com a obrigação de ter de retomar uma atividade sexual que não deseja e atormentada pela lembrança de uma cesárea em que foi maltratada. Acredita que vai enlouquecer. Não fala com ninguém, trata de fazer o que é certo, como lhe corresponde.

Aos cinco meses de Sofia, fica grávida de Manuela. Sim, uma mulher afastada de seu eixo

íntimo e apartada energeticamente de sua filha pequena é frequente que engravide. Enfim, a essa altura estamos observando ao lado de Amparo **a distância que há entre seu ser interior e sua própria moral**. Entre seu conceito de "fazer o bem" e o que é verdadeiramente benéfico para seu cônjuge, suas filhas e para ela mesma. Essa é a hipótese proposta. Agora o trabalho se concentra em ir colocando palavras, em escutar os demais e em observar-se com mais honestidade. Tudo isso é bastante invisível, ainda que se veja refletido em suas filhas, que adoeciam muito, mas ultimamente o fazem com menos frequência. Às vezes esse "trabalho de formiga" é lento e tedioso, já que dá conta de um sem-número de pequenos detalhes cotidianos, que agora Amparo registra mas antes lhe passavam inadvertidos. Não são grandes conquistas. São pequenas e íntimas.

Até que um dia Amparo vem à sua consulta **mudada**. O cabelo bem curto, moderno. Vestida de jeans e com um ar juvenil. Segura de si mesma. Diferente. Sente-se com "mais consciência", consegue antecipar certas cenas. Lembra-se das entrevistas nas quais acabava com dor de cabeça. E agora se dá conta de que no fundo não tem que ver com Miguel ou com as filhas. Tem que ver com sua mãe. Começou a se incomodar com essa história de "pobre mamãe". Está tentando viver cada dia como se apresenta, em vez de ter um ideal de família ou um ideal de crenças e então tentar fazê-los se encaixar na vida cotidiana. Compartilharam férias com toda a família de Amparo e conseguiu observar "in situ" todas as dinâmicas que vínhamos nomeando durante nossos encontros. Olhou para si mesma e constatou que fazia grandes esforços para se acomodar ao papel historicamente designado de filha resolutiva. Pensamos na possibilidade de tirar férias com o marido e as filhas, em vez de todos ficarem submetidos às férias familiares nas quais o automático se põe em funcionamento.

As meninas estão começando a adaptação ao jardim da infância, então trazemos a voz dessas meninas e Amparo está mais receptiva. Aparecem constantemente as opiniões dos sogros, que consideram que as pequenas vão acabar sendo muito caprichosas se lhes dão "tantos" gostos. Nós colocamos na mesa a importância que Amparo dá a esse olhar de censura. Reconhece que, no seio de sua família, também deixava que lhe dissessem qualquer coisa a fim de "não ficar mal". Começamos a vislumbrar Amparo querendo tomar suas decisões, mas se debatendo em seu nicho: de um lado surge automaticamente a menininha que "faz tudo perfeito para não ser criticada"; de outro, sente-se presa a esse personagem e não gosta disso. Continuamos o trabalho em cima dessa pulsão, tentando ajudá-la a encontrar seu eu profundo, com seus cabelos ao vento e seus colares cada vez mais coloridos.

Houve períodos em que Amparo deixou de vir às consultas, e outros em que se organizava e voltava, mas logo se desorganizava de novo. Tomamos isso como bom sinal: ela, que fazia tudo perfeito, desta vez foi se permitindo certa elasticidade. Essa flexibilidade a deixou mais receptiva, e ela foi registrando algumas dinâmicas das quais havíamos falado no início, mas que muito recentemente ela "sentia interiormente". Por exemplo, em relação a sua mãe idealizada e abnegada cuidadora de tantos filhos, a quem não se pode pedir nada porque está sempre ocupada. Com muito choro e muita dor, Amparo vai organizando cada coisa em seu lugar.

Outra boa notícia é que Miguel aceitou um trabalho extra de professor de tênis. Vamos lembrar que o tênis era sua grande paixão, mas para não deixar Amparo zangada tinha deixado

essa atividade de lado. Desta vez Amparo aceitou. De qualquer forma, teve de fazer um grande esforço, pois uma coisa é afirmar "adoro que Miguel faça o que gosta" e outra muito diferente é suportar o fato de ficar sozinha até a meia-noite, três vezes por semana, com as meninas por sua conta. Mas conseguiu ir admitindo o que tolera ou não, e com conversas honestas foram encontrando juntos uma quantidade de horas de treinamento que Amparo possa suportar e sejam suficientes para Miguel.

A partir desse caso – com a hipótese colocada –, continuamos acompanhando o processo de Amparo, sempre com o objetivo de encurtar a distância entre seu personagem e ela mesma. Uma maneira fácil de fazê-lo é trazer a voz de suas duas filhas pequenas. Acontece que, agora mesmo, Amparo começa a registrar que Sofia não quer ir ao jardim da infância, passa mal, diz que a professora dá bronca. Amparo sabe que este ano ela caiu com uma professora bem rígida. Amparo reconhece que há alguns meses ela tinha "defendido" a professora. Agora... simplesmente consegue "sentir" o que a filha sente. Em pouco tempo, Amparo decide tirar as duas meninas dessa escola; deu-se conta de que ainda são muito pequenas e não têm nenhuma obrigação de frequentá-la. Decidiu organizar com elas algumas atividades durante a semana: ginástica artística e natação. E aos sábados vão a uma escola de música. Nem acredita que agora ninguém chora de manhã para se levantar, percebe que mantinha um nível de estresse alto, e que isso não fazia sentido. Ou melhor, o sentido era "alimentar o personagem da mãe que faz tudo bem-feito e leva suas filhas a um bom jardim da infância". Quando se "dá baixa" do personagem, a vida flui.

Definitivamente, uma vez que Amparo se compreende melhor, entende seus mecanismos de defesa e consegue entrar em contato com sua interioridade, é capaz tomar decisões coerentes consigo mesma. Por isso o marido, as filhas e o entorno geral acompanham sem traumas. Isto é, mais ou menos, acompanhar processos de questionamento pessoal.

7. O abuso sexual como sistema vincular

REFLEXÕES GERAIS SOBRE O ABUSO SEXUAL

É UM TEMA QUE NOS "acende": de tempos em tempos aparece alguma notícia impactante nos meios de comunicação e isso permite a toda a comunidade descarregar nossa fúria sobre o maldito estuprador e nos compadecer da vítima que foi abusada. Acho que não exagero ao afirmar que, diariamente, absolutamente todos os dias, há pelo menos uma notícia a respeito. E, conforme o assunto seja espetacular, haverá ainda mais comentários no rádio e na televisão. O que quero dizer é que se encontraram um estuprador de cem mulheres o fato será mais notícia do que se houve uma denúncia comum. Se um homem é professor e abusou de todas as crianças da sala, também. Todos nos horrorizamos com o horror e pronto.

Descrevi o complexo tema dos abusos sexuais em meu livro Adicciones y violencias invisibles, mas quero acrescentar algumas reflexões. Em primeiro lugar, o abuso sexual é algo intrínseco ao Patriarcado. Ou à "androcracia", se preferimos chamar assim. Que seja intrínseco significa que faz parte de uma lógica funcional e que então, em vez de nos horrorizarmos, temos de compreender antes de tudo qual é a função do abuso dentro de um sistema determinado para em seguida, talvez, fazer algo para modificar isso. Mas não podemos pretender que não haja abusos sexuais dentro da lógica da submissão de uns aos outros. Os homens submetem as mulheres; os adultos, as crianças; os fortes, os fracos etc.

Passamos vários séculos vivendo em sociedades baseadas no Princípio da Dominação – diferentemente das sociedades anteriores, baseadas no Princípio da Solidariedade –, nas quais toda ferramenta que permita submeter o outro é considerada valiosa: a pseudomoral religiosa que impõe o que é correto e o que não é, as guerras para conquistar territórios, o corpo das mulheres e das crianças como objetos de intercâmbio comercial, a escravidão, as possessões etc. A submissão pela força física do corpo de alguém mais fraco é parte de uma lógica mais ampla que, como tal, une a muitos, muitíssimos indivíduos – que se sentem em todo seu direito de exercer o controle e o poder sobre outros, porque isso é tudo que aprenderam quando crianças – e não fruto apenas da ação de um indivíduo louco ou desequilibrado, como transmitem os meios de comunicação quando há alguma notícia "colorida" que vende minutos ou páginas, aproveitando o estado patológico geral.

É importante saber que a grande maioria dos homens e mulheres na Sociedade Patriarcal foi abusada sexualmente na infância. E que hoje, quem é criança, está sofrendo abuso. Exagero? Adoraria que fosse exagero ou até um delírio da minha mente atormentada. Lamentavelmente, confesso que estou intoxicada de realidade. Tenho um sistema de supervisão de todos os profissionais que trabalham em minha instituição e por isso continuo tendo acesso à realidade emocional de centenas de pessoas que nos procuram, homens e mulheres, todos os dias. À medida que os anos passam vamos afinando e aprofundando nosso trabalho, e a prova é que as histórias de abuso, que permaneciam no esquecimento com a finalidade de proporcionar um equilíbrio frágil para que os indivíduos conseguissem viver dia após dia sem desmoronar,

surgem cada vez mais rápido. Compartilho com os leitores também que estamos cada vez mais treinados em "pescar" o fio por onde a sombra emerge. Por isso, se há alguns anos precisávamos de muitos encontros terapêuticos para desentranhar o abuso, hoje o "cheiramos" e procuramos ao menor indício. O mais triste é constatar que quanto mais pessoas atendemos, mais histórias de abuso continuam se acumulando. E quando acreditamos que já ouvimos as vivências mais assustadoras, sempre aparece outra mais cruel ainda, com o que não deixamos de aprender sobre os alcances do horror e ao mesmo tempo sobre a capacidade de sobrevivência do ser humano.

Saber que **o abuso sexual é comum e frequente** em nosso sistema patriarcal é um primeiro passo para não nos surpreendermos e para tentarmos compreender a realidade como é. Que não tenha acontecido pessoalmente conosco não significa que não seja um tema recorrente e, apesar disso, totalmente ignorado. Também é importante saber que um adulto abusador foi abusado quando criança, e que há homens e mulheres abusadores. Que um homem abuse dos meninos é tão, mas tão comum que se tivéssemos um verdadeiro mapa desenhado dos abusos no mundo ficaríamos pasmos. Que as mulheres abusem dos próprios filhos é menos comum, mas muito mais devastador. Estou a ponto de chegar a uma conclusão (quero ainda me dar alguns anos a mais de observação para ficar mais segura): estou constatando – sem exceções – que **quando a mãe abusa do próprio filho ou da própria filha eles enlouquecem**. Literalmente. Não acontece a mesma coisa com indivíduos abusados pelo pai, padrasto, tio, por irmãos mais velhos, pelo padre da paróquia ou por vizinhos. Mas se são abusados pela própria mãe uma desordem absoluta se produz na psique. Constatei isso em indivíduos diagnosticados com esquizofrenia. Sem exceções. E, constatei o mesmo em homens e mulheres sem qualquer diagnóstico, que pediram ajuda em minha instituição e com quem é impossível organizar o relato da biografia humana, porque por mais que a pessoa "pareça normal" se contradiz em suas respostas, se confunde, tem um pensamento totalmente desorganizado, mente ou se retrata do que disse. Então focamos direto no abuso materno... e até agora, na totalidade dos casos, constatamos isso. Isso me surpreendeu muitíssimo, pois há alguns anos, quando as pessoas se apresentavam com níveis de confusão mental altos demais, eu dizia que não era possível fazer nosso trabalho de organização da biografia humana com elas. Pedíamos desculpas a esses indivíduos encaminhando-os a outros lugares, geralmente para terapias corporais nas quais a "memória" do corpo podia funcionar no ponto em que a mente se confundia. Mas agora suspeitamos na hora de **abuso materno**, abordamos o assunto... e chegamos direto ao ponto. Sem dúvida, uma vez que **nomeamos o abuso**, o indivíduo que nos consulta de imediato o reconhece, se lembra dele. Ajudamo-lo a colocar em palavras e ele vai montando um quebra-cabeças a uma velocidade impressionante. E o mais incrível disso tudo é que, falando e nomeando o abuso, o indivíduo deixa de parecer louco. Ou seja, pode tentar organizar suas ideias ou desejos, embora a dor seja incomensurável.

Para abordar a dimensão do abuso do adulto em relação à criança, é necessário compreender que a criança é dependente do cuidado dos maiores**. A criança procura amor. Mas encontra abuso**. Muito bem, se o adulto que cuida dele é – em seu interior – uma criança que por sua vez sofreu desamparo em qualquer de suas formas, não tem condições emocionais suficientes para

amar outro, só pode "se alimentar do outro", porque – justamente – está faminto. O adulto (suponhamos o pai) provém seguramente de uma infância assustadora – apesar de talvez não saber disso. É possível que se lembre de que seu próprio pai era bêbado, mas também justificará a mãe, que se sacrificou por ele e todos os etceteras.

Para mim é importante destacar que pode haver lembranças difíceis da infância do indivíduo, mas ao mesmo tempo pode não existir registro do nível de desamparo que viveu e que ainda arrasta consigo. Esse homem se torna adulto, se torna pai, e continua tão necessitado de amor como quando era uma criança indefesa. Então aparece em cena seu próprio filho, terno, encantador, suave, amoroso e desprotegido. De um lado, o pai sente atração, porque seu filho se parece muito com ele. De outro está convencido de que agora chegou sua hora de se vingar. Mantém um menosprezo absoluto por todos aqueles que são mais frágeis – porque aprendeu muito cedo que tudo que lembra a fraqueza é desprezível – e, portanto, se dá o direito de fazer com essa criança o que lhe apraz. Agir a favor de sua necessidade de ser satisfeito não lhe parece algo ruim. Simplesmente considera que assim é "a ordem sagrada". Porque sua realidade sempre funcionou de modo semelhante: quando ele era criança foi desprezado pelos adultos; agora que é adulto merece viver sua revanche. Nesse sentido, um adulto que abusa de uma criança a quem ao mesmo tempo ama não percebe que algo está errado. Não há moral externa que possa fazer algo a esse respeito, pois o que poderíamos chamar de "moral interna" respeita a lógica da experiência real do indivíduo. O abusador apenas sente que tudo está em ordem. Ou seja, que o modo como viveu no passado – em um sistema de dominação – agora é perpetuado por ele seguindo exatamente as mesmas leis. E não pode haver nada de errado nisso. Insisto que, para compreender a dimensão do abuso, necessitamos – em primeiro lugar – observá-lo do ponto de vista global, ou seja, da lógica de um sistema no qual todos convivemos, que confere legitimidade à dominação. Em segundo lugar, precisamos compreender a lógica emocional do indivíduo que abusa, em vez de ignorá-lo e tratá-lo como inapto social, porque então seremos capazes de abordar com seriedade a vivência da vítima, que hoje temos à nossa frente transformada em um adulto que quer compreender melhor a si mesmo.

Do ponto de vista do abusador necessitado de carinho e satisfações primárias, é importante saber que esse adulto se apaixona por uma criança real, sozinha e desprovida de cuidados maternos. De uma criança que procura amor e efetivamente **o encontra, mas dentro do abuso. O adulto não acredita estar causando dano. Enquanto se nutre do corpo da criança**, se torna por um instante o bebê necessitado que foi, sugando por fim o leite morno de sua mãe. E não sente que há nenhum mal nisso. Não registra, escuta nem reconhece qualquer queixa ou dor na criança. Como um bebê de colo que só está atento à própria satisfação. Ao mesmo tempo, enche a criança abusada de carinho, de presentes, de promessas, e, sobretudo, oferece a ela o extraordinário presente de ser a criança escolhida e privilegiada dentro do desejo de alguém neste mundo. Diante da carência amorosa da qual essa criança provém, qualquer coisa que consiga, mesmo ilusória, é uma torrente de água cristalina em meio ao seu deserto emocional.

Por esse motivo, o abuso sexual pode perdurar por anos. O adulto (na realidade a criancinha no corpo de uma pessoa grande) satisfaz suas necessidades primárias inconscientes. A criança, por sua vez, acredita que obtém amor, ou pelo menos é o único lugar no qual obtém algo que

acredita parecer-se bastante com o amor. O que nenhum dos dois sabe é que estão enganados: o adulto não conseguirá satisfazer suas necessidades passadas mesmo que destrua o corpo da criança escolhida. A criança não obterá amor ainda que entregue sua integridade em meio ao desespero para obter cuidados. A confirmação de que isso funciona assim é que os abusos sexuais contra as crianças acontecem "intramuros", ou seja, no interior do lar; e são levados a cabo por pessoas que têm um vínculo afetivo com a criança em questão: normalmente pais, padrastos, irmãos, primos ou tios. Lamentavelmente, muitas vezes os abusos que se perpetuam no tempo são executados pelos professores ou sacerdotes amados, que ainda por cima carregam consigo o poder de nossos segredos mais íntimos e recônditos.

Vale esclarecer que não há grandes diferenças entre meninas e meninos abusados. Refiro-me ao fato de que não há maioria de abusos infantis de um sexo em detrimento de outro. A preferência por um sexo ou por outro não conta, como não conta para um bebê necessitado de leite materno e de abraços outra coisa além de preencher sua própria escassez. O que fica mais difícil de abordar dentro dessa dolorosa realidade é que o adulto não reconhece que fez algo de ruim à criança, porque essa criança é amada. Além disso, os abusos acontecem dentro de famílias ou instituições nas quais sempre há outros indivíduos necessitados de se salvar antes. Se quem ficou enredada foi a criança, porque não correu rápido o suficiente, pois bem, é problema dela. Todos os demais fazem ouvidos moucos, porque conseguem vantagens se a vítima é outra.

Do ponto de vista da criança, ela não consegue compreender o que acontece: não há palavras que descrevam a dor, o pranto, o medo, a tortura e a confusão de algo que acontece, mas que paralelamente não existe no mundo. E que ao mesmo tempo vem mesclado com o amor, a confiança e o segredo imposto pelo adulto abusador. A fé, a entrega, o respeito e a lealdade que as crianças têm em relação a seus respectivos abusadores só são compreensíveis se levarmos em conta que dependem emocionalmente deles, e que se falharem com eles perderiam a presença incondicional do único ser que têm no mundo, que é esse adulto que sempre as leva em consideração.

Pouquíssimas crianças tentam contar a alguém o que se passa. Esse fato confirma que não há ninguém em quem confiar, que estão desamparadas e sós. Nos casos em que alguém – às vezes externo ao lar materno-paterno – denuncia o fato, os pais costumam cerrar fileiras e zangar-se com o menino ou menina que "procurou encrenca". Então a criança fica ainda mais sozinha, confirmando mais uma vez que esse espaço de abuso seja possivelmente o melhor que pode conseguir, e portanto se acomoda como pode. Como "isso que acontece com ela" é impossível de traduzir, a consciência nega, relega à sombra. Ou seja, **não restam lembranças conscientes do abuso**, porque esse fato **não é nomeado** por ninguém. Por isso, quando essa criança se torna adulta, não só não se lembra como também não conta com palavras concretas para descrever sensações que aparecem sempre sem forma e fora de contexto.

Há algo mais que é importante saber: o abuso sexual faz parte de uma dinâmica mais global. Ou seja, sempre se encaixa em uma **dinâmica familiar** de abusos, dominação, desprezo, mentiras, segredos, vinganças e batalhas históricas. Portanto, é bom saber que, no panorama geral, nosso consultante não foi a única criança abusada na família. Normalmente todo aquele

que é fraco entra no sistema como dominado. Por isso, é frequente que, se uma criança foi abusada por seu padrasto, por exemplo, todos os irmãos tenham tido o mesmo destino. Esta costuma ser uma grande novidade para quem nos consulta, já que obviamente guardou "isso" como o maior de seus segredos, algo de que se lembra vagamente. O mesmo aconteceu com cada um de seus irmãos ou irmãs. Nenhum sabe nada sobre o outro. Por isso, no transcurso da organização da biografia humana, pode ser muito revelador "compartilhar" pela primeira vez com os irmãos o que aconteceu e comprovar que alguns desmoronam, outros tentam negar, outros enfim encontram alívio e cumplicidade. O que me parece importante expressar é que o terapeuta tem de saber de antemão como é a lógica geral nos sistemas de abuso, para "informar" a pessoa sobre algo que ainda não sabe e assim abrir o campo de observação para ajudar a uma melhor compreensão do mapa global.

Há algo mais nessa dinâmica do abuso que é uma expressão confiável da lógica da dominação: o **desejo do outro não tem espaço**. Isso também é algo "mamado" desde a primeira infância, tão "normal", tão óbvio, que simplesmente se age com descaramento total. Depois do sofrimento de não termos sido escutados por ninguém por longos anos, nós crescemos. E então estamos em condições de proclamar que só o nosso desejo será colocado em jogo, perpetuando dessa maneira um sistema no qual meu desejo prevalece sobre o do outro – e, se ele não gostar, que espere e cresça, para assim poder dominar alguém mais fraco quando chegar a sua vez.

As histórias de abuso sexual se perpetuam ao longo de toda a infância. Pessoalmente, considero que **a pouca atenção** que os pais dão ao assunto é ainda mais devastadora do que o abuso em si. E, por mais que pareça muito duro o que quero explicar, o abuso necessita indefectivelmente do **aval da mãe**. Sim, a mãe abusada, humilhada, submissa e desamparada historicamente necessita se salvar e para isso entrega seu(sua) filho(a). **Não há abuso possível de um filho ou filha sem o consentimento da mãe**. Lamentavelmente, os adultos logo conseguem constatar isso, quando crescemos e temos mais força para suportar.

ISABELA, EM BUSCA DE SEU FEMININO INTERNO

Isabela tem 44 anos e nos consulta porque passou por muitos tratamentos de fertilidade sem resultados positivos. Isso gerou uma grave crise conjugal, e ela pede nossa ajuda. Alega que gostaria de poder conversar melhor com o marido para que ele a acompanhasse com mais disposição aos inúmeros exames, análises e intervenções.

É uma mulher muito atraente, de olhos verdes, muito bem vestida. Parece uma boneca, em parte porque é linda demais e em parte por sua dureza corporal e seu olhar gélido. Explicamos a ela de que se trata o trabalho de organização da biografia humana e ela concorda sem ressalvas.

Isabela vem de uma estrutura familiar muito humilde do interior do país. Tem avós policiais, violentos, machistas, uma família muito numerosa, com alcoólatras e histórias típicas de pobreza e desenraizamento emocional. O pai de Isabela não foi à escola, trabalhou desde os 6 anos. Casou-se com a mãe de Isabela – também de um extrato muito humilde – e tiveram oito filhos. Isabela é a quinta (até esse momento, todas mulheres; depois de Isabela nascem três homens).

Perguntamos sobre lembranças em relação à sua mãe. Isabela conta que "sempre estava atenta para que comêssemos e estivéssemos limpos". O pai era pedreiro, de nível econômico e cultural muito baixo. Viviam em um bairro de operários. Fica claro para nós que o valor desses pais estava em poder comer e estar limpos – o que já era um avanço muito importante em relação à própria infância –, portanto nomeamos que não havia espaço para imaginar "algo mais", como o carinho, as palavras ou a compreensão dos processos internos.

O pai era temido. Quando voltava para casa depois do trabalho, voavam tapas em todos, sem discriminação. Se algum dos filhos desobedecia ou fazia algo errado, todos os irmãos apanhavam. "Sua mãe fazia algo a respeito?" "Não, não podia." Pedimos a ela que conte algumas cenas e, na verdade, são todas de arrepiar. Isabela descreve com riqueza de detalhes como o pai afiava suas ferramentas para açoitá-los, como se esmerava com a ponta dos ferros e como deixava marcas na pele deles. Narra sem sinais de comoção nem de angústia. A profissional a faz notar que a pele em que essas pontas cravavam era dela. "Sim, todos levávamos do mesmo jeito." Mostramos que ela se defende atrás do escudo de um "todos" indiferenciado e estamos tentando individualizar essa menina espancada. Não entende. A profissional se mostra visivelmente emocionada... mas ela também não entende. Dizemos que parece que lhe cresceu uma pele de crocodilo. Continua sem entender o que queremos transmitir.

Prosseguimos perguntando sobre as rotinas cotidianas durante sua infância: não foram ao jardim de infância. Não se relacionavam com vizinhos nem com outros familiares. O pai os mantinha fechados em casa. Não havia férias nem saídas de qualquer tipo. Doenças? Não se lembra. Já temos um primeiro panorama desolador. Perguntamos sobre as relações com todos os seus irmãos. Lembra-se de brincar sempre sozinha com suas bonecas. Bonecas? Não eram muito pobres? Sim, mas havia um tio por parte de mãe que sempre levava bonecas para ela. "Só para você?" "Sim."

Muito bem. Se somos profissionais treinados, **já sabemos que o abuso sexual** esteve presente. Em primeiro lugar, pelo nível de violência ativa somada ao desamparo reinante. E em segundo lugar porque, a partir desse desamparo, Isabela vai buscar refúgio em um homem, que provém do mesmo circuito de toda a sua família e obviamente vai se nutrir dessa menina. Portanto, vamos formular perguntas diretas nesse sentido: "Esse tio alguma vez tocou você, fez algo estranho, você mantinha algum segredo com ele, trocaram favores?" O rosto de Isabela se transforma, mas não cai uma só lágrima. Fica perturbada, mas tenta não ser notada. "Nunca contei isso a ninguém." Imediatamente depois dessa **habilitação** da terapeuta, relata uma série de atrocidades. Abusos não só por parte desse tio materno que lhe trazia bonecas, mas também por parte do avô paterno. Ouvimos o que ela diz e também abrimos a possibilidade de que possa haver uma lista mais extensa de homens de sua família que se deram o direito de dispor livremente do corpo de Isabela, e seguramente de suas irmãs e irmãos também.

Para surpresa da terapeuta, Isabela não parecia estar comovida. Estava acostumada a viver com sua pele de crocodilo. De qualquer forma, explicamos a ela, em termos gerais, a dinâmica do abuso e a necessária entrega da mãe, a quem corresponde a função de proteger e amparar os filhos. Embora a realidade emocional da mãe de Isabela tenha sido ainda mais devastadora,

neste momento estamos tentando vislumbrar Isabela-criança. Esclarecemos brevemente como funciona a dinâmica do esquecimento da consciência, o que explica que dificilmente possamos abordar a dimensão dos abusos sofridos. Portanto, teremos de supor – sem saber detalhes – que ela foi uma criança espancada, humilhada, abusada sexualmente, sendo esse o preço que teve de pagar para obter migalhas de amor. Isabela parece compreender mentalmente, mas se mantém afastada sentimentalmente.

De repente irrompe seu marido na entrevista, e o deixamos entrar. É mais jovem, tem 35 anos, cabelos compridos, vem de moto, trajando roupas de couro. À primeira vista, parece não ter nada que ver com Isabela. Perguntamos a eles se querem continuar a entrevista juntos. Ambos aceitam. Ramiro supõe que esta é mais uma consulta sobre a infertilidade do casal. Explicamos brevemente do que estamos falando e aproveitamos para repassar o que tínhamos visto em relação à infância de Isabela: desamparo, violência, abusos sexuais, esquecimento da consciência e pele de crocodilo para sobreviver. Ramiro parece não se abalar, coisa que deixa a terapeuta perplexa. De qualquer forma, decidimos continuar.

Aos 13 anos, Isabela decide deixar a escola, já que aparentemente o pai disse que não ia mais mantê-la. Escolhe trabalhar porque quer ter seu dinheiro. "Comecei a trabalhar e a dispor do meu dinheiro. Minhas irmãs mais velhas, por sua vez, ficaram tendo filhos e não fizeram nada." Compara-se com as irmãs, considera que elas desperdiçaram a vida e são "um desastre". Ela se concentrou no trabalho e sente-se orgulhosa de todas as suas conquistas materiais. Desde muito jovem trabalhou em produtoras de televisão, até chegar a postos de relativa importância. Respondemos a ela que ainda não sabemos se é discurso paterno, materno ou próprio, mas em seu interior... ter filhos é "ser um desastre". Depois retomaremos esse conceito interno, quando for a hora de abordar sua aparente infertilidade.

Tentamos seguir uma linha cronológica... e até chegar à primeira produtora de televisão Isabela passou por trabalhos muito menos glamorosos, nos quais obviamente sofreu abusos sexuais por parte de diferentes patrões. Mas isso fazia parte de sua realidade, ou seja, era "o normal". Várias de suas irmãs ficaram grávidas dos namorados entre os 16 e os 18 anos. O pai adverte Isabela que se ficasse grávida ia fazer "voar seus miolos". Explicamos a ela que, embora seu pai de fato tenha proferido essa frase e muitas mais, Isabela decidiu muito cedo não se tornar "um desastre que tem filhos" e dedicar-se a trabalhar, ser autônoma e independente.

Aos 18 anos começa a trabalhar na primeira produtora de televisão. Perguntamos a ela sobre namorados nesse período, e responde segura de si mesma que não lhe interessavam e que tinha muito medo de ter um namorado e ficar grávida. Claro, respondemos, as que ficam grávidas são as idiotas das suas irmãs. Para finalizar o primeiro encontro, fazemos um resumo do que foi visto, deixamos claro que Isabela se refugia em seu trabalho e em sua incipiente independência econômica. Ramiro parece aliviado por ter terminado esse trâmite, e propomos que conversem se de fato consideram importante que Ramiro volte a esse espaço, pois se não há um desejo e um interesse genuíno dele não há necessidade.

No encontro seguinte – ao qual ela aparece só –, retomamos brevemente sua identidade colocada no progresso econômico e na polarização em relação às irmãs, que engravidam, têm filhos e desperdiçam a vida. Isabela concorda e diz, com muito orgulho, que conseguiu comprar

a casa em que os pais atualmente moram, em um bairro melhor e sobretudo "seguro", dando a entender que o bairro da infância era "inseguro". Apesar de isso sem dúvida ser verdade, dizemos a ela que o mais perigoso estava dentro da própria casa, não na vizinhança, mas por ora Isabela não entende. Deve ser sua pele de crocodilo que não a permite "sentir" esse drama.

Isabela insiste que as irmãs têm vidas horríveis, algumas delas continuam passando necessidades econômicas, têm maridos que batem nelas e elas batem nos filhos. À medida que Isabela ascendeu economicamente, foi dando dinheiro para cada um dos irmãos e irmãs. Vários deles moram na casa dos pais, alguns a poucos metros dali. Definitivamente, há muitos sobrinhos dando voltas no mesmo espaço, a violência ativa é moeda corrente e todos gritam, se insultam, se batem e se ameaçam.

Tentamos regressar à nossa cronologia: consegue finalmente um namorado, um rapaz com quem convive dos 22 aos 42 anos. Ou seja, por 20 anos. Até ontem praticamente, já que Isabela hoje tem 44. Sergio era um amigo histórico do bairro, conhecido de toda a família. Também foi um menino vítima de violência ativa em seu lar. Perguntamos se Sergio sofreu abusos sexuais e Isabela não sabe. Sergio é um trabalhador nato. Pintor, trabalha para a mesma construtora há muitos anos, sendo praticamente o "braço direito" do dono da empresa. Fazendo muitas perguntas – já que em relação a esse casal tão importante as respostas de Isabela se limitam a "sim" ou "não" –, conseguimos identificar que Isabela e Sergio se unem no sacrifício, com o valor colocado no trabalho e em um profundo desejo de prosperidade econômica, somado ao projeto de ter uma casa própria. Ambos trabalham muitas horas por dia com o objetivo de juntar dinheiro para comprar primeiro um terreno e então construir uma casa. Com Sergio ela tem suas primeiras relações sexuais consentidas. Não consegue contar grande coisa sobre essas experiências. Nós dizemos a ela que possivelmente se sentiam mais como irmãos do que como casal, unidos por um projeto comum. Não aparece um desejo sexual genuíno, mas um apoio mútuo para chegar a um objetivo compartilhado. Quando Isabela tinha 28 anos, eles já tinham juntado dinheiro suficiente para comprar o terreno com que sonhavam. Um ano depois já tinham conseguido construir parte da casa, e começaram a habitá-la. Ambos continuam trabalhando muito. Tentamos perguntar que outros aspectos uniam ou impulsionavam esse casal, mas nada aparece. O desejo de um filho também não. Só o firme desejo de ascensão econômica os manteve unidos.

A questão é que, apesar de muitas perguntas, as mais variadas, sobre esses 20 anos de casamento, não aparece nada que valha a pena destacar. Isso nos chama a atenção, pois Isabela é uma mulher forte, decidida, empreendedora, corajosa... ainda que pareça desenvolver todas essas qualidades em seu ambiente de trabalho. Dizemos a ela algo sobre tudo isso: que o casamento deve ter sido uma grande companhia para conquistar suas metas. Concorda. Descreve Sergio como um homem de gelo, que nunca perguntava como ela estava. Perguntamos a Isabela se ela perguntava a Sergio como ele estava. Não. Então temos duas pessoas de gelo convivendo. Ri nervosamente e aceita a ideia. Insistindo mais, aparecem muitas brigas com Sergio nos últimos anos de casamento. Isabela reclamava que trabalhava mais, colocava mais dinheiro, não descansava nunca etc. Finalmente, conseguimos armar um esquema desses anos: o trabalho na produtora de televisão abre não só possibilidades econômicas mas também muita circulação

social para Isabela. E Sergio não a acompanhava nesse circuito. Era um homem mais tímido, de poucas palavras, rude e seco. Isabela começa a ter muitos amigos externos ao casal. Por que o casamento termina? Porque conhece Ramiro, que trabalha em publicidade. Com Ramiro começa outra etapa. Em primeiro lugar, a atração sexual se apresenta. Com 42 anos, tem a sensação de querer se inundar de felicidade. Decide abandonar Sergio. Qual foi a reação dele? Nenhuma, como sempre. "Me disse que fizesse o que achasse melhor para mim." Confirmamos que funcionavam como irmãos e havia muito tempo tinham realizado o propósito que os mantinha unidos. Simplesmente Isabela saiu de casa. Alguns assuntos econômicos ficaram pendentes, já que ambos eram proprietários da casa em comum.

Ramiro é de classe média. Mais refinado. Sentem muita atração um pelo outro. Em poucos meses vão morar juntos, alugam um pequeno apartamento. Ramiro é mais instável profissionalmente, e não se importa. Tem pais que o respaldam quando precisa. A novidade é que mal começaram a ficar juntos, Isabela ficou obcecada pelo desejo de ter um filho. Como já estava no limite devido a sua idade, começaram a tentar quase imediatamente. Depois de poucos meses, como não engravidou, começaram as consultas médicas e rapidamente lhes propuseram diversas técnicas de fertilização assistida. Temos a sensação de que tudo se precipita, então decidimos deixar a abordagem do momento atual para o próximo encontro.

No terceiro encontro, Isabela se apresenta ansiosa e verborrágica, quer falar só de seu problema de fertilização, mas nós tratamos de colocar cada coisa em seu lugar. Não temos claro ainda qual é o papel de Ramiro, mais jovem e aparentemente mais ingênuo, nisso tudo. Perguntando alguns detalhes sobre sua história, ficamos sabendo que, quando Ramiro e Isabela se conheceram, ele tinha acabado de terminar uma relação amorosa com uma mulher com quem perdeu um bebê recém-nascido. Compreendemos então que ele também está ansioso para reparar essa perda com Isabela. Ramiro traz certo "glamour" para Isabela, jantares em restaurantes, passeios de moto, feriados na praia e um ambiente de amigos de classes mais altas. Têm um ótimo sexo e estão concentrados em engravidar. Ambos estão dispostos a embarcar nos tratamentos de fertilização assistida que Ramiro banca financeiramente.

Depois de um ano e várias tentativas frustradas, o casal se desestrutura. A disponibilidade de dinheiro diminui, assim como o entusiasmo. Começam as brigas – consideremos que a briga é a moeda de troca aprendida por Isabela durante a infância, portanto deve ser sua reação automática diante das dificuldades – e se vislumbra que os acordos do casal eram débeis: bom sexo e desejos de ter um filho. O filho não chega e o sexo esfria. Mostramos a ela esse panorama... que não é muito alentador para encarar as fertilizações assistidas, já que habitualmente são bastante difíceis de atravessar e exigem muita maturidade, companhia, compreensão e paciência. Isabela reconhece e "diz" estar triste, mas não manifesta seu pesar nem se "desarma"; ao contrário, mantém sua aparência de cristal.

Parece oportuno voltar a fazer uma pequena revisão do que vimos de sua biografia humana: desamparo atroz e abusos durante a infância, refúgio no trabalho, superficialidade nos vínculos e metas objetivas que não passam pela peneira de sua natureza emocional. A obsessão por engravidar parece desconectada do resto de sua realidade interna. Concorda, afirmando que é "assim mesmo" que ela se sente: se não trabalha, "morre". Mesmo assim, se reconhece em sua

“pele de crocodilo”, que em qualquer circunstância ela reage subestimando o que acontece. Continuamos olhando juntas o panorama existente até agora: com Ramiro, tem a fantasia de salvar-se para sempre, fazendo parte de um nível social e econômico mais alto. E, com um filho em comum, o conto de fadas estaria completo. Pela primeira vez, o rosto de Isabela se transforma. “Sim, sim, é assim”, consegue responder. “Não quero mais sofrer, quero ser a princesa de um homem que cuide de mim. Ramiro é muito mais jovem que eu, se eu não tiver um filho vou perdê-lo”. Os olhos umedecem, mas ela enxuga rapidamente qualquer indício de fragilidade.

A partir desse ponto, Isabela conta com detalhes os sofrimentos a que se submeteu devido às muitas fertilizações assistidas que realizou. Todos sabemos como esses procedimentos podem ser cruéis para o corpo, já que é preciso suportar grandes desequilíbrios hormonais. E para enfrentá-los exige-se uma convicção clara e certa maturidade emocional que compense os desajustes físicos permanentes. Assim, nos encontros seguintes nos dedicamos a abordar em profundidade o complexo assunto das fertilizações, que foram deixando evidente que os acordos de casal com Ramiro eram nulos, que já sequer mantinham relações sexuais, que a raiva de um pelo outro era permanente, sendo a briga o último bastião de aproximação que os unia. Um cenário complicado. Mais uma vez, voltamos a olhar o “quadro completo”: sua história repleta de sofrimentos e sua maneira de se defender. Ela de repente quer um filho porque sim, Ramiro também quer um filho para compensar a perda de outro, unem-se com esse objetivo. O objetivo falha. A pergunta é: até onde querem ir, se é que querem ir a algum lugar? Por que em vez de ficarem obcecados com mais e mais tratamentos caros de todo tipo, não paramos essa corrida e pensamos no que é que cada um quer fazer da vida? Pelo menos propomos que seria razoável parar, pensar e voltar a focar em algo com mais clareza. Isabela concorda. Dessa forma continuamos entrando nesse tema complexo até descobrir que Ramiro não estava mais dando dinheiro para as fertilizações, e que as duas últimas foram sustentadas por Isabela sozinha, de todos os pontos de vista.

Mostramos essa realidade a Isabela (com frequência, uma situação que pode ser evidente para a profissional que atende pode ficar “velada” para o indivíduo que desempenha a cena) e dizemos que ela tem o direito de se submeter a todas as fertilizações que quiser, ter dez filhos, adotar crianças, enfim, é livre para fazer o que lhe der na veneta. Nossa tarefa é mostrar “o que existe”, em um cenário o mais completo possível, para que o indivíduo seja capaz de tomar decisões mais conscientes, ou, pelo menos, não tão “cegas”. É importante esclarecer que nossa tarefa não é emitir juízos sobre absolutamente nada, nem ter posições tomadas sobre qualquer aspecto da vida humana. Nesse caso, que Isabela continue fazendo fertilizações, com ou sem o aval de seu parceiro, é assunto dela. Nós nos dedicamos seriamente a mostrar dinâmicas vinculares globais, para que cada indivíduo possa olhar a si mesmo funcionando dentro desse cenário. Isso é tudo, nem mais nem menos.

À medida que mostramos com mais clareza o que acontece, Isabela se enfurece e repete que ela quer ter um filho com Ramiro. Respondemos que ela insiste em se acreditar a Cinderela segundo sua fantasia, mas que há algum tempo a carruagem virou abóbora. Isabela desmorona. “É verdade.” E então um longo silêncio. “Então o que tenho de fazer?”, pergunta com desespero.

Nós não sabemos. Mas podemos olhar juntas para o cenário. É a primeira vez que vemos Isabela fora de órbita, com os olhos chorosos e a ponto de explodir de raiva. Deixamos que ela se vá assegurando de que estamos ali para acompanhá-la no que decidir, mas zelando pela verdade, que nunca é mais dolorosa do que o que tentamos esconder.

Passaram-se dois meses até que Isabela voltasse para a consulta. Adiantou-nos que estava mais tranquila com Ramiro e haviam suspendido todos os procedimentos para uma nova fertilização. Os níveis hormonais não estavam bons, e o médico lhes recomendou esperar seis meses. Isso desanuviou um pouco o clima e ambos se sentiram aliviados. Conta que está preocupada com sua mãe, que teve um pico de pressão e precisou ser internada. Além disso, cabe a Isabela comprar a comida, levar para a mãe e adquirir os medicamentos, já que nessa família a única que tem condições econômicas é ela. A novidade é que ela relembrou seu "mapa familiar" e fez o esforço de olhar seu pai, sua mãe, seus irmãos, cunhados e sobrinhos e não gostou do que viu. A mesma dinâmica de sua infância, o mesmo descrédito entre eles, e ela como único sustento econômico desse circuito. Ligou para Ramiro pedindo sua ajuda, mas ele não foi. Voltou para casa depois de ter passado um dia envenenado pelos problemas de saúde de sua mãe, mas Ramiro estava ensimesmado diante do computador e sequer perguntou como ela estava. Isabela quer começar a se queixar de Ramiro, mas não deixamos: simplesmente mostramos o mapa, o tipo de casamento e os acordos tácitos. Até agora, nunca vislumbramos que houvesse acordos de proteção, cuidado ou comunicação no casal, portanto não há espaço para queixas. Ela insiste em reclamar de Ramiro. Explicamos com paciência que não faz sentido. Que, se voltou para as consultas, só nos importa constatar se conseguiu pensar em algo diferente, observar algo diferente... do contrário, podemos deixar passar um tempo até nos encontrarmos novamente.

Ela então conta que tentou conversar com Ramiro. Com meias palavras, disse que em algum lugar sentia uma rejeição em relação a ele, ou atração e ao mesmo tempo rejeição. Respondemos que é compreensível, sobretudo se levarmos em conta sua couraça de gelo para não sentir. "Sim", continua Isabela, "nunca pensei que 'isso' ia me afetar assim. Por isso quis esquecer".

— A que você se refere quando diz "isso"?

— Ao que me aconteceu.

— Aos abusos sexuais?

— Sim.

— Você não consegue dizer?

— Não.

— Então eu vou dar o nome. Abuso sexual. Esse é o nome.

Isabela suspira. Em algum momento falou de passagem sobre isso com Ramiro, mas acreditou que ele não é capaz nem de imaginar a dimensão do que aconteceu com ela durante a infância. Então, pede para fazer uma pausa e voltar um mês depois.

Efetivamente, um mês depois recebemos Isabela. Entra no cômodo ansiosa, avisando que tem muito a organizar em sua cabeça, mas tem a certeza interior de que algo está começando a entrar em ordem, e sente que isso é bom: decidiu se reunir com as quatro irmãs. Contou a elas que

tinha começado um processo terapêutico e que havia uma coisa que não podia continuar escondendo. Em seguida contou sobre os abusos sexuais sofridos durante sua infância. Conseguiu falar assim, nomeando palavra por palavra. Pouco a pouco, cada uma das irmãs começa a falar. Obviamente, todas elas passaram pelas mesmas experiências, algumas inclusive mais atrozes, especialmente a mais velha. Nenhuma delas nunca tinha compartilhado isso com ninguém. Ouviram-se atentamente, enquanto cada uma ia acrescentando detalhes de sua própria experiência. O avô paterno foi protagonista em todos os casos. O pai, em alguns. O tio paterno se aproveitou especialmente da mais velha, trazendo inclusive outro homem, vizinho da família, durante anos intermináveis. Essa irmã mais velha foi quem contou com mais crueza seus sofrimentos. Isabela chorava enquanto contava. Pela primeira vez, chorava. Não só seus olhos choravam, mas também sua alma. Aparentemente conversaram durante horas, as cinco irmãs abraçadas. Um dos maridos chegou à casa, ouviu o choro de todas essas mulheres e foi abraçar sua mulher, sem saber ainda o que estava acontecendo. Alguns sobrinhos, também sem saber o que ocorria, levavam água fresca e doces. A irmã logo acima de Isabela contou também que pediu ajuda à mãe durante anos, mas mamãe invariavelmente a tratou como mentirosa. Era a confirmação da entrega, necessária em toda situação de abuso. Isabela continuava chorando e a terapeuta acompanhava amorosamente esse choro verdadeiro, conectado e saudável.

Depois de mais de uma hora drenando o relato e o pranto, a terapeuta diz que se sente incrivelmente orgulhosa de Isabela. Tinha ativado um movimento que desbloqueava energias antigas e paralisantes em toda a sua família. Estava abrindo a porta da sombra familiar e todos se beneficiariam disso. Efetivamente, entre elas surgiam mais lembranças; por exemplo, a irmã que tentava pedir ajuda desesperadamente à mãe foi mandada a uma escola diferente porque as professoras disseram à mãe que não se concentrava e não ia conseguir aprender. Na hora Isabela conseguiu fazer associações e dizer carinhosamente a essa irmã que agora se dava conta de que esses supostos problemas de aprendizagem eram produto do caos psíquico que essas meninas viviam. A terapeuta não conseguia acreditar que Isabela tivesse feito um movimento dessa magnitude tão rapidamente, comprometendo-se para então permitir que suas quatro irmãs se comprometessem sem negar, nem se esconder, nem brigar, nem ameaçar, nem chamar ninguém de louca. Coisa que poderia ter acontecido.

Aproveitamos esse acontecimento tão revelador e corajoso para explicar algo mais sobre os mecanismos familiares violentos, as vantagens de chamar alguém de demente ou deficiente mental, e o propósito de dividir para governar. Rapidamente Isabela delimitava com histórias que confirmavam a entrega da mãe e o sistema de abuso generalizado. Isabela também foi dizendo, sozinha, que sentia que já era tempo de "soltar" sua mãe, deixar de cuidar dela em todos os aspectos, amá-la sem ter de encarregar-se dela. E assim talvez pudesse chegar a percorrer um caminho saudável para algum dia tornar-se ela mesma mãe. Sugerimos que tentasse voltar a se encontrar com as irmãs periodicamente, que havia muito a compartilhar, curar e superar.

No encontro seguinte, aprofundamos a possibilidade de promover reuniões com os irmãos homens para continuar colocando peças no quebra-cabeças. Estava em seus planos, mas ela queria se dar um pouco mais de tempo e reflexão. Tudo isso lhe consumia muito energia e

terminava seus dias literalmente esgotada. Isabela veio com a decisão de se despedir da terapeuta sabendo que tinha muito trabalho pela frente, e queria fazê-lo em seu ritmo. Sem dúvida, a estimulamos a usar esse espaço quando e como quisesse. Mas, antes de fazer um resumo de tudo que tinha sido trabalhado, contou que se reuniu com um irmão, o que vem depois dela em ordem de idade, que é policial. Contou a ele com detalhes não só os abusos sofridos por ela como também o que sabia das experiências de suas irmãs. Parece que o irmão ficou com o rosto desfigurado e gritou: "Eu sou policial e passo a vida defendendo outras pessoas, mas não fui capaz de defender vocês!"

Imediatamente depois o irmão foi chamado à delegacia. Ele então foi cumprir sua tarefa e quando chegou ao local do fato viu que se tratava de uma menina que tinha sido violentada. O irmão não conseguiu reagir; desmaiou e, quando se recuperou, começou a vomitar. Seus colegas não entendiam o que estava acontecendo. Isabela não conseguiu retomar essa conversa com o irmão, mas as portas ficaram abertas.

A terapeuta tocou suavemente em Isabela, explicou a ela que esse irmão também tinha sido selvagemente violentado quando criança, tendo as palavras de Isabela lhe trazido à consciência muitas lembranças relegadas à sombra. Foi isso que tornou intolerável para o irmão atender à menina estuprada. Mas tudo isso era bom, era saudável, era verdadeiro. E efetivamente agora ela estava focada em sua vida, para confrontar sua realidade, e então fazer o que tivesse vontade. Isabela estava agindo em sua família como uma "descortinadora de véus", o que beneficiava tanto a ela quanto àqueles que quisessem se conhecer melhor.

Assim chegou a hora da despedida, com lágrimas, abraços e emoção. No final, sim, com muita emoção. Essas lágrimas eram o resultado da intensidade e do compromisso com esse trabalho, relembrando ternamente a mulher de gelo que havia aparecido pela primeira vez.

8. As palavras que curam

O QUE O DISCURSO MATERNO NÃO DIZ

LAMENTAVELMENTE, TUDO AQUIlo que não foi dito não é registrado pela consciência. Sem dúvida, conseguimos viver sem lembrar nem saber praticamente nada sobre nós mesmos, nossa infância ou nossos desejos. Na verdade, quase todos vivemos assim e o mundo não para. Esse é o maior obstáculo quando pretendemos organizar uma biografia humana. Porque se supõe que esta é uma modalidade baseada em conversas. No início, o terapeuta pergunta e o consultante responde. Mas se o que responde é "não sei", "não me lembro" ou, pior ainda, algo totalmente inverossímil, o que fazemos? Essa é a maior dificuldade. De qualquer forma, o mais importante é reconhecer que há inúmeras ocorrências que não foram nomeadas pela mãe – ou por quem deteve o discurso oficial dessa família –, havendo muito material relegado à sombra. Esse é um bom primeiro passo.

A partir daí, o terapeuta precisa se valer de grande criatividade. Porque temos de **inventar palavras** para fatos ou vivências internas que podemos imaginar, mas que vamos tateando como se estivéssemos em um quarto escuro: com delicadeza e lentidão; até "tocar" algum lugar que nos ofereça uma nova pista. Talvez o mais importante seja aceitar que aquilo que o consultante diz **não nos interessa**. Soa antipático, não é? Mas se está manchado de algum discurso alheio, desvia nossa busca. É provável que a mãe de nosso consultante tenha dito muitas coisas. Mas para nós importa apenas aquilo que **não disse**. É claro que, se não disse, é muito difícil saber. Pois bem, esse é o desafio.

Lamentavelmente não tenho uma lista de perguntas pertinentes a oferecer, de modo que vocês possam utilizá-las diante de um consultante que repete um monte de histórias pouco críveis. Terão de inventá-las in situ. O mais importante é saber que o indivíduo não consegue nomear hoje aquilo que nunca foi nomeado quando criança. E que essas palavras que nós – em nosso papel de terapeutas – diremos terão um significado transcendental.

AS BIOGRAFIAS HUMANAS REALIZADAS PELA INTERNET

Creio que esta é uma boa notícia para meus leitores. Admito que durante alguns anos me neguei sistematicamente a verificar como funcionaria a aproximação íntima entre um terapeuta e seu cliente com a mediação de um computador e uma câmera. Finalmente, para responder ao pedido entusiasmado de pessoas interessadas – especialmente na Espanha –, decidi tirar a prova. Deparei em princípio com a negativa de minha equipe. Mas alguém em algum momento disse: "Eu experimento". Experimentou. Funcionou. E foi fácil. O programa Skype parecia ter sido feito sob medida para nós. Uma vez encarado o trabalho, em poucos minutos ninguém se dá conta de que estamos separados por 10 mil quilômetros ou a distância que for. Então outros terapeutas começaram a se animar a experimentar. E os resultados são perfeitos. A intimidade não tem que ver com poder tocar-se fisicamente, mas com a capacidade de abrir o coração e chegar intelectual e afetivamente ao outro. Esse "nos darmos conta" de que o trabalho de

construção da biografia humana podia atravessar fronteiras nos garantiu entusiasmo e novas experiências. Hoje atendemos pessoas que vivem em todos os cantos do mundo (falantes do espanhol, no momento) e para nós significa também um aprendizado interminável sobre outras culturas, pensamentos e modos de vida. Não sei quais outras fronteiras poderemos ultrapassar em um futuro próximo. Talvez quando este livro esteja em suas mãos já teremos implantado muitos outros meios de questionamento, que nos facilitem ainda mais a aproximação entre as duas pontas.

JOÃO E SUA FALTA DE PALAVRAS

João é espanhol. Na verdade, catalão. Seu trabalho de construção da biografia humana foi feito pelo Skype, pela internet. Tem 34 anos, uma namorada, e não tem filhos. Ouviu-me em uma conferência que proferi em Barcelona. Está interessado em saber mais sobre si mesmo. Sua maior preocupação é que se sente inseguro, é muito tranquilo e, se não o empurram, não faz as coisas. Explicamos brevemente como encaramos o trabalho e damos início.

Seus pais são originários de Castela, mas emigraram para a Catalunha. Primeiro nasce João e depois de três anos nascem gêmeos: Manoel e Antonio. Não se lembra de nada de sua infância. Nada de nada. Portanto, a terapeuta se dedica a fazer perguntas cada vez mais específicas e concretas, mas mesmo assim consegue pouquíssimos relatos infantis. Da mãe não se lembra de nada. Exceto que sempre trabalhou. Não se lembra de que a mãe estivesse em casa quando ele se levantava. Papai preparava o café da manhã e os levava para a escola. Tentando extrair alguma informação dele, a terapeuta nota que João responde tudo no plural, e chama sua atenção para isso. Isso causa um impacto e ele diz que os três irmãos realmente sempre estavam juntos. Ninguém os olhava como indivíduos separados. Funcionavam como um bloco. Essa informação mínima o deixa tão impactado que não consegue dizer mais nada por um longo tempo. Parece que os três meninos eram muito responsáveis, por isso ninguém tinha de se encarregar de ajudá-los com a tarefa da escola, por exemplo. Mamãe, por sua vez, parecia muito desorganizada. Apesar de a terapeuta inventar mais e mais perguntas ou situações, as respostas de João se limitam a “pode ser”, “talvez”, “sim” ou “não sei”. Fazemos que ele note que tanta falta de palavras chama a atenção e que possivelmente assim tenha passado toda a sua infância.

Aparentemente não passaram dificuldades econômicas. Até administravam uma herança familiar. Parece que mamãe tinha personalidade forte. Papai cozinhava. Mas não conseguimos saber muito mais do que isso. Perguntamos sobre as relações afetivas de seus pais e ficamos sabendo que não tinham vida social. A mãe era fria, não havia espaço para sentimentos. Perguntamos sobre brigas entre os pais, mas não se lembra, só diz que ele era bom, calado e não discutia. João, de fato, não consegue se expressar, tem um rosto pálido e muito pouco expressivo. Ao ver que não temos muita informação, a terapeuta desenha um pequeno “mapa” com três garotos indiferenciados; quanto à mãe e ao pai, não sabemos ainda. Não há palavras.

João diz então que se lembra de estar à vontade em casa. No entanto, mostramos a ele que sua opção era ficar quieto, “sem causar problemas”. Mostramos que deve ter reprimido muitos impulsos primários com o propósito de responder aos pais, e que essas limitações que se impôs provavelmente o tenham deixado fraco, sem iniciativa e necessitado de que o empurrem; assim

como descreveu no início da consulta. Fica muitíssimo assustado, como se fosse a primeira vez que relaciona os fatos. Dizemos a ele que teremos de trabalhar para investigar quem é ele de verdade, e abordar o que o deixou tão desvitalizado. Provavelmente não só a ele, mas também a seus dois irmãos.

Continuamos perguntando sobre o vínculo entre os pais. Não só não havia brigas como também não havia absolutamente nada. Nomeamos "escassez" em todos os níveis. E mostramos a ele que é muito complicado conseguir que João diga alguma palavra. Foi um adolescente tranquilo, claro. Não teve namoradas e esse foi um grande problema para ele. Não se sentia capaz de enfrentar uma garota. Com certeza, em casa nunca pôde falar sobre o assunto. Acontecia o mesmo com os irmãos. Nomeamos algo de repressão sexual. Fica assustado, diz que não entende. Explicamos. Fica mais assustado. Repetimos que o maior problema é a falta histórica de palavras. Não há nada que tenha sido nomeado nesse lar. Aos 18 anos, vai para a Inglaterra estudar inglês por quatro meses. Não consegue relatar nada especial sobre essa viagem. Perguntamos sobre a relação com seus dois irmãos gêmeos. Vocês já imaginam que a resposta é: "Tudo bem". Durante a adolescência também não se lembra de brigas com os pais.

É tão pouco o que conseguimos que João diga que tentamos trazer a voz dos demais: amigos do ensino médio, por exemplo. "O que diziam de você?" Que não era pontual. E que nunca se envolvia em nada.

— E o que você sentia com isso que seus amigos diziam?

— Nada.

— Nada? Seus amigos apontavam sua falta de pontualidade, sua falta de compromisso, e você não se importava nem um pouco com o que causava neles? Aí há um único desejo... o seu. O outro não existe. Como você não existia dentro do desejo de sua mãe.

João entendeu perfeitamente. Continuamos o trabalho seguindo a cronologia, mas já levando em conta que aprendeu a viver em sua bolha, sem olhar para si mesmo nem para mais ninguém. Entra na universidade em Barcelona. Via seus colegas falando com os pais por telefone por horas, mas ele quase não ligava para eles e, se o fazia, não tinha nada a lhes dizer; falava dois ou três minutos. Tão pouca vitalidade nos chama a atenção. Não vemos por onde "entrar" em seu mundo emocional. João passou bem, mas não tinha namoradas. Não se sentia bonito, não era capaz de entabular uma conversa. Tinha muito pouca experiência, muito pouco "mundo". Perguntamos a ele se pensou nesse momento em "fazer algo". Não, se manteve assim.

Finalmente, antes de terminar seu curso, pede transferência para a Venezuela. Ali conhece sua atual namorada e única mulher de sua vida. Patrícia é uma venezuelana simpática, encantadora e de personalidade forte. Não consegue nos dizer o que Patrícia viu nele. Inicia-se sexualmente com ela, e vai adquirindo certa confiança. Morando na Venezuela, João se "solta" um pouco mais. Sente-se livre, independente, seguro. Pede Patrícia em casamento. Ela aceita e decidem voltar juntos para a Espanha. Patrícia nem tinha terminado a faculdade, mas lhe garantem que poderia concluí-la na Espanha. Decidimos encerrar o primeiro encontro fazendo um resumo de tudo o que foi visto.

Durante o "encontro" virtual seguinte, perguntamos a ele se pensou no que conversamos na vez anterior. Sim, ficou impactado ao observar sua incapacidade de relacionar-se. Pergunta

como esse "trabalho" continua, porque não está gostando do que vê. Explicamos pacientemente que é um processo que exige tempo, para tornar conscientes nossos mecanismos, observá-los, compreendê-los e então tomarmos as decisões que queremos. Recordamos o que foi visto, com uma mãe com pouquíssimos recursos emocionais e sem palavras, há escassez afetiva por todos os lados e muita solidão. João se acomoda e essa parece ser sua pulsão de vida. Procura aprovação externa a partir de uma valoração muito pobre de si mesmo. Concorda. Diz que sempre sentiu que a vida passava na frente de seu nariz e ele só observava. Acrescentamos que ele permaneceu passivo. Dizemos que chegou a hora de revisar os benefícios ocultos desse personagem: o comentário desata ideias reveladoras para João. Começa a falar com entusiasmo, finalmente!, reconhecendo que geralmente colocava a culpa nos outros, não atribuía a si o que acontecia com ele... sempre alguém ou algo era o culpado. "Preciso mudar!", diz sem que o incentivemos. ("Finalmente", murmura sua terapeuta, "o despertamos").

Então se lembra de palavras de sua mãe, "que não quis ser absorvente como a mãe dela" (avó de João). Finalmente uma lembrança de algo dito pela mãe! Comemoramos, de verdade. Ele também acrescenta que a mãe dizia que João era "igual a ela". Isso nos faz pensar (e compartilhamos com João) que talvez ele tenha ficado preso na armadilha dessa mãe, sustentando um olhar na direção dela. Essa mãe não falava, João apenas olhava para ela, para seu silêncio, sua tristeza ou sua ira. Enfatizamos o desamparo do qual ele provém, como fica suspenso no ar sem ser registrado, sem palavras e sem registro pessoal do que quer, pode ou precisa. Ninguém lhe pergunta, ninguém o nomeia, portanto não existe necessidade ou desejo algum. João diz que está surpreso ao ouvir isso. Respondemos que não estamos inventando nada, que só estamos colocando palavras no que aconteceu. Então reflete: "Será que, sendo fiel ao meu personagem, vou usar isso que você está me dizendo para colocar a culpa em minha mãe?" Comemoramos esse insight. Pelo menos começa a se dar conta de seu automático: sua passividade lhe dá o direito de não ser responsável por si mesmo. À medida que torne isso consciente, ele decidirá se deseja permanecer nessa pulsão. Continuamos a cronologia.

Patrícia não se dá bem na Espanha, não reconhecem seus estudos, tem de voltar a cursar matérias que já concluíra na Venezuela, enfim, ela é ativa e não se detém diante dos obstáculos. Os pais de João não a acolheram bem. Perguntamos se ele fez algo em favor de Patrícia. Não. Voltamos a mostrar que ele traz a esposa ao país e não consegue sequer defendê-la da agressividade de seus pais. Realmente, tem pouquíssimos recursos emocionais e, até agora, se acomodou a essa realidade. Começa a vislumbrar sua mãe como controladora, seu pai como rígido e xenófobo... e vê a si mesmo como submisso, anulado e desvitalizado. Aparentemente. Patrícia tinha lhe mostrado em muitas ocasiões a atitude de seus pais, mas João sequer conseguia admitir isso. Chama nossa atenção e dizemos. Finalmente começa a chorar. É forte acolher o choro de um homem nos encontros terapêuticos, mas nesse caso se trata de uma liberação, porque é o jorro evidente de um menino contido, preso ao silêncio de mamãe, defensor ferrenho do controle materno e morto de medo. Confessa que acaba de aceitar aquilo que Patrícia lhe mostrava.

Então nos diz que Patrícia decidiu voltar ao seu país de origem. Ele não discutiu, não reagiu, não pediu que ficasse nem lhe ofereceu nada. Dizemos que continua fiel a seu personagem.

Patrícia deseja, mas ele não deseja nada. João reage e diz que acaba de decidir tomar um avião e se encontrar com ela. Muito bem, que seja, mas que se ative, que seja responsável, que pegue sua vida nas mãos e decida por si próprio. Dizemos adeus. Alguns dias depois ele nos mandou um e-mail para avisar que estava viajando para a Venezuela, que se sentia feliz com a decisão, que não sabia se Patrícia ia querer reatar a relação com ele, mas estava disposto a ver o que o futuro lhe reservaria. Respondemos que tentasse contar a ela o pouco que tinha compreendido sobre si mesmo nesses dois encontros terapêuticos. E que, estando na Venezuela, poderia voltar a se comunicar conosco, porque o mundo globalizado tem isso: onde houver um computador e uma conexão à internet, podemos acompanhar. Recebemos um rapaz que chegou sem palavras, sem expressão, sem registro, passivo e submisso. E agora damos adeus a um jovem que tem algumas coisas a dizer.

A FUNÇÃO DAS PALAVRAS QUE DESCREVEM REALIDADES INTERNAS

Não gostaria de ser repetitiva, mas um dos aspectos mais complexos para "aprender" a construir biografias humanas é a capacidade de "inventar" palavras que nomeiem tudo aquilo que não foi nomeado por quem detinha o discurso oficial. Palavras que descrevam realidades internas passadas, contraditórias, infantis, negadas ou sublimadas. Por isso é tão importante – do meu ponto de vista – **nomear**. Nomear tudo que não foi nomeado. A palavra exata e pertinente dá um sentido exato à profusão de sensações ambivalentes que não podem existir porque estão desorganizadas e, sobretudo, porque contradizem o local de identidade que nos dá refúgio. Por exemplo, se somos reprimidos em relação à sexualidade, não conseguiremos nomear a excitação feroz que se apodera descontroladamente de nós em relação a alguém que nos deixa loucos – literalmente – e inflama locais inexplorados de nossa pele. Não há palavras em nosso léxico emocional para explicar isso. No entanto, se alguém as nomear poderemos identificá-las.

No caso de uma realidade tão frequente quanto o desamparo emocional durante a infância, é óbvio que ninguém nomeou uma coisa assim. Com certeza nossa mãe não nomeou, nem nosso pai, nem nenhum adulto próximo. O desamparo emocional, os maus-tratos, o abandono, o abuso em todas as suas formas, a solidão durante a infância, a sensação de injustiça, o medo, as fobias e todas as evidências de falta de amor, solidariedade e refúgio serão as palavras que mais utilizaremos na montagem de praticamente todas as biografias humanas. Às vezes pode ser repetitivo. Claro que, em cada história, o abuso e os maus-tratos se apresentam de maneiras distintas. Mas compete aos profissionais registrá-los, localizá-los no cenário e nomeá-los.

Uma vez que o consultante ouve palavras às quais nunca antes tinha dado um significado transcendental, saberá rapidamente se correspondem a sua realidade interna ou não. É algo automático. Porque não importa se relegou à sombra suas experiências. **A sombra não é um lugar no qual as vivências desaparecem**. Simplesmente é um refúgio no qual podem permanecer aguardando atrás da tela, até que são convidadas a participar da festa. Todo o trabalho de indagação pessoal dá a "chave", o "sinal", ou "toca" de alguma forma a campainha para que esse aspecto apareça de maneira mais visível.

Do meu ponto de vista, é importantíssimo não só nomear aquilo que vamos percebendo – que

espera ser nomeado –, mas também é imprescindível ser especialmente cauteloso. **Não se trata de interpretar**. Não, não estamos interpretando algo que quem nos consulta não sabe. Nem estamos tirando teorias grandiloquentes da cartola. Estamos apenas colocando palavras em algo que a pessoa diz sem saber que está dizendo. Por exemplo, se um consultante se lembra com riqueza de detalhes de tudo que preocupava mamãe, nós colocaremos palavras nesse "olhar para si mesma de mamãe" e nesse "não olhar para a criança que a pessoa à nossa frente foi". Não estamos interpretando nada. Estamos nomeando com palavras novas algo que o indivíduo já disse, amparado em seu discurso do "eu iludido".

Pessoalmente, as interpretações de que nós, terapeutas, nos valemos para desconcertar o consultante me deixam muito nervosa. Porque geralmente estão baseadas em nossas opiniões, juízos, estudos minuciosos sobre outros autores, pensamentos e moral, que podem ser extraordinários para nosso desenvolvimento, mas que não têm nada que ver com o território do consultante. Não acredito que um terapeuta saiba nada, absolutamente nada, que o consultante não saiba. Nossa função é similar à de um diretor de orquestra que tenta ouvir todos os instrumentos, tentando encontrar a melhor melodia do conjunto. Mas não sabemos mais do que o pianista ou o violinista. Nem temos opiniões sobre o que cada músico deveria fazer. Apenas trabalhamos para oferecer a cada indivíduo uma **visão de sua própria totalidade**.

ANA E SUA FILHA ADOLESCENTE

Ana é funcionária pública, tem 40 anos e uma filha de 14 que se chama Milena. É separada do pai de sua filha e vive com outro homem com quem não teve filhos. Mora na parte de trás de uma casa onde também residem sua mãe e seu irmão. Pede a consulta porque já não sabe o que fazer com Milena, que está sempre de mau humor e não aceita seu parceiro atual. Apesar da tentação de dizer que é "normal" que uma adolescente se mostre de mau humor com a mãe, explicamos brevemente a ela o trabalho de construção da biografia humana, ela aceita e damos início.

Seus pais provêm de famílias numerosas, muito rígidas e autoritárias. A mãe foi dona de casa a vida toda, queixosa e vítima. Têm dois filhos: a mais velha é Ana e o mais novo é Ernesto. A mãe polariza completamente os dois filhos: Ernesto é mal humorado, obeso, não gosta de trabalhar e até hoje mora com a mãe. Ana, ao contrário, sempre fez o correto, é boa, trabalhadora e não trouxe problemas. Teve uma infância sem sobressaltos, em um pequeno povoado, brincando na rua, tentando não criar problemas para a mãe. Perguntando mais detalhadamente, conseguimos saber que a mãe não só era queixosa como também passou por muitas tentativas de suicídio. Sobre quem caiu a responsabilidade de cuidar dela? Sobre Ana, claro. Colocamos palavras no que deve ter sido para uma criança acreditar-se responsável pelo desejo de viver de sua mãe... Então Ana começa a reconhecer e relembrar alguma coisa ligada ao caos que foi sua infância. Já não estamos falando de uma infância "normal" nem feliz. Mas de algo mais próximo ao que foi sua realidade interior. Perguntamos sobre o pai, mas não aparece em cena. Até agora nomeamos uma menina que faz tudo certo para que a mãe não tenha uma preocupação a mais. E, além disso, faz a mãe acreditar que ela é responsável pelo bem-estar materno. Ana chora muito ao ouvir essas palavras. Quero reforçar que nomear, nomear e nomear

com novas palavras sempre é um eixo importante da construção da biografia humana. Desenhamos um pequeno mapa, com Ana pequena, olhando sua mãe. E fazemos com que ela note que não aparece ninguém olhando para Ana. Ela fica pensativa por um momento, e analisa que seus aniversários nunca eram comemorados, porque sempre acontecia algum imprevisto com mamãe. Isso confirma o mapa. Mas basicamente vamos confirmando que isso que a terapeuta nomeia realmente se encaixa na vivência interna de Ana.

Continuamos com a cronologia. Ela termina o ensino médio, há alguns outros episódios com mamãe, mais ou menos parecidos. A seguir decide estudar enfermagem, mas exerce a profissão esporadicamente. Aos 22 anos consegue trabalho como recepcionista em uma empresa importante. Ali tem sua primeira relação com um homem casado, mas não consegue contar nada significativo. Termina essa relação e aos 26 anos conhece Estevão e se deslumbra. Diz que Estevão tinha muita personalidade, era seguro de si mesmo e estava bem situado na vida; em contraste, ela se sentia ingênua, insegura e complacente. Em poucos meses ele a pede em casamento, ela aceita, ele organiza a festa e decide quem convidar e quem não (deixando muitas de suas amigas de fora), decide onde vão morar, decide o destino da lua de mel. Decide tudo! Ana conta com brilho nos olhos, dizendo que era como estar sonhando.

— Mas você não existia nessa relação.

— É verdade. Mas nesse momento a única coisa que eu desejava era agradá-lo.

— Como à sua mãe.

— Não entendo.

Ao voltar da lua de mel, Estevão perde o emprego. Fica deprimido, se põe de mau humor, e Ana só tenta aliviá-lo. Mostramos a ela o mapa, e ali onde estava escrito "mamãe" substituímos por "Estevão". Não consegue acreditar. Temos a sensação de que ela começa a entender o que estamos mostrando. Até agora temos uma jovem que procura amor por meio da complacência. Estevão quer um filho. Ela não. Obviamente, fica grávida de imediato. Segundo conta, passa por uma "gravidez linda". O leitor já sabe, a esta altura, que teremos de investigar essa afirmação, porque não acreditamos em nada, em princípio, até que seja confirmado. Chega a data do parto, o bebê vem sentado, induzem o parto, este não avança e Ana vai para a cesariana.

Reiteramos o que vimos até agora: ela parece estar no lugar de quem nutre ou alimenta o desejo de outro, mas não aparece com um desejo diferenciado. Propomos, durante o encontro seguinte, abordar o nascimento de Milena a partir desse esboço de mapa. Antes de nos despedirmos, pergunta:

— Seria bom se minha mãe viesse fazer sua biografia humana, não é?

— Sua mãe? Que idade ela tem?

— Oitenta, mas, coitada, passou por tantas coisas na vida.

— (Mostrando o mapa) Por favor, Ana, vamos deixar de olhar para a sua mãe por um tempo e focalizar em você e em Milena, que é sua filha.

Foi um choque. Logo se recompôs e fez umas piadas sobre si mesma, consciente do que acabava de acontecer.

No encontro seguinte chegou uma hora atrasada, então houve pouco tempo para avançar no trabalho. Distraiu-se quando vinha de trem e "passou" da estação. Muito bem, é seu tempo, seu

dinheiro e sua disponibilidade. Foi um encontro forçado, já que Ana quase não conseguia emitir uma palavra. Tentamos detectar o benefício oculto do personagem complacente, mas que ao mesmo tempo não se responsabiliza por nada. Não deseja, portanto, não assume nenhuma responsabilidade. Refugia-se em um lugar infantil, é a que não sabe, não ambiciona, não decide, portanto delega a maturidade e as dificuldades a alguém que resolva. Ao colocar palavras nessas primeiras suspeitas, Ana "ficava com a mente em branco" e o trabalho em conjunto se torna mais difícil. Então decidimos ir evocando lentamente a época em que Milena era bebê. Ana não se lembra de quase nada: se chorava, se dormia muito ou pouco, não se lembra das visitas ao pediatra. Só lembra vagamente que Estevão a infantilizava e mostrava tudo que ela era incapaz de fazer. A sexualidade – reconhece – tinha sido muito pobre e empobreceu ainda mais depois do nascimento de Milena. Mais ou menos nesse momento ela suspeitou que o marido tinha uma relação com outra mulher. Efetivamente, anos depois Estevão legalizou essa relação, e a seguir teve dois outros filhos. Perguntamos a ela se nesse momento encarou Estevão, se falou sobre o assunto. Não. Voltamos a confirmar **o personagem de quem não sabe nem toma conhecimento**.

Apesar de ter formulado muitas perguntas sobre sua maternidade com um bebê pequeno, Ana quase não tem registro de nada. Volta a trabalhar depois de três meses e deixa a menina aos cuidados da mãe, que lhe diz diariamente que ela não serve para nada, que é uma mãe ruim e que Estevão vai deixá-la. Ou seja, Estevão e a mãe a infantilizam e Ana se acomoda nesse papel. Entrega sua filha à própria mãe, que tampouco se responsabiliza por si mesma. Com um ano da menina, Estevão sai de casa e Ana vai morar na casa da mãe. Estevão formaliza rapidamente sua união com a atual mulher, e leva Milena vários dias por semana para morar com eles. Ana não questiona nada. Ela começa a chorar dizendo que Estevão foi tirando a filha dela. Mostramos a ela que, na verdade, ela a foi entregando. Nesse mesmo ano conhece Carlos, seu atual companheiro. Tratamos de apresentar um panorama realista: ela concentrando sua libido em um homem a quem acabava de conhecer, uma criança de um ano de quem não tem registro, um ex-marido com uma mulher que tomam conta da menina várias vezes por semana e ameaçam tirar a menina dela por completo. Possivelmente esse casal tomava conta de Milena com mais maturidade do que Ana.

A questão é que, à medida que os anos passam, Ana trabalha cada dia mais, e Milena passa mais tempo na casa do pai. Na verdade, de segunda a quinta está na casa do pai e nos finais de semana com Ana. Perguntamos sobre o que acontecia com Milena em todo esse tempo, se ia ao jardim de infância, como começou a escola primária e, de maneira gritante, Ana sabe muito pouco. A terapeuta diz, claramente, que essa ingenuidade esconde um nível de violência invisível muito alto. Quando alguém está ao lado de um indivíduo que nunca toma conhecimento de nada a impotência e a ira crescem sem limites. Nesse momento toca o celular dela. A terapeuta lhe faz um gesto, convidando-a a atender se quiser. Ouve-se o choro incontido de Milena explicando-lhe que o pai não lhe dá permissão para ir a uma festa, que nessa casa todos estão brigados com todos, que quer voltar para a casa da mãe. Ana ouve sem emitir um ruído, incapaz de oferecer-lhe uma palavra de alento, uma ideia ou uma proposta. A terapeuta sugere que ela vá imediatamente até onde está a filha. Ao desligar, Ana diz que Milena não tem limites.

E que então ela não sabe mais o que fazer.

A essa altura, o nível de infantilidade, incapacidade e falta de recursos internos dessa mulher de 40 anos é assustador. Dizemos isso, e dizemos que nosso trabalho vai se concentrar em apoiá-la para que amadureça internamente. A decisão é dela. Dizemos a ela claramente que, enquanto ela fez sua vida, encontrou outro parceiro, estudou, se divertiu e trabalhou, houve uma menina que durante 14 anos viveu um calvário. Sozinha. Com um pai visivelmente abusivo. E uma mãe entregadora.

Durante o encontro seguinte, Ana dá mostras de seus primeiros registros da entrega da filha. Conta algumas histórias que mostram como Milena cuida da mãe, invertendo os papéis. Temos de trabalhar para que Milena volte a ocupar seu lugar de filha que merece ser cuidada. Vamos percorrendo – com tropeços e muitas faltas de lembranças – a realidade de Milena enquanto era criança. Formulamos perguntas bastante concretas e variadas sobre todos os aspectos da vida de uma adolescente. Mas Ana não sabe praticamente nada da vida da filha. Fazemos que ela note isso. Propomos que arranje algum encontro a sós com Milena e tente escutar algum pedido. Perguntamos se sente-se capaz. Acredita que sim. Despedimo-nos.

No encontro seguinte, vem preocupada porque seu parceiro Carlos se dá muito mal com Milena e ela "não sabe o que fazer". Suspeitamos que é Ana – que olha sempre para o outro lado – a geradora das brigas e discussões. Acontece que deram de presente a Milena um cachorrinho, e perguntou à mãe se poderia levar à casa dela. Ana aceitou sem consultar Carlos. O fato é que ele detesta cachorros. Então rapidamente um conflito se instala, aparentemente por causa do cachorro. Perguntamos mais exaustivamente sobre o papel de Carlos dentro dessa casa e aparece bastante impreciso. Ana sabe perfeitamente que seu marido não tolera cachorros. No entanto, não lhe ocorreu perguntar o que ele achava de trazer um animal ao lar que compartilham. Cessam os comentários. Mostramos a ela como, nesse aparente "não tomar conhecimento" de Ana, é ela quem instaura um conflito entre a filha e o marido e então "lava as mãos", dizendo que não sabe o que fazer. Coloca Milena no lugar da adolescente terrível e o próprio marido no lugar de menino deficiente sem voz nem voto dentro da família. Nomeamos isso claramente, para colocar palavras ao funcionamento que atua, mas ninguém registra.

Ela então continua com mais queixas: Milena está gorda, não para de comer, não quer ir para a casa do pai, não se importa. Dizemos que não estamos dispostas a ouvi-la. Milena é uma menina de 14 anos, madura, que implora por atenção, respeito e apoio. E tudo que recebe é uma mãe que olha para o outro lado. Então Ana chora muito, a abraçamos, dizemos que esse trabalho é extremamente difícil, mas temos a obrigação de nomear a realidade como é. Que existe uma garota sofrendo de enorme solidão e não há tempo a perder. Dizemos que, na verdade, já respondemos seu motivo de consulta: ela queria descobrir por que Milena estava sempre irritada. Já sabemos. Podemos deixar aqui o trabalho ou continuar. Ana, muito emocionada, diz que se dá conta de que não quer mais entregar a filha, quer recuperá-la.

Perguntando mais especificamente sobre a vida cotidiana de Milena, sabemos que vai de táxi todas as manhãs, sozinha, para o colégio. Perguntamos a Ana por que não a acompanha. Olha com cara de assombro. Não tinha passado por sua cabeça. Sugerimos que proponha acompanhá-la toda manhã, para ver se Milena aceita. Sugerimos também que fale com Carlos sobre o

cachorro, e que conversem juntos até encontrarem uma solução que respeite a todos na casa. E a encaminhamos à saída com uma tarefa muito concreta para realizar.

Na semana seguinte, ela nos conta que Milena riu da cara dela quando se propôs a acompanhá-la ao colégio pela manhã. Disse diretamente que aquilo era brincadeira, que sabia perfeitamente que não conseguiria sustentar essa "intenção" por mais de dois ou três dias. Que sábias são as crianças e os adolescentes. Milena tinha razão, tem uma mãe inconsistente. E chegaram a um acordo em relação ao cachorro? Carlos falou com Milena. "Por que Carlos e não você, que é a mãe?" Ana fica muda, como uma criança pequena. Voltamos a mostrar o personagem da menina ingênua que não se responsabiliza por nada, e os desastres que produz ao seu redor, sobretudo em sua filha, que se vê obrigada a assumir o papel de quem decide, sabe e se responsabiliza. Ana promete a si mesma acompanhar a filha ao colégio todas as manhãs, aconteça o que acontecer. Damos nosso estímulo, dizemos que seria um grande movimento, concreto, cotidiano, silencioso e contundente. E que nosso trabalho é acompanhá-la nesse processo invisível mas poderoso.

Nos encontros seguintes, começa se queixando de Milena; a profissional desarma suas queixas, torna a colocá-la no lugar de ser parcialmente responsável. Depois de deixarmos o panorama bem estabelecido – como se fosse um ajuste de cada vez –, retomamos o trabalho. Acontece que Milena quer acompanhar a mãe em nossos encontros. Ana diz a ela espontaneamente que isso não é possível. A terapeuta pergunta por quê. Fica muda novamente. Dizemos que se Milena quer acompanhá-la é porque percebe que algo está acontecendo nesse local, algo que beneficia a todos. Parece que Milena sente que aqui há um espaço nutritivo, e obviamente deseja participar. Propomos que ela a convide, por que não? Nosso objetivo está centrado em tirar Ana de seu papel de criancinha pequena para assumir seu lugar de adulta e mãe. Todo espaço que quiser ser ocupado para pensar mais em favor de todos é bem-vindo.

Realmente, no encontro seguinte Ana surge com a filha. Milena estava um pouco intimidada, sua cabeça doía, estava irritada porque tinha ido mal em uma prova do colégio, mas pouco a pouco foi ganhando confiança. A profissional pergunta se ela sabe do que trata esse espaço. Diz que a profissional é alguém que está ajudando sua mãe. Dizemos que é isso mesmo, que sua mãe está procurando ajuda para tentar se relacionar melhor com ela. Então Milena se põe a chorar. Por alguns instantes são soluços que a deixam sem respirar. Milena tem um pouco de sobrepeso, é muito inteligente, vivaz, sensível e, desde já, sobreadaptada. Também está muito irritada com a mãe. Então começamos a falar sobre vários assuntos, a saber: seu vínculo com a mãe. Milena diz: "Ela nunca está, e quando está se desentende comigo, toda vez que preciso dela não consigo localizá-la pelo celular. Mamãe chega atrasada em todo lugar". Chora e chora. Ana tenta se defender. Mas não contradiz a filha. Também fala sobre sua relação com Carlos: "Com Carlos não existe vínculo, é horrível conviver com uma pessoa que nem fala com você. Desculpe, ele só fala comigo para gritar". Ana tenta defender Carlos. Milena não aceita desculpas. Conta também uma situação de enorme abuso emocional por parte da sua avó e do tio maternos. Sobre seu vínculo com eles, diz: "Não suporto os dois, minha avó é cansativa com tantas queixas, talvez tenha razão, está velha e minha mãe delega muitas coisas a ela. Mas não é para mim que ela tem de reclamar, não é, mami?" (vira o rosto olhando ironicamente para a mãe). "Meu tio é

um boa-vida: leva a namorada e a filha de 12 anos todos os fins de semana para dormir na minha casa, a menina dorme no meu quarto, eu tenho que aguentar, mamãe não diz nada e (outra vez olhando para a mãe) nem pergunta se pode vir com toda essa gente, não sei como você aguenta isso, mamãe, é a nossa casa". Ana fica muda. Sobre a avó Lúcia (paterna): "É a única pessoa com quem me sinto bem, me conhece, sabe como sou, sempre me dá amor". Então começa a soluçar com muita angústia, até não conseguir mais articular uma só palavra. Ana fica muda e paralisada. A terapeuta espera até que Milena consiga parar de chorar e começa a nomear com palavras simples coisas sobre a história de mamãe, sobre como foi sempre tratada como criança (coisa que não facilitou para tomar conta da própria vida). Mas acrescenta também que é uma mulher cheia de ternura e muito corajosa, que quer retomar o leme de sua vida e recuperar com ela o tempo perdido. Sabe que é responsável por muitas coisas que aconteceram, mas também é verdade que sempre gostou muito dela e por isso agora está fazendo esse trabalho, que não está sendo nada fácil para ela. Milena olha para a mãe com olhos grandes, como se pela primeira vez seus sentimentos encaixassem em palavras. Milena vai se acalmando à medida que ouve palavras cheias de compreensão e carinho.

Para terminar o encontro, a profissional pergunta a Milena se tem algum pedido especial para a mãe. Milena não hesita, e diz: "Mamãe, você já sabe que quero tirar férias com você, nós duas sozinhas, uma vez na vida. Você e eu". Muito bem, o pedido foi claramente formulado. Despedimo-nos delas, esperando que uma vez na vida Ana consiga atender a esse pedido concreto de sua filha. Dizemos que a maturidade de Milena é flagrante e que consegue se expressar com simplicidade e contundência o que acontece e o que espera. Com uma mãe tão infantil, sua única opção é assumir o papel de madura. Nosso trabalho estará centrado em colocar em jogo as capacidades altruístas da mãe, para que a adolescente possa desempenhar o que lhe cabe: um período de exploração, diversão e relação entre pares, sem ter de cuidar da mãe.

No encontro seguinte, Ana conta com alegria – e esperando nossa aprovação – que já comprou um pacote de férias, que inclui uma semana no hotel com alimentação no destino que Milena queria. Mas com um detalhe... incluiu Carlos. A profissional pede para ela parar. Olha para ela. Pergunta a Ana o que acha que está fazendo. Ana não entende, está feliz, sentindo que cumpriu o combinado. A profissional volta a mostrar a ela que ela não consegue concretizar um único pedido de sua filha adolescente: passar uma semana **sozinhas** – ou seja, que a mãe lhe dedique um tempo exclusivo. Infantilmente, compra as férias para os três, respondendo a seu próprio desejo, não ao de sua filha. Ana não dá importância. A profissional insiste. Explica que, dessa maneira, Milena saiu perdendo de novo. Ana, com seus atos "inocentes", diz à filha, mais uma vez, que não está interessada em satisfazê-la. Ao contrário, teria sido uma demonstração de autonomia emocional falar com Carlos e explicar a ela que pela primeira vez na vida queria tirar férias com a filha, as duas sozinhas, para se dedicar completamente a ela, porque está precisando. Isso era tudo que precisava fazer. Mas ainda se refugia em sua personagem de criancinha inocente que não se dá conta do que faz. Não fez o movimento. Deixamos isso bem claro e, a partir do papel profissional, com uma hipótese clara, apenas insistiremos para demonstrar a mesma dinâmica, várias vezes, enquanto a consultante esteja disposta.

9. A busca de si mesmo

CADA BIOGRAFIA HUMANA É UM UNIVERSO EM SI MESMO

Poderíamos multiplicar até o infinito os relatos dos desenvolvimentos das biografias humanas das pessoas, mas ainda assim seria impossível abordar a magnitude de experiências pessoais, sentimentos, descobertas, ambivalências e, sobretudo, criatividade na hora de pensar e pensar sobre si mesmo. Ao receber uma pessoa que procura ajuda, somos como um artista diante da tela em branco: com todas as possibilidades disponíveis para ser desenvolvidas. Por isso, o melhor é escutar – ativamente – e colocar nossa capacidade intuitiva a serviço de um aspecto mais espiritual, mais bonito, em busca de um sentido profundo.

Costumo sugerir que a melhor maneira de receber um indivíduo que nos consulta é dando-nos alguns minutos para meditar ou para o recolhimento interior, a fim de nos alinharmos com a energia que está para ingressar em nosso campo de experiência. O propósito é que nossa energia esteja aberta e, da maneira mais limpa possível, em vez de ficar intoxicada por uma consulta anterior, por nossas preocupações pessoais ou carregadas de preconceitos ou cansaço. Já sei que nem sempre as coisas são tão ideais na vida cotidiana. Mas pelo menos é bom saber que acompanhar processos de questionamento pessoal de outros indivíduos exige uma boa limpeza espiritual. Não é imprescindível que tenhamos vidas perfeitas nem todas as coisas resolvidas – aliás, se acreditássemos nisso, seria a partir do personagem do negador empedernido –, mas temos de ter consciência de nossa realidade emocional para poder olhar realidades alheias.

Cada vez que abordamos com respeito e tato a interioridade ferida de um ser humano, estamos empreendendo um caminho sem saber para onde nos conduz. Lançar-se à aventura é parte da questão. Não temos objetivos, não há resultados que esperamos conquistar, não emitimos nenhum conselho nem oferecemos alívio algum. A proposta é: **caminhemos juntos**. É meu propósito – em próximos livros – continuar oferecendo exemplos e mais exemplos, não porque tenham um significado especial nem porque sejam casos excepcionais, mas porque acredito que, no somatório de experiências, vamos nos treinando mais e melhor.

A BUSCA DE SI MESMO

Obter segurança é a necessidade básica quando nascemos. Se não obtemos aquilo de que necessitamos, logo aprendemos a nos defender dos impulsos que não coincidem com a realidade externa. Por exemplo, se sentirmos raiva de nossa mãe, rapidamente inibiremos esse sentimento, porque necessitamos dela para nos abrigar e amparar, de maneira que não é muito prudente colocar-se contra ela em épocas iniciais. O que fazemos então é gerar mecanismos de defesa, para fazer crer a nós mesmos que **não nos acontece aquilo que realmente acontece**. É assim que organizamos nossos personagens, que são nosso melhor refúgio. Por isso, não importa tanto o que acontece, mas **o que dizemos a nós mesmos sobre isso que nos acontece**.

Tudo isso que realmente acontece conosco podemos **reprimir, projetar, substituir ou**

sublimar. Às vezes precisamos reprimir formas positivas de autoexpressão para nos adaptarmos à realidade circundante. Por isso, eliminamos tantos aspectos positivos como negativos de nosso ser interior. Às vezes substituímos inclusive nossas melhores virtudes, as mais elevadas ou espirituais. É interessante observar como nos organizamos para fazer desaparecer da consciência nossa grandeza interior, porque nossa sombra não se constitui necessariamente juntando aspectos negativos, mas, muito pelo contrário, às vezes está repleta de aspectos positivos que entram em contradição com aquilo que se espera de nós. Ou seja, com "isso" que vai se constituir em nossa **identidade**.

Há um primeiro passo, então, em todo processo de busca pessoal: a intenção de observar a distância existente entre o "eu profundo" e o personagem com o qual "saímos à rua". Para isso, tentei descobrir, de maneira muito franca, alguns exemplos cotidianos e comuns com os quais podemos facilmente nos identificar, com a intenção de nos aproximarmos aos poucos de uma abordagem possível, pela construção da biografia humana. É claro que há tantas biografias humanas quantas pessoas no mundo, sendo cada história única e original. Portanto, fica difícil para mim condensar em poucos exemplos a enorme gama de desafios que nos são apresentados diante de cada "discurso de eu iludido" e os truques para conseguir desarmá-los. Mas com paciência, tato, sensibilidade e treinamento podemos fazê-lo cada vez com melhor "pontaria".

Uma vez que possamos olhar nossa tessitura com maior amplitude, e reconhecermo-nos como uma pequena parte de um Todo Universal, talvez nos interesse unirmo-nos a uma busca mais ampla, por meio do impulso de encontrar o **significado de nossa vida**, ou seja, a capacidade de atribuir certo sentido aos acontecimentos ou às experiências. Na verdade, em todas as culturas, organizamos símbolos e crenças para dar um significado a isso que nos acontece. Suponho que essa seja uma boa estratégia para suportar épocas difíceis ou sofridas. Normalmente precisamos que nossas experiências se insiram em um quadro explicativo, que abranja múltiplas variáveis, para contemplar o que está nos acontecendo de uma perspectiva ampliada. Ou seja, não só a partir de nossa **evolução pessoal**, mas também da **evolução coletiva**. Essa visão de conjunto nos dá tranquilidade e, sobretudo, maior compreensão. Muito bem, por que algumas pessoas se inclinam mais a pensar globalmente e outras parecem estar atoladas em nossa pequena vida privada?

Nós, indivíduos, temos múltiplas necessidades. As mais básicas se referem às puramente fisiológicas, as relacionadas com o oxigênio para respirar, o alimento, o sono ou a satisfação sexual. Então há necessidades um tanto mais elevadas, como as de estabilidade e alguma forma de segurança. Então temos necessidades de amor, pertencimento, contato físico ou amizades. Continuamos em uma espiral ascendente, necessitando de autonomia, competência e certo grau de reconhecimento. Até chegar às necessidades de ordem superior, como a realização pessoal, a busca da verdade, a criatividade ou o desejo de justiça. Claro que essas necessidades variam segundo a idade, já que os níveis inferiores vão interessar a uma criança, mas em troca os adultos tendem a ir "ascendendo" nas necessidades, à medida que as anteriores foram cobertas. É provável que o desejo de **alcançar níveis espirituais seja inato no ser humano**, tanto quanto desejamos amar e ser amados, alimentar e ser alimentados. Claro que, à medida que vamos escalando, torna-se mais exigente, os desafios são maiores e temos de tolerar a angústia pela

perda de segurança enquanto penetramos áreas desconhecidas da consciência.

Justamente, o propósito – eu acredito – de todo processo terapêutico é ir abordando o caminho no sentido do **Eu Superior**, ou seja, no sentido dessa parte de nós mesmos que deseja **transcender** enquanto procura a verdade, tenta compreender qual é o serviço que lhe cabe em favor do próximo e como ter acesso à união com todas as coisas. Normalmente partimos de um lugar muito mais simples: partimos de um problema pessoal. De um sofrimento mundano. Coisa totalmente legítima, se pelo menos tentamos contatar com o **Eu Verdadeiro**, esse que se encontra escondido atrás da máscara, ou do personagem, assim como vimos nos capítulos anteriores. Todos usamos máscaras na vida cotidiana, é a imagem **positiva mas falsa** de cada um de nós. **Por baixo reside a sombra**. Ao mesmo tempo, todos temos suspeitas do material que se esconde em nosso interior, ainda que os demais não saibam. Nossa máscara é feita de fragmentos de nosso eu, e às vezes escondemos as partes mais valiosas de nosso ser interior. Muitas pessoas rechaçam as terapias ou os sistemas de questionamento interior, porque temos medo de não saber como enfrentar o que consideramos negativo em nós. Inclusive tendo iniciado algum processo terapêutico, apresentamos resistências quando cabe a nós olhar com mais profundidade. O problema é que para chegar **ao eu verdadeiro** é imprescindível despojarmo-nos de nossa máscara e enfrentarmos o que existe. O interessante é que há tanto de positivo como de negativo. Mas não sabemos. Todo processo de questionamento pessoal começa procurando o **eu verdadeiro**.

Entrar em contato com o eu verdadeiro ou autêntico não nos garante um estado de felicidade ou beatitude, mas simplesmente a possibilidade de viver com dores e alegrias sem ter de nos ocultar. Já vimos como, desde crianças, aprendemos a viver uma fachada para não deixar nossos pais bravos ou para corresponder ao que esperam de nós. É um mecanismo que temos aceitado desde o dia de nosso nascimento. Por isso, será necessário modificar os condicionamentos e as pautas que adquirimos quando crianças. Ao acompanharmos processos no sentido da própria sombra, acontece com frequência de nos encontramos "dando permissão" a outro adulto para que se dê o direito de viver como quiser, sem continuar respondendo aos desejos inconscientes de mamãe ou papai. É possível que haja partes de seu eu que não foram reprimidas, mas que simplesmente ninguém estimulou. Há pessoas que necessitam de permissão para se autoafirmar, outras para reconhecer seus aspectos mais vulneráveis. Em todo caso, fazê-los ver que o que quer que encontrem em seu interior **é válido** e merece ser vivido, podendo ser o primeiro passo para se conectar novamente às partes de si mesmo que tinham sido rechaçadas. Na verdade, tudo isso não é mais do que um caminho possível no sentido da **aceitação do eu autêntico**.

Dizíamos então que o eu verdadeiro reflete a parte mais íntima de nossa natureza individual. Encontrá-lo não é fácil, porque somos obrigados a **nos desprender de nosso falso eu** que fomos assumindo ao longo de nossa existência (o que, em capítulos anteriores, chamei de "personagem" ou "identidade" ou "máscara luminosa"). Teremos de nos confrontar com velhos modelos de personalidade, e isso provavelmente nos gerará medo e incerteza e sentiremos que não temos mais defesas. Muito bem, inclusive nesse processo de entrar em contato com o eu autêntico não temos garantido o contato com o **eu superior**. Olhar nossa sombra não nos traz

implícita a transcendência nem a fusão com a Totalidade. Quero dizer, tocar o Eu Verdadeiro não é a revelação definitiva, nem perto disso. Há ainda muito caminho a percorrer. Claro que podemos ir além, através da meditação, da religião, da introspecção e de muitos outros recursos para atravessar as fronteiras do eu individual até ter a vivência de outro **eu mais profundo**. Encontrar o **Eu Superior** tem que ver com a transcendência, com sentir que em um nível muito profundo somos feitos de algo muito mais vasto do que nós mesmos. Quando chegamos a esse ponto, o Eu Superior nos estimula a usar nossa energia em prol de algo maior do que nós mesmos. É então que **nos vemos inclinados ao serviço**, porque sabemos que cabe a nós desempenhar um papel para que o mundo seja um lugar melhor. Sentimos a entrega no sentido de algo superior. Então passamos da autorrealização à transcendência. Claro que nessas buscas costumamos renunciar a identidades obsoletas, portanto é lógico que coloquemos resistência a entrar em contato com nosso lado sublime.

Tudo isso parece bonito, mas exige muitíssimo trabalho e dedicação. Também é preciso que sejamos capazes de reconhecer quando a espiritualidade funciona como um refúgio infantil, em vez de ser consequência de ter entrado em contato – previamente – com o Eu Autêntico. Isso é mais do que frequente, e é comum que façamos parte da ilusão coletiva. Muitas pessoas – em nome da espiritualidade – **reprimem o que acreditam haver de negativo nelas**. Mas, nesses casos, **não será possível transcender** nem dominar nada, já que, simplesmente, estamos assustados. Há uma linha tênue entre **transcender e reprimir**. Podemos reprimir acreditando que é uma área sob nosso domínio. No entanto, é ridículo acreditar que dominamos algo cuja existência negamos. Antes temos de ter aceitado a dor, a raiva, a frustração ou o que for, porque são partes de nosso eu. Temos de deparar com nossa sombra, com o desamparo, com a dor por aquilo que não obtivemos, pela esperança de que mamãe gostasse de nós como teríamos necessitado. Do meu ponto de vista, é indispensável percorrer os aspectos obscuros de nossa identidade ao lado de uma pessoa experiente, generosa, aberta, sábia e contemplativa. A construção da biografia humana é uma maneira possível. Não é a única nem a melhor. É uma entre muitas outras modalidades. Todos esses sistemas de questionamento são como "roteiros de viagem" que o ser humano desenvolveu ao longo da história para nos guiar no processo de conhecimento interior. Uma vez abordada nossa história pessoal e nosso tecido familiar, o papel que ocupamos em nosso mapa, os benefícios de nosso personagem e os jogos vinculares, então sim, em profunda compreensão de nossa realidade emocional, talvez estejamos em condições de transcender e nos colocar a serviço da humanidade.

Preparar-se para acompanhar os processos de questionamento pessoal de outros indivíduos é isso: estar disposto a enfrentar os próprios demônios. Não é imprescindível que tenhamos vidas perfeitas, nem felizes, nem sem conflitos. Mas é inevitável que conheçamos a dor da escuridão e treinemos o olhar para observar as realidades global, generosa e abertamente, em favor da evolução de todos. Só então saberemos que os conselhos são inúteis, que não sabemos mais do que ninguém, mas simplesmente temos a capacidade de olhar a realidade a partir da sombra, ou seja, de um lugar em que não estamos cegos pelo excesso de luz. Nem pela luz dos discursos bonitos, nem pela luz das personalidades avassaladoras ou simpáticas, nem pela luz das identificações. Ajudar o outro a conhecer a si mesmo é levá-lo pela mão no sentido de sua

própria escuridão. Não sei se há algo mais amoroso que um ser humano possa fazer por outro.

É verdade que uma vez que encaramos a vida com esse compromisso emocional em relação a nós mesmos e à humanidade toda acabaremos cultivando nossos aspectos mais elevados, que logo se integrarão com a totalidade de nossa personalidade. São épocas de flutuações entre luz e escuridão. Há momentos em que explodimos de júbilo, como se na hora enxergássemos claramente e soubéssemos tudo, mas momentos depois caímos nas mesmas tensões e no mesmo estresse das pessoas a quem acompanhamos. É assim. Estamos **fundidos** com todo o sofrimento e todas as esperanças. Também pode acontecer que não tenhamos muita paciência para as atividades puramente sociais, sobretudo quando são falsas, ou seja, quando fica estabelecido que é preciso se vincular apenas **de personagem em personagem**. Essas máscaras que nos serviram durante tanto tempo e nos protegeram caem em desuso e nos machucam. E, pior ainda, somos testemunhas de como as máscaras limitam os demais indivíduos em relação à compreensão de si mesmos, mas eles, no entanto, se aferram a elas porque é tudo que conheceram até o momento. Segundo as "normas" sociais, nos comportamos educadamente, fazendo o que nosso personagem sabe fazer. O conhecido sempre é mais seguro para uma alma infantil. Ou para uma alma muito ferida. Há um momento em que já não podemos deixar de ver o que vemos. Vemos as almas despidas, vemos o medo, a necessidade de ser amados de tantos homens e mulheres que transitam pela vida atolados em uma ferida infantil: essa da qual não podemos escapar, porque ainda estamos esperando o amor de mamãe. Saber isso, confirmar, estudar, conhecer nossa realidade emocional – por mais sofrida ou carente que tenha sido – é o primeiro passo no sentido da transcendência.

LAURA GUTMAN

O PODER DO DISCURSO MATERNO

Introdução à metodologia de construção da biografia humana

EDITORA ÁGORA